

MARIA IZA GERTH DA CUNHA

EDUCAÇÃO FEMININA NUMA INSTITUIÇÃO
TOTAL CONFSSIONAL CATÓLICA
COLÉGIO NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO

Tese apresentada ao Departamento de História
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora-doutora Esmeralda
Blanco Bolsonaro de Moura

São Paulo
1999

Maria Iza Gerth da Cunha

Educação Feminina numa Instituição
Total Confessional Católica
Colégio Nossa Senhora do Patrocínio

Comissão Julgadora

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

PRESIDENTE E ORIENTADOR:

1º EXAMINADOR:

2º EXAMINADOR:

São Paulo, de.....de.....

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 | |
| A CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY E O IDEAL DE DIFUSÃO EDUCATIVA | 16 |
| 1.1 Buscando as raízes | 17 |
| 1.2 Finalidades da Congregação | 19 |
| 1.3 Escolhendo as operárias | 21 |
| 1.4 Vínculos jesuíticos | 23 |
| 1.5 Campo fértil ituano | 26 |
| 1.6 Ultramontanismo | 28 |
| 1.7 O papel reservado à mulher no pensamento católico ultramontano | 33 |
| 1.8 Emblemas de virtude | 39 |
| CAPÍTULO 2 | |
| MADRE THEODORA E A FORMAÇÃO DE “GUARDIÃS DA MORAL” | 47 |
| 2.1 Início da grande obra | 49 |
| 2.2 Primeiros desafios | 51 |
| 2.3 Semeando virtude | 66 |
| 2.4 Salutares ensinamentos | 69 |
| 2.5 Conteúdos simbólicos | 71 |
| 2.6 Rumo à santidade | 87 |

CAPÍTULO 3

| | |
|--|-----|
| “REDIL DAS VIRGENS DE NEGROS VÉUS” | 89 |
| 3.1 Produção e difusão de virtudes | 93 |
| 3.2 Reminiscências | 95 |
| 3.3 Humanismo escolarizado | 97 |
| 3.4 Estratégias de implantação | 100 |
| 3.5 Emulação e disciplina | 101 |
| 3.6 Belas-letas, homogeneidade e distinção social | 103 |
| 3.7 Seleção e codificação simbólica | 107 |
| 3.8 Arquitetura monástica | 111 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 114 |
| | |
| FONTES PRIMÁRIAS | 121 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 122 |
| | |
| ANEXOS | 130 |
| | |
| RÉSUMÉ | 192 |

AGRADECIMENTOS

Nenhuma investigação histórica que se pretenda rigorosa pode prescindir da colaboração de outrem, sujeitos institucionalizados ou não, que, de um modo ou outro, nos apontam trilhas, indicam pistas, nos fornecem indícios, enfim, contribuem para desvendarmos o objetivo de investigação. Assim, os agradecimentos que se seguem estão especial e devidamente direcionados às pessoas e instituições que muito particularmente nos ajudaram na reconstituição de alguns aspectos da memória desta instituição educacional. Manifestamos nossa gratidão a todas elas e de forma especial:

à professora Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura por ter aceito este projeto;

à Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, especialmente às Comunidades da Santa Casa de São Paulo e do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu que abriram suas portas, colocaram seu acervo à nossa disposição, facilitaram nossa pesquisa e principalmente nos acolheram carinhosamente, fazendo-nos sentir parte de sua grande família;

ao Monsenhor Jamil que gentilmente permitiu a consulta em diversos documentos guardados no Arquivo da Casa Paroquial de Rio Claro;

aos funcionários das seguintes instituições: Centro de Memória – Unicamp, Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp, Arquivo da Prefeitura Municipal de Campinas, Mosteiro Jesuíta de Itaici – Biblio-

teca da Vila Kostka, Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo da Cúria Metropolitana de Campinas, Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo;

às companheiras de pesquisa do Centro de Memória – Unicamp: Terezinha Quaiotti, Rosa Fátima, Ana Maria, Rosa Lydia, Marcus e Renata — com vocês aprendemos muito mais do que buscamos;

à Irmã Carmela, sua colaboração foi fundamental, mais que amiga e profissional, acompanhou lado a lado todo o processo, enriquecendo-o com comentários e descobrindo pitorescos atalhos nesta caminhada;

à professora Nanci Leonzo, pela sua capacidade profissional, competência e atenção, acima de tudo pelas valiosas sugestões que nos fizeram encontrar nas entrelinhas das fontes pesquisadas elementos que nos permitiram enxergar o objeto da pesquisa a partir de uma perspectiva diferenciada daquela que até então vínhamos perseguindo, qual seja enveredar pela trilha de Madre Theodora por meio de biografias já escritas e publicadas;

ao Dr. Augustin Wernet pelas contribuições e sugestões apresentadas no Exame de Qualificação dessa pesquisa;

ao Cunha a quem os sentimentos fluem, profundos demais para gratidão, amplos demais para a longa explicação do coração, nosso agradecimento pela colaboração, pelo amplo investimento financeiro, pelas viagens às fontes, decifrando comigo os manuscritos de mais de um século e elaborando incontáveis listas, lendo, digitando. Divido com você este trabalho;

ao Kaká, Renato e Mariana por vocês serem o que são;

ao Edward, Elizete, Isbela pelo incentivo e colaboração na iconografia utilizada;

ao Dr. S. L. Brenelli pelo suporte profissional e incentivo, num momento em que tudo parecia perdido;

ao Michel e Roberta pela viagem a Chambéry e o apoio fundamental no aperfeiçoamento do francês;

à Capes, que financiou parte desse trabalho;

à Lucélia, que sob pressão do tempo, não poupou esforços para revisão, diagramação e impressão final do trabalho.

Gerth, Nair, Irmã Ida de Jesus,

“As coisas que amamos, as pessoas que amamos são eternas até certo ponto. Duram o infinito variável no limite do nosso poder de respirar a eternidade.”

DRUMMOND

INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho vincula-se a um grupo de estudo organizado pelo professor José Roberto do Amaral Lapa, do Centro de Memória – Unicamp, e que tinha por objetivo resgatar as propostas educacionais da região de Campinas nos idos de 1850. Nesse contexto, coube-nos o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, fundado em Itu, em 1859. Foi a primeira instituição educacional confessional católica da província de São Paulo destinada à educação de meninas e dirigida por uma congregação religiosa francesa. Até então, se uma família paulista desejasse uma formação mais aprimorada para sua filha, tinha de recorrer a preceptoras vindas de outros países. À medida que as discussões iam avançando, íamos amadurecendo a idéia de desenvolver um estudo mais amplo sobre a Congregação das Irmãs de São José de Chambéry e a figura de Madre Maria Theodora Voiron como representante desta Congregação no Brasil e sua participação fundamental no desenvolvimento de uma proposta educacional feminina voltada para a formação religiosa e moral.

Chamava-nos a atenção, o fato de Madre Theodora ter sido posta para dirigir essa Congregação com apenas 24 anos de idade e ter aí permanecido até sua morte, em 1925, decorridos, portanto, quase 66 anos.

Ao nosso ver, aquela jovem de tão pouca idade deveria possuir atributos singulares que justificassem sua indicação para assumir uma função de tamanha envergadura, particularmente num momento em que a diocese paulista passava por uma séria crise.

Conforme íamos avançando no estudo da bibliografia específica levantada, éramos remetidos à vinculação desta Congregação com parte da oligarquia paulista que, juntamente com o clero, na pessoa de D. Antônio Joaquim de Melo,¹ incentivou e facilitou sua implantação em solo ituano. Neste contexto, a participação da oligarquia tornou-se importante para a difusão de uma proposta educacional feminina compatível com os interesses do catolicismo da época. Pois,

quando o espírito do Conselho de Trento se fez sentir, e as propostas da Contra Reforma começaram a surtir efeito, a questão da educação feminina foi afetada, e houve um impulso decisivo quanto à generalização da instrução popular. A arma da educação maciça foi brandida pelas autoridades católicas para lutar contra a heresia. Os devotos convencidos do papel preponderante das mulheres na reconquista religiosa, concentraram seus esforços tendo em vista melhorar a instrução delas. A importância da família no projeto de evangelização tridentino, concedeu à esposa e mãe um novo papel: o de educadora. Era preciso prepará-la para que desempenhasse.²

Desta forma, a educação preocupava-se muito mais em torná-la dama apta ao convívio social, mãe e educadora, do que para outra fun-

¹ 1º bispo ituano a ocupar o sólio paulista.

² ALGRANTI, Leila, *Honradas e devotas: mulheres da colônia*, p. 47.

ção qualquer. O princípio adotado era de refinamento e aprimoramento de maneiras e modos de vida.

Poderíamos explicitar como sendo um esforço de aquisição de posturas que desse a todo ato natural uma marca de superioridade.

Essa preocupação esteve sempre atrelada ao lastro religioso preceituado pela moral ultramontana, ou seja, educar solidamente na prática de virtudes, amor à religião e afeto às obrigações que ela impõe, recebendo ornamento cultural compatível com o lugar que ocupa ou ocupará na sociedade.

Em suma, o objetivo mais amplo seria: modelar o caráter da educanda conforme os preceitos morais e católicos através da prática de virtudes, do conhecimento das práticas religiosas e da assimilação dos exemplos preservados pela história. Assim sendo, elas seriam cultas, polidas e, acima de tudo, cristãs, católicas convictas que difundiriam na família e na sociedade os valores do catolicismo romanizado.

Por outro lado, o avanço no estudo da bibliografia específica nos remeteu a uma outra fonte, ou seja, alguns jornais da cidade de Campinas que circularam entre as décadas de 1860 e 1880 e que muitas vezes registraram acontecimentos ocorridos na cidade de Itu. Entre eles, alguns se destacaram por seu discurso civilizatório republicano, como *A Gazeta de Campinas*, veículo dos anseios dos cafeicultores do oeste paulista; *O Constitucional*, que, do mesmo modo, propunha o desenvolvimento da sociedade campineira, mas defendia uma monarquia liberal; *Diário de Campinas* e *Opinião Liberal*, aliados das idéias de seu precursor, *A Gazeta de Campinas*. Esta documentação assumiu importância para a pesquisa à medida que esses jornais são veículos de informação dos acontecimentos públicos, políticos, religiosos e culturais, entre outros, do cotidiano muitas

vezes formal da sociedade do oeste paulista. Por se tratar de órgãos formadores de opinião e, portanto, parciais, os jornais não foram vistos como fontes objetivas de verdades históricas, mas como esclarecedoras de uma visão vinculada a interesses determinados.

A leitura e análise de jornais da época trouxeram “pistas” que nos indicaram outras interpretações ligadas ao contexto social desse período, evidenciando o imaginário coletivo da época, refletindo percepções e valores. Nesta análise, observamos que os artigos tinham o objetivo, por exemplo, de mostrar qual a função da mulher: o dever de mãe e de esposa. A exposição feita pelo comentarista assumia um tom doutrinário, moralista, revelando a intenção de proteger este papel feminino contra as mudanças de um mundo em transição. Saber línguas estrangeiras, obter noções de algumas ciências, não afetaria o papel da mulher. Este é o campo de consenso que unia os interlocutores das diferentes correntes dos jornais analisados. Entre os jornais pesquisados no Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp, encontram-se: *Correio de Campinas* (1885-1887), *Opinião Liberal* (1882), *O Constitucional* (1874-1875) e *A Gazeta de Campinas* (1875-1880), cujos temas foram selecionados por sua importância e ligação com esta pesquisa.

Importantes fontes primárias foram encontradas no arquivo do colégio, tais como prospectos, cadernos de alunas, livros de visitas e acervo iconográfico.

Utilizamos biografias publicadas sobre Madre Theodora escritas em português e italiano e que se apresentam como reveladoras de representações não muito diferenciadas entre si e nos fazem visualizar que Madre Theodora encarna um ideal de formação de mulher, síntese de todas as virtudes e de toda moral compatível com os valores católicos da época.

A Congregação de São José de Chambéry publicou duas biografias de Madre Theodora: uma em português, em 1937, e outra em italiano, em 1953. Uma terceira biografia é publicada por Olívia Sebastiana Silva, em 1979. Consideramos esta biografia de uma importância peculiar, pois foi elaborada tendo como fontes principais cartas escritas por Madre Theodora. Uma Quarta, por Carlos Coelho Faria, em 1977, e, por último, uma quinta, por Carlos Roberto Carvalho Machado, em 1982. Tudo nos leva a crer que tais publicações se deram no sentido não só de divulgar, mas fundamentalmente de exaltar a figura e as realizações de uma mulher que se tornou um baluarte da Congregação de São José de Chambéry no Brasil e que, por isso, seu exemplo merece atravessar fronteiras uma vez que essa religiosa permaneceu na administração de 1859 a 1925. É exatamente neste limite que estaremos desenvolvendo nosso trabalho.

A importância do uso dessas biografias nos possibilitou analisar aquilo que os limites das fontes primárias não nos permitiu, justamente abstrair desses textos o projeto educacional feminino da Congregação. De que maneira, por intermédio de Madre Maria Theodora, como superiora da Congregação, esse projeto se transmuta e se torna objetivo. Como, em tais biografias, perpassa todo esse ideal de educação, ancorada numa cultura religiosa de piedade e fé, desenvolvendo e assegurando nas educandas valores espirituais eternos, através de práticas e ritos.

Temos clareza quanto à polêmica que enseja o uso de biografias no campo da historiografia. Contudo temos clareza também de que o recurso exclusivo à biografia, sem sua correspondente leitura e situação contextual, social, histórica, econômica, cultural, tende a impor limites e parcialidade à narrativa histórica. Por essa razão, acreditamos que não podemos perder de vista a necessidade dessas leituras e, neste

sentido, Bourdieu tornou-se imprescindível.³ Por outro lado, consideramos importante chamar a atenção para aquilo que Diderot considera como “a função pedagógica” da biografia na medida em que não apenas “apresenta personagens célebres, mas também revela-lhes as virtudes públicas e os vícios privados”.⁴ As biografias sobre Madre Maria Theodora, acreditamos, têm essa função, embora, em sua maioria, revelem e exaltem apenas suas virtudes. Contudo as entrelinhas, às vezes, revelam muito mais do que o que se acha explicitamente colocado nas linhas de um texto. Um exemplo disso pode ser abstraído das biografias sobre a Madre quando há referências a possíveis insatisfações de parcela da sociedade quanto à vinda das irmãs para o Brasil. Em certas passagens, aparecem como atitudes dos maus, inconformados com a presença daquelas que se acham laborando em nome de Deus.

Porém, como as atividades das Irmãs de São José de Chambéry tinham o aval e domínio da oligarquia, todos os entraves foram superados e o sistema de ensino foi organizado e projetado para durar, como de fato durou por muito tempo. O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio funcionou regularmente de 1859 a 1970, firme e fiel a seus princípios.

Nesse contexto, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio representou o entrecruzamento de forças sociais: a Igreja, a oligarquia e o Estado que estabeleciam uma educação conservadora e através dela a visão ultramontana romântica do mundo.

³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (org.), *Usos e abusos da história oral*. Fundação Getúlio Vargas, s.d.

⁴ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (org.), *Usos e abusos da história oral*. Fundação Getúlio Vargas, s.d.

Desta forma, contemplamos neste nosso estudo alguns aspectos relativos a essa trama de relações num momento especial de reforma da Igreja, onde D. Antônio Joaquim de Mello, imbuído do desejo de moralizar o clero, contou com apoio das Irmãs de São José de Chambéry. Assim sendo, apresentaremos nosso estudo em três capítulos:

No primeiro capítulo, abordamos o histórico da Congregação, a reforma da Igreja com a adoção dos princípios ultramontanos, sua repercussão no Brasil, especificamente na província de São Paulo, e sua relação com o segmento social oligárquico. A relação Igreja ultramontana e oligarquia buscou agregar interesses específicos, e a educação escolar tornou-se um instrumento para tal consolidação, que se tornou um cenário sob o qual se desenvolveu a proposta educacional do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.

No segundo capítulo, fizemos uso das cinco biografias sobre Madre Theodora, através das quais, acreditamos, perpassaram todos os ideais de educação que se tornaram concretos por meio da formação dada naquele colégio. Nesta perspectiva, Madre Theodora foi enfocada como elemento catalisador da proposta educacional, pois ficou à frente da administração por longos 66 anos. Como suporte às análises biográficas, recorreremos a fontes primárias (jornais da época, documentos manuscritos etc.).

No terceiro capítulo, tratamos do alunado e suas relações dentro e fora da instituição. É necessário destacar que essa temática foi abordada levando em consideração categorias de análise que nos pareceram básicas, tais como moral, disciplina rígida, vigilância, religiosidade, e valores, como virtude, obediência, docilidade, subserviência, entre outros.*

* A divisão dos capítulos, na versão apresentada no exame de qualificação, difere desta, em alguns pontos, em virtude da perda do material de nossa pesquisa, em assalto residencial sofrido em dezembro de 1998.



Trezentos anos de existência...

CAPÍTULO 1

A CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY E O IDEAL DE DIFUSÃO EDUCATIVA

“A memória dos eventos passados é, na contingência do tempo, alguma coisa da eternidade, porque coloca a nossa frente, revivendo-os e fixando-os como se acontecessem hoje, os fatos que se cristalizaram já nos longes de outrora.

É o grande descortínio do passado trazido ao presente e fixado para o futuro, é uma visão de eternidade.”

D. ANTONIO MARIA

1.1 *BUSCANDO AS RAÍZES*

A Congregação das Irmãs de São José foi fundada em 1648 na cidade de Puy, na França, concretizando aí o ideal de S. Francisco de Sales. Foi uma das primeiras Congregações sem estrita clausura.⁵ Da fundação, em 1648, à sua chegada ao Brasil, em 1859, decorreram duzentos anos. Por isso, não é nosso propósito aqui exaurir esse período, mas abordá-lo destacando aspectos que consideramos imprescindíveis à compreensão do nosso objeto de estudo. Assim sendo, estaremos nos detendo somente às suas finalidades, tipo de organização, princípios e subordinação, bem como às suas máximas.⁶

A origem dessa Congregação é algo que nos parece bastante peculiar e essa peculiaridade podemos extrair da carta de D. Henrique de Maupas:

Nós, Henrique de Maupas de Tour, Bispo e Sr. de Puy, Conde de Velay e Sufragâneo, imediato de Sua Santidade, abade de Saint Denis de Rheims, Conselheiro do Rei em seus conselhos e Primeiro Capelão da Rainha Regente, desejo-

⁵ As seis primeiras religiosas de São José, inscritas sob o nome de família, foram: 1ª Francisca Eyraud, de Saint-Privat-d'Allier, Diocese de Puy, Diretora; 2ª Claudia Chastel, de Langogne, Diocese de Mende, em Gevandon, viúva de Guilherme de Mazandier. É a única que assina o contrato, por terem as demais se declarado analfabetas; 3ª Margarida Bourdier, de Saint-Julien-en-Forez, Diocese de Lion; 4ª Ana Chaleyser, de Saint-Jures-de-Bonas, Diocese de Puy; 5ª Ana Brun, de Saint-Victor-Malescours, Diocese de Puy. Autor anônimo, *Revivendo um longínquo passado...*, p. 20.

⁶ Regras da Congregação.

so da glória de Deus, da salvação das almas e da prática da caridade, em nossa Diocese, tendo sabido que algumas viúvas e jovens queriam consagrar-se aos louváveis exercícios da caridade, tanto para o serviço do Hospital-Orfanato e dos pobres doentes de nossa cidade, quanto para a educação e direção das órfãs de nosso Orfanato de Montferrand; e que, para poderem dar-se mais livremente a esse exercício, elas desejavam, com nossa aprovação, formar uma Sociedade e Congregação, para que vivendo em comunidade, pudessem sem nenhum impedimento, entregar-se a esses serviços, desígnio esse que nos pareceu tão louvável que o abraçamos com grande afeição, permitimos às ditas viúvas e jovens que formem uma Congregação, sob o nome e título de “Filhas de São José”; ... e a fim de que tudo se processe com mais ordem para prosperidade da nova Congregação, fizemos as Regras e as demos às ditas jovens e viúvas, para que elas as observem exatamente, para a maior glória de Deus e edificação do próximo ... e ordenamos a nossos Vigários e oficiais que velem para que esta louvável empresa progrida e para que ninguém venha molestar as viúvas e jovens, às quais damos nossa bênção com toda afeição e desejamos com a mesma afeição a bênção de Deus Padre, Filho e Espírito Santo.

Puy, dez de março de mil seiscentos e cinqüenta e um.
+ HENRIQUE, Bispo do Puy, Conde de Velay.

Note-se que a origem, como já dissemos, parece inusitada: jovens e viúvas manifestaram ao bispo o desejo de se organizarem em sociedade ou congregação para melhor educar e exercitar a caridade. Isto dife-

rencia a origem da Congregação de São José de Chambéry, por exemplo, de congregações originadas no mesmo período na Europa, pois estas tinham como característica a vida contemplativa e a clausura.

1.2 FINALIDADES DA CONGREGAÇÃO

A Constituição dessa Congregação, em seu Capítulo I, no conjunto das finalidades, define as irmãs

como uma reunião de donzelas que vivem em comum e se aplicam a sua própria perfeição pela prática e observância dos votos religiosos.⁷



Première Habitation des Soeurs de Saint Joseph, Le Puy

⁷ Constituições das Religiosas de São José de Chambéry, p. 23. A primeira Constituição sofreu alterações quanto à inclusão de novas regras o que, em essência, não modifica a 1ª quanto às suas finalidades.

É interessante notar também que o princípio, e, se quisermos imaginar concomitantemente, uma exigência, a da multiplicação das casas, é uma característica que marcará, a partir daí, a trajetória dessa Congregação tanto na Europa, como no Brasil. Na Europa, por exemplo, de 1648 até 1680, foram fundadas trinta e uma casas,⁸ o que equivale a aproximadamente uma casa por ano. No Brasil, essa expansão não foi diferente. No Sul, fixaram-se no Paraná e Rio Grande do Sul, onde abriram duas casas. No estado de São Paulo, até 1919, a Congregação já tinha sob sua direção trinta e uma casas.⁹

Organizada sob a tutela da Santa Sé, aquela Congregação apresentava, em termos hierárquicos, a seguinte composição:

1. Superiora Geral (1ª lugar em todas as casas da Congregação em que se achar);
2. Provincial (1ª lugar nas casas de sua jurisdição);
3. Assistentes (Superiora geral e provincial, substituindo-as quando delegadas);
4. Irmãs por ordem de antigüidade da primeira profissão (quando fez profissão dos votos);
5. Noviças e
6. Postulantes (por ordem de antigüidade na admissão ao noviciado e postulado).¹⁰

⁸ *Revivendo um longínquo passado: resumo histórico da Congregação das Irmãs de São José, filhas do pequeno projeto*, p. 34.

⁹ MANOEL, I. A. *Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de São José de Chambéry*, p. 137.

¹⁰ Cf. *Constituição das Religiosas de São José de Chambéry*, p. 25.

Uma premissa importante mencionada na organização da Congregação é a de que todas as irmãs pertencem a uma só classe,¹¹ não havendo, portanto, diferenciação dada pela riqueza ou pobreza, reforçada também pelo princípio de convivência sem murmúrio e *sem desprezo com igual dileção, como Marta e Maria*.¹² Embora possa não prevalecer o princípio da condição de igualdade dada pela situação socioeconômica, a hierarquia superpõe-se como grande diferenciador nas relações sociais e religiosas em qualquer que seja a congregação, fato que demarca também diferenciação nas funções que demandam relações de poder.

1.3 ESCOLHENDO AS OPERÁRIAS

A Congregação era bastante rigorosa na admissão de futuras religiosas. Exigia qualidades específicas às pretendentes às suas filhas:

*as pessoas que quiserem ser admitidas na Congregação, devem ter bom espírito, juízo reto, caráter franco e aberto, flexível à vontade dos superiores, próprios a união dos espíritos e dos corações.*¹³

¹¹ Esse termo é utilizado no livro das *Regras da Congregação* sem nenhuma conotação ao segmento social.

¹² Idem, p. 28.

¹³ Idem, p. 29-30.

Não se exigia da pretendente apenas a propensão à obediência submissa. Era preciso que tivesse também

*bastante saúde, para desempenhar os empregos da Congregação. Não se receberão as que tiverem enfermidades habituais, moléstias incuráveis ou contagiosas, ou as que pertençam a famílias nas quais as escrófulas, a epilepsia, a alienação mental sejam hereditárias. Não se receberão também as que forem coxas ou gravemente defeituosas.*¹⁴

Observe-se que a exigência das virtudes anteriormente citadas, requisitos para a submissão hierárquica, bem como subentendido por um pressuposto disciplinar, não se admitia que a candidata possuísse uma “linhagem” comprometida em termos de saúde e, além disso, eram também excluídas as que portassem defeitos físicos graves. As regras também eram muito incisivas para aquelas que não apresentassem as qualidades tidas como necessárias, isto é, não seriam admitidas as postulantes que

tiverem espírito estreito, caprichoso, desigual, teimoso, artificioso, dissimulado ou mordaz, as que tudo criticam, menos o que elas mesmas fazem; nem também as que

¹⁴ Idem, p. 30.

*tiverem caráter altivo, violento, insubordinado, preguiçoso, insensível.*¹⁵

Note-se que não havia disposição de lidar com contradições próprias da condição humana.

Provavelmente a exigência prévia de tendência à perfeição espiritual aliada também à da perfeição física concorreriam para a santificação, pois:

*“sede santos porque eu sou santo” ... e as que Jesus Cristo disse a seus discípulos: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”.*¹⁶

1.4 VÍNCULOS JESUÍTICOS

Em contrapartida, as Constituições das Religiosas de São José de Chambéry em muito guardam semelhanças com o *Ratio Studiorum* da

¹⁵ Ibidem. Constituía-se ainda em exigências para admissão ao noviciado ilícita, mas validamente: “a) as que têm dívidas que não podem pagar; b) as que têm contas a prestar ou se achem empenhadas em outros negócios temporais, pelos quais a religião pode reçar processos ou dificuldades ... Não poderão ser admitidas ao Noviciado, sem o voto deliberativo do Conselho Geral, que só o dará por motivos graves e aquelas cujo pai ou mãe, irmão ou irmã, ou tio paterno tiver sofrido alguma pena infamante...”

¹⁶ Idem, p. 62.

Companhia de Jesus devido à maneira como se acham estruturadas.¹⁷ Isto, entretanto, pode ser explicado através do vínculo jesuítico do Pe. Jean Pierre Medaille, fundador da Congregação. Importa destacar nessa perspectiva que, tal como o *Ratio*, as Constituições foram organizadas no sentido de regular toda a vida cotidiana das religiosas. Chama a atenção, por exemplo, o modo como está prescrito cada passo delas, do deitar-se ao levantar-se. Neste sentido, prima-se pela eficácia no controle do tempo. O tempo para dormir, para acordar, para as primeiras orações e refeições, para o trabalho, considerado como emprego, enfim, uma racionalidade no seu uso. Esta passagem nos leva inevitavelmente a pensar em Foucault¹⁸ quando se refere à disciplinarização do corpo ao tempo e também ao espaço e, à medida que o corpo é disciplinarizado, há também sujeição, visando torná-lo dócil. No caso particular das congregações religiosas católicas, o espaço do isolamento dos conventos torna-se um instrumento fundamental para tal conformação e, portanto,

¹⁷ A semelhança deve-se ao formato das Constituições no que tange à sua organização. Assim vejamos: Inicialmente consta de uma parte introdutória denominada de “Regra de Santo Agostinho”. Neste bloco, acham-se elencadas dez regras assim distribuídas: “Vida comum; Humildade; Oração; Jejum e alimentação; Modéstia; Correção fraterna; Conservação da roupa; Cuidado das doentes; Relações mútuas e Obediência.” As Constituições propriamente ditas dividem-se em duas grandes partes: a primeira dedicada à “Natureza da Congregação, abrange as referentes aos Votos, Meios de perfeição, Obras e Virtudes”, perfazendo um total de trinta e oito capítulos. A segunda parte versa sobre a Organização da Congregação na qual acham-se prescritos trinta e quatro capítulos dedicados às “Regras para os diversos ofícios”. Ver, nesse sentido, Constituições das Religiosas de São José de Chambéry sob a PROTEÇÃO DA IMACULADA MÃE DE DEUS, CASA GENERALÍCIA — ROMA, 1951. Ver, também, FRANCA, Leonel, *O método pedagógico dos jesuítas: “Ratio Studiorum”*.

¹⁸ Neste sentido, ler A arte das distribuições e O controle da atividade. In: *Vigiar e punir*, p. 130-146.

sujeição. A arquitetura, os corredores longos, as paredes grossas, as imensas janelas, tudo denota uma expressão de secularidade que, aliada ao silêncio, compõe um conjunto de mecanismos que constroem um modo particular de adestramento.

Convém ressaltar que essa Congregação foi dispersada pela Revolução Francesa. No intento de separar de Roma a Igreja da França e fortalecer o novo regime político, a Constituição civil do clero impunha um juramento aos padres. As Irmãs não estavam sujeitas ao juramento, mas como não reconheceram o sacerdote constitucional, passaram a privar-se da missa e dos sacramentos, só lhes restando rezar e sacrificar-se pelo pastor infiel.

Num domingo, em Saint-André-de-Chalencon, o prefeito, acompanhado de municipais e soldados, lhes ordena que fossem assistir à missa do padre constitucional. Pela recusa, elas são presas e conduzidas à igreja. Uma delas foge e se refugia no celeiro. Enquanto não é encontrada e arrastada até o altar, o ofício não é iniciado. Cenas como esta se repetiram em diversos lugares, mas a nova igreja não floresce.

As Irmãs de São José, às escondidas, passam a convocar os fieis para atos religiosos, preparam batizados, primeiras comunhões, casamentos e dão asilo e proteção aos padres perseguidos.

Na Praça de Martouret, em Puy, as primeiras mártires são executadas.¹⁹

Em 1792, por meio de uma lei, as religiosas são proibidas de ensinar e são expulsas de suas casas. Somente as que trabalhavam em hospitais permaneceram até que pudessem ser substituídas.

¹⁹ São elas: Irmã São Juliano, Irmã Maria-Ana Garnier, Irmã Santo Aleixo e Irmã Jeanne-Marie Aubert.

Mesmo depois de passar por um período negro, a Congregação não sucumbiu e se reorganizou no século XIX, fundando a Casa de Santo Estevão, em 1807, e Aix-les-Bains e Chambéry, em 1812.

1.5 CAMPO FÉRTIL ITUANO

Mas o que dizer, em contrapartida, do *locus* para o qual se destinou, no Brasil, a Congregação de São José de Chambéry? Podemos dizer que, a partir de 1800, Itu sagrou-se como uma das cidades de maior movimento, população e riqueza da província de São Paulo, atingindo, no final desse período, acentuada notoriedade, principalmente devido à expressiva produção cafeeira. Isto pode ser evidenciado através do intenso movimento político-cultural, da riqueza das construções de suas casas e, por que não dizer, das igrejas, monumentos e escolas.²⁰

Os relatórios apresentados a Portugal pela capitania de São Paulo (1788-1797) menciona a produção anual de mais de 50 mil arrobas de açúcar. Em 1835, Itu contava 98 engenhos, quando Campinas contava 93, Piracicaba, 78 e Porto Feliz, 76.²¹

Em 1866, havia em Itu 429 fazendas. Sendo grande centro de produção de algodão, aí foi fundada, neste ano, a primeira fábrica de tecidos movida a vapor. A chegada da caldeira destinada a acionar a fábrica é assim descrita por Francisco Nardy Filho:

²⁰ Neste sentido, ler NARDY FILHO, Francisco, *Cidade de Itu*, vol. I, 1ª parte.

²¹ Obra já citada, vol. I, 2ª parte.

Entrou na cidade o carro com o vapor puxado por dez juntas de bois escolhidos, de chifres ornados com largas fitas de seda de cores variadas, sendo recebido festivamente com banda de música, flores, banquete e excelentes doces.²²

Do ponto de vista religioso, como aconteceu em outras regiões brasileiras, o Catolicismo teve papel predominante no desenvolvimento cultural do município ituano: igrejas, conventos, ordens religiosas, irmandades, eram o centro da vida intelectual.

O número e a antigüidade das associações católicas comprovam o domínio da religião sobre o povo ituano.²³

Em virtude dessa efervescência religiosa, Itu recebeu de D. Pedro títulos de “Roma Brasileira”, “Cidade Levítica” e “Fidelíssima”.

De acordo com Nardy,

Fidelíssima pelo patriotismo e pela prova de fidelidade de seus filhos ao seu então Augusto Príncipe Regente. Roma Brasileira e Cidade Levítica, pela magnificência e suntuosidade de seus templos, pela pompa e renome de suas solenidades religiosas, pela piedade e firmeza na fé demonstrada por seus filhos.²⁴

²² Ibidem.

²³ Francisco Nardy Filho, em obra já citada, registra essas associações (vol. I, p. 16). Como exemplo: V. O. T. de São Francisco, fundada em 1697; N. S. do Carmo, fundada em 1716; S. Benedito, fundada em 1710; N. S. das Dores, fundada em 1788; Santíssimo Sacramento, fundada em 1795.

²⁴ Idem, p. 15.

Estas provas de piedade, devoção e fé são reveladas na suntuosidade e brilhantismo de que se revestiam as solenidades religiosas em Itu, principalmente na Semana Santa, na festa do Divino, na festa do Bom Jesus e suas procissões.²⁵

Assim sendo, a Congregação das Irmãs de São José de Chambéry viria somar-se às congregações já existentes, porém com uma diferença: destinou-se a formação de meninas, como teremos oportunidade de verificar especialmente no terceiro capítulo.

É neste campo fértil de religiosidade que, em 1859, chega a Itu, a convite de D. Antônio Joaquim de Melo, o grupo de religiosas francesas, dando vida à primeira instituição total feminina, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, com suas bases ancoradas no ideal ultramontano.

1.6 *ULTRAMONTANISMO*

O Catolicismo ultramontano teve seu início no Brasil através da expansão das missões populares sob a orientação de alguns padres lazaristas por volta de 1824.

No clero paulista, o processo de romanização ocorreu vinte anos mais tarde, na gestão episcopal de D. Antônio Joaquim de Melo juntamente com padres capuchinhos de Sabóia, Pe. Alfonso e Eugenio de Rumily, iniciando, através da reforma clerical, a gradativa substituição do Catolicismo iluminista pelo Catolicismo ultramontano.

²⁵ Nesse sentido, ler IANNI, Octavio, *Uma cidade antiga*, 1988, p. 60.

D. Antônio utilizou-se das Cartas Pastorais que escrevera, num total de catorze, para expor seus pensamentos e indicar as linhas mestras dessa reforma. Podemos afirmar que D. Antônio foi um modelo como reformador. Suas atitudes foram imitadas por seus seguidores e que podem ser representadas através do seguinte: fundação de seminários fechados; visitas pastorais; convocação de capuchinhos para colaboração nas Missões Populares e formação do clero; utilização das Irmãs de São José para a educação feminina.

Até 1850, as escolas particulares na província de São Paulo eram leigas, não havendo neste período ensino confessional católico, nem tampouco era cuidado o ensino religioso e moral previsto na legislação para as escolas públicas e particulares. Tal fato se dera provavelmente devido à tradição anticlerical regalista da elite paulista.

A reação da Igreja Católica a essa situação veio se constituir pelo seu caráter fortemente marcado pelo “tridentismo”, numa provocação à mentalidade liberal, e o comportamento preponderante da hierarquia eclesiástica a caracterizou como conservadora nos costumes e fiel à orientação teológica vinda de Roma.

Uma das características da Igreja neste período é a sua vinculação crescente em Roma. Causas deste estreitamento de relações com a Sé Romana foram, em primeiro lugar, tomada de consciência, por parte do ... episcopado, do sentimento universal da igreja e da importância da Sé Pontifícia como vínculo e centro de unidade e ortodoxia.²⁶

²⁶ FRAGOSO, Hugo, A Igreja na formação do Estado liberal (1840-1875). In: BEOZZO, O. José (org.), *História da Igreja no Brasil*. II Época, II/2, Século XIX. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 183.

De postura diferente daqueles que defendiam uma teologia liberal para a Igreja, os ultramontanos, assim chamados pelo rigor fiel à disciplina e orientação do magistério eclesial, procuraram manter vivo o vínculo religioso com as diretrizes provindas do Concílio Tridentino.

O ultramontanismo surgiu no seio da Igreja francesa, logo após a Revolução (séc. XVIII), como uma resposta contrária às inovações propostas pelo mundo moderno, inovações estas iniciadas lentamente no século XVI.

Derrogar o estatuto da monarquia absolutista e estabelecer o contrato como instrumento de mediação entre as classes sociais.²⁷

Contudo é a partir de 1814, com a restauração da Ordem dos Jesuítas e do Pontificado de Gregório XVI, que o ultramontanismo fortalecerá sua expansão pelo mundo católico.

Esse fortalecimento possibilitou o grupo ultramontano executar um programa de ação composto de três tópicos básicos:

1. Combater o pensamento moderno, em todos os lugares e em todos os momentos, visando recuperar para

²⁷ MANOEL, Ivan Aparecido, *Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de José de Chambéry*. São Paulo, 1989, p. 306. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo.

igreja o monopólio da produção do saber segundo os cânones do Tomismo.

2. Internamente combater os adeptos de uma política descentralizada com primazia do episcopado, impondo a concentração do poder institucional nas mãos do Papa e Cúria romana.

3. Externamente, neutralizar a ingerência do poder temporal nos assuntos da Igreja.²⁸

A entrada do Catolicismo ultramontano no Brasil, como relata Augustin Wernet em seu trabalho sobre a *História da Igreja Católica em São Paulo no século XIX*, é iniciada em 1824 com a vinda de padres lazaristas da Europa (estes serão no futuro bispos e reitores de seminários no Brasil), com a difusão das missões populares e a educação acompanhada de uma formação rígida, marcada por uma moral cristã conservadora e fiel ao ultramontanismo, fornecida aos futuros padres dos colégios e seminários do Caraça, de Campo Belo e Mariana.

Os bispos “ultramontanos” assumem assim a postura de reformadores do clero católico em resposta ao Catolicismo iluminista e regalista há pouco presente no ambiente hierárquico eclesial. Para tanto, as diretrizes do Concílio de Trento foram utilizadas pelos reformadores na formação de um clero mais ilustrado e moralizado, a fim de desenvolver-se o projeto de romanização e, por que não dizer, de europeização da instituição eclesiástica, que acarretou na desvalorização dos traços

²⁸ WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX. A reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987, p. 97.

sincréticos provindos das culturas índia e negra presentes no Catolicismo “popular”.

Apesar de a população, em sua maioria, ser possuidora de uma bagagem cultural transmitida ao longo dos séculos pela Igreja, as práticas religiosas populares estiveram presentes desde os primeiros momentos da chegada do Catolicismo em solo brasileiro. Entretanto não se pode negar o peso da instituição na formação das atitudes dos fiéis.

Os princípios e as características utilizados por D. Antônio Joaquim de Melo seguiram fielmente as diretrizes do projeto ultramontano para a restauração do clero paulista. Foi a partir do bispado de D. Antônio que o modelo de Catolicismo predominante na Diocese de São Paulo determinou o uso do mesmo latim, a celebração da mesma liturgia e o ensino do mesmo catecismo, tal como ocorria em Roma, África, Ásia e América Latina. Portanto um catolicismo marcado por uma extrema europeização, centralização e uniformização. Uma das análises centrais de Wernet²⁹ afirma que a gestão episcopal de D. Antônio inaugurou o processo de mudança da orientação filosófica, teológica e pastoral do clero, influenciada pelo modelo católico iluminista, para os preceitos do modelo ultramontano, que fortaleceu o poder do Pontífice e bispos na relação: Papa x Bispo, Bispo x clero.

Para D. Antônio, era parte essencial do seu projeto pastoral e administrativo todo um projeto educacional que, indo além dos seminários de formação do clero, abrangia a educação feminina e mesmo inovava, de certa maneira, nesse campo, já que historicamente sempre foram precaríssimas as condições de ensino para as mulheres no país.

²⁹ Idem, p. 2.

Constituíram-se internatos, cujos objetivos eram menos o aprendizado das disciplinas e mais fundamentalmente a incorporação de uma religiosidade, de uma cultura e de uma sociabilidade de cunho religioso. Esses objetivos eram trabalhados em meio a uma atmosfera de devoção e piedade que, supunha a Igreja, lhe agradaria, através do poder de influência dessas futuras mães de família: a difusão das idéias ultramontanas.

O controle do sistema de ensino foi fundamental para a Igreja. Isto porque, para a implantação da romanização no Brasil, não bastavam as práticas relativamente difusas dos sermões, das atividades missionárias ou dos periódicos católicos. Era preciso educar a infância e a juventude, porque, se à Igreja não era possível controlar toda a produção do saber e subordinar à sua doutrina todas as novas idéias, o controle do sistema educacional lhe permitiria forjar os jovens nas suas concepções de homem, sociedade e natureza, bem como selecionar o que deveria ser ensinado, evitando-se a difusão das idéias contrárias ao pensamento ultramontano.

Coerentemente com esses objetivos, a Igreja ultramontana no Brasil não só lutou contra a laicização do ensino como também organizou seu próprio projeto educacional, através das Irmãs de São José de Chambéry.

1.7 *O PAPEL RESERVADO À MULHER NO PENSAMENTO CATÓLICO ULTRAMONTANO*

Como esclarece Azzi,³⁰ as mulheres eram consideradas importantes colaboradoras na implantação do projeto regenerador dos costumes do ultramontanismo.

³⁰ AZZI, R., Família e valores no pensamento brasileiro (1870-1950). Um enfoque histórico. In: RIBEIRO, I., *Sociedade brasileira contemporânea. Família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 85-120.

O “Resumo do que há de fazer um cristão para se santificar e salvar”, incluído na carta pastoral em que D. Macedo Costa anuncia para sua diocese o jubileu de 1875, explicita claramente, segundo Azzi, “os valores que a Igreja desejava impor às mulheres, restringindo o mais possível sua ação para dentro dos muros do ambiente familiar”.³¹

As “obrigações de uma jovem, da mulher casada e da viúva” contidas nessa carta pastoral evidenciam que, entre as questões centrais para o pensamento católico, relativas à mulher, estavam sua total submissão ao marido, a educação religiosa dos filhos e dos irmãos, os sacrifícios de piedade, a dedicação à oração e, fundamentalmente, o seu confinamento ao lar.

E é exatamente esse ponto de vista que a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, em 1891, vai reafirmar:

*... Trabalhos há também que não se adaptam tanto à mulher, a qual natureza destina, de preferência, aos arranjos domésticos, que, por outro lado, salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação e a prosperidade da família.*³²

Para concretizar a parte do projeto educacional idealizado pelo bispo D. Antônio Joaquim de Melo, Pe. Eugênio³³ foi o escolhido como

³¹ Idem, p. 88.

³² Apud SAFFIOTI, H. I. B., *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 383.

³³ Pe. Eugênio de Dumily e Pe. Firmino foram enviados pelo papa Pio IX para visitarem a diocese de São Paulo, na qualidade de legado apostólico, na companhia do reverendo padre Alfonso.

interlocutor entre Chambéry e São Paulo. Em janeiro de 1858, Madre Felicidade recebia a primeira carta oficial de São Paulo:

*as felizes disposições que manifestais a nosso respeito, minha Reverenda Madre, dizia ele, me encheram de consolação. Em Itu, já foram feitas as mudanças necessárias na casa que vossas filhas devem ocupar. O inimigo da salvação e seus comparsas estão furiosos e queriam impedir esta boa obra; mas, o bom Deus confundirá sua malícia e nós seremos felizes.*³⁴

Desta passagem, tudo indica que a possibilidade de vinda das religiosas não deve ter-se dado sem resistências. Na verdade, ela viria incomodar parte do clero desviante existente na província. Neste sentido, vejamos o que escreve em correspondência Pe. Eugênio:

*Cheguei de Itu e devo ir ao Rio de Janeiro a fim de preparar tudo para a chegada das boas Irmãs. No que se refere à parte material, as coisas não estão mal, porém, sob outros aspectos, não estou sem temer. A pequena comunidade traz para este caro país, a semente de um bem incalculável, portanto, não é de se admirar que o demônio esperneie um pouco. Vossas filhas descobrirão suas artimanhas, elas terão seus pequenos aborrecimentos, eu as prevenirei quando chegarem; mas, elas vencerão.*³⁵

³⁴ *Chroniques de la Congrégation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry*. Livre XII. La Mission e la Province Brésiliennes. Chambéry: Imprimeries Réunies, 1936, p. 37.

³⁵ *Ibidem*.

No momento em que recebia essas cartas, a Madre Geral se preparava para escolher as religiosas destinadas ao Brasil. Tarefa difícil. Era preciso que as primeiras operárias brasileiras fossem religiosas de grande bom senso e de muitas virtudes.

Havia preocupação por parte da hierarquia religiosa representada tanto pela Madre Geral, quanto por Pe. Eugênio. Isto porque, distantes da Casa Mãe, por várias centenas de léguas, sem facilidade para pedir ou receber um conselho, por causa da lentidão das comunicações, cercadas da má vontade dos sectários antes de sua chegada, destinadas a viver num país longínquo do qual elas ignoravam os costumes e a língua, deviam ter bastante iniciativa para tomarem decisões e bastante vida interior para conservarem intacto o espírito de sua Congregação. A nomeação da superiora, principalmente, era delicada. Pe. Eugênio, na sua carta já citada, além das preocupações com os demônios, chamava a atenção da Madre sobre esse ponto:

Eu me permito insistir [escrevia ele] sobre a escolha de uma boa superiora. Eu vos asseguro, minha Madre, com conhecimento de causa, que a posição dela aqui será mais difícil que a vossa em Chambéry.³⁶

Percebendo que seu zelo o levava muito longe, ele se desculpava para, logo em seguida, voltar à carga e sugerir uma escolha:

³⁶ Idem, p. 38.

*vós gostais de fazer bem o que tendes a fazer, eu o sei; ora, eu vos digo que temos, aqui, necessidade de vosso espírito religioso, de vossa coragem, de vossa paciência, de vossa prudência; é conforme vossa própria opinião, nenhuma das obreiras formadas em vossa escola, possui estas virtudes mais que Irmã Josefina Antonieta.*³⁷

Pronunciando este nome, o padre já estava sugerindo o nome da superiora da congregação no Brasil e prevendo as objeções da Madre Geral, a quem nada levaria a fazer sacrifício de sua assistente, refutava-as de antemão:

*não lanceis altos gritos, minha boa Madre, pois, eu advogo a causa de Deus e, vô-lo pergunto, o que não fizestes, o que não estais disposta a fazer por Ele?*³⁸

O que se pode depreender das crônicas é que Madre Felicidade ficou surpresa em princípio, mas, com reflexão, cedeu às razões do Pe. Eugênio. Entretanto não era pequeno o sacrifício que faria em favor da missão brasileira,

... privando-se do auxílio de uma pessoa admiravelmente dotada dos dons da natureza e da graça, que era a Assistente de Chambéry. Universalmente amada por

³⁷ Idem, p. 39.

³⁸ Ibidem.

causa de seu grande coração e de seu caráter igual e manso, Irmã Josefina possuía num alto grau o senso da vida prática. As qualidades de ordem e de economia das quais ela tinha dado provas enquanto era econômica na Casa-Mãe, uma séria experiência educacional, devido à sua passagem no pensionato, o trato das almas que tivera com suas funções de assistente, ainda mais que a sua participação na administração da Congregação, tornavam-na preciosa no desempenho de fundadora.

A decisão foi tomada: Irmã Josefina Antonieta soube das intenções de Madre Felicidade e se preparou para partir. Mas, dizem as Constituições da Congregação, *“os juízos de Deus são inescrutáveis e seus sentimentos são bem diferentes dos sentimentos dos homens”*.

No momento em que a escolha de sua Superiora fazia dela missionária, Irmã Antonieta caiu doente. A doente sentia os primeiros sintomas da tuberculose da qual ela devia morrer anos mais tarde.

Diante da inesperada doença de Irmã Antonieta, as incertezas recommençaram. Madre Felicidade, depois de madura deliberação, decidiu-se enfim por uma jovem religiosa em quem a maturidade e as virtudes tinham ultrapassado a idade. Irmã Maria Basília Genon tinha 27 anos de idade e 3 anos de profissão religiosa, mas sua conduta anterior garantia o futuro. Desde a sua entrada no noviciado, havia sido para suas companheiras um modelo de obediência, de fervor e de humildade. Perceberam logo que era dotada de um julgamento sólido e reto, uma delicadeza de sentimentos pouco comum. De um caráter manso e concii-

liador, fazia o bem a seu redor pelo seu exemplo e sua conversa sempre edificante. Desde sua infância, tivera atração pelo apostolado e era seu desejo ser missionária um dia, motivo este que a levava à Congregação. Assim, desde que se tratou da missão do Brasil, ela se ofereceu a Deus e às suas superiores com entusiasmo:

Sua alegria foi grande quando soube que estava no número das felizes viajantes. Ah! Não há sobre a terra alegria sem nuvem; a pobre Irmã Basília fez experiência disso, sabendo da esmagadora responsabilidade que ia pesar sobre ela. Muito desconfiada de si mesma, temendo as honras tanto quanto os outros a desejam, ela teve que se resignar ao que lhe pediam. Mas, era uma alma generosa e confiante. Ela se reanimou logo e, uma vez aceito o sacrifício, soube tão bem reservá-lo para Deus que sua serenidade exterior não parecia perturbada e bem poucas entre suas companheiras o suspeitaram.³⁹

1.8 EMBLEMAS DE VIRTUDE

Seis irmãs deviam partir com ela e partilhar seus trabalhos. Todas tinham sido escolhidas pela Madre Geral que designara a cada uma seu futuro emprego. Nos permitimos dar um perfil, obviamente a partir da visão da Congregação, das primeiras religiosas vindas para cá:

³⁹ Idem, p. 34.

Irmã Maria Justina Pépin, de 33 anos, tinha uma instrução sólida e variada: sua memória feliz e sua viva inteligência faziam-na muito apreciada no Asilo de Chambéry, que ela então dirigia. Fervorosa religiosa, ela se fazia notar por um atrativo especial pela pobreza e seu único luxo era de ver reinar, ao seu redor, a ordem e a limpeza. No seu zelo pela glória de Deus, ela também tinha sonhado com as missões e foi com felicidade que recebeu sua obediência. Nas intenções da Madre Geral, ela deveria exercer o papel de assistente junto a Irmã Basília.⁴⁰

Verifica-se a partir de agora que as seis irmãs, além da superiora indicada para dirigir a congregação no Brasil, como suas subordinadas, eram dotadas de humildade e, principalmente, de espírito conciliador, uma virtude importante para as relações que iriam estabelecer com o clero no Brasil.

Vejamos então algumas características dessas servas, segundo as crônicas:

Irmã Angelina Achard, com 22 anos, na época, era uma antiga aluna do pensionato de Chambéry. Muito jovem ainda, tinha ouvido o apelo de Deus, e tinha completado 16 anos, quando entrou para o Noviciado. Dotada de juízo reto e de um grande domínio de si, sua virtude especial parecia ser a caridade.

⁴⁰ Idem, p. 41.

Mansa e paciente, tinha passado pelos diversos empregos confiados pela obediência, como um anjo de paz. Há algum tempo, Nosso Senhor parecia preparar seu coração para a distante missão, exercitando-a no espírito de renúncia e sacrifício, e ela se deixava conduzir com o abandono de uma alma amante. Ela era destinada a direção do futuro noviciado de Itu.⁴¹

Não muito diferente parece ser Irmã Marta, sobre quem não são tecidos muitos comentários:

Irmã Martha da Cruz Godet entrava então em seu 30º ano de vida. Nascida em Lion, diocese de Annecy, havia solicitado sua entrada ao noviciado de Chambéry e tivera a felicidade de fazer seus votos perpétuos no ano precedente — 1857 — na festa da Visitação. Humilde e modesta, ela levava uma vida “toda escondida ao mundo”, conforme a recomendação da regra, e até então, não havia atraído os olhares de ninguém, comprazendo-se em se perder no meio de suas irmãs. Esta simplicidade parecia um bom augúrio para a Madre Geral e foi — pode-se supô-lo — a razão determinante da escolha de Irmã Martha para o Brasil.⁴²

⁴¹ Idem, p. 42.

⁴² Idem, p. 43.

Do mesmo modo, embora com mais dados nos é mostrado um pouco das características de Irmã Maria Elias Mièvre:

Com 22 anos, não era ainda ligada pelos votos perpétuos. Ela tinha sido enviada logo após sua vestição — o ano canônico não era obrigatório, nessa época — a Aix-les-Bains, onde a Superiora, Madre Celestina, era excelente em formar as jovens religiosas na prática da renúncia e do trabalho. Dois anos desse rude noviciado tinham feito da jovem religiosa um modelo de regularidade e de vida interior; foram essas qualidades que chamaram a atenção de Madre Felicidade quando se tratou de constituir o pequeno grupo de missionárias brasileiras. A jovem Irmã consultada, aceitou a partida com grande entusiasmo de amor e sua alegria e seu fervor se expandiram por ocasião de sua profissão que precedeu de 8 dias apenas a partida para o Brasil. No dia 19 de junho de 1858, no quartinho do 2º andar da Casa-Mãe — hoje sala do Noviciado — ela pronunciou seus votos perpétuos ao mesmo tempo que uma de suas amigas de infância, Irmã Luiza Tereza Gruffaz à qual estava ligada não somente pela lembrança dos dias felizes passados juntas em Rumilly, em seu país natal, mas também e principalmente, pela mesma vocação e o mesmo entusiasmo pela virtude. No dia de sua consagração definitiva a Deus, as jovens religiosas escreveram e assinaram as duas, as promessas feitas por toda a vida. “O mundo é nada para quem Jesus Cristo é tudo”, tal era a divisa que deveria orientar sua con-

*duta futura, tal era o programa que Irmã Elias se propunha realizar.*⁴³

Por sua vez,

Irmã São Paulo Angelier era uma dessas almas humildes que, de boa vontade, tomam por divisa esta palavra dos livros santos: “A beleza da filha do rei é interior.” Sua fidelidade à regra passava quase despercebida tão grande era sua simplicidade na prática da virtude. Entretanto, não era uma alma vulgar: desde cedo, tinha experimentado os atrativos do amor divino e sua maior felicidade, em criança, era acompanhar sua mãe à igreja onde os ofícios nunca lhe pareciam longos. Nesta alma pura, Jesus Cristo reinava sem obstáculo, comunicando-lhe suas luzes. Viram-na chorar na idade de 8 anos, por não poder comungar, porque a idade da 1ª comunhão era, então, fixada para 10 ou 11 anos. “Por que, dizia ela, não dar a comunhão às crianças que também têm um coração para amar Nosso Senhor?” Assim, não houve surpresa entre os seus, quando manifestou seu desejo de se dar totalmente a Deus, na vida religiosa, e Madre Felicidade, que tinha uma grande experiência das almas, discerniu bem depressa, os tesouros de virtudes em germe nessa jovem que falava tão pouco sobre si mesma. Recebeu-a no novi-

⁴³ Idem, p. 44.

ciado onde a jovem religiosa viveu na humildade e no devotamento, fazendo o maior bem possível, mas da maneira mais oculta. Por ocasião da partida para o Brasil, Irmã São Paulo ainda não tinha feito profissão mas seu espírito religioso e solidez de sua virtude davam toda segurança para o futuro. Por isso, ela estava no número das religiosas escolhidas: Madre Felicidade destinava-a a se ocupar da vida material da comunidade, onde, conforme as necessidades, devia exercer as funções de ecônoma, dispenseira e enfermeira.⁴⁴

Em relação à mais jovem irmã destinada, assim se referem as crônicas:

Irmã Maria Cunegundes Gros era a mais jovem das 7 missionárias: ia fazer 18 anos. Embora fosse noviça há apenas poucos meses, já se podia reconhecer nela uma grande piedade, um sincero apego ao dever, uma fidelidade e escrupulosa obediência. Apesar de sua juventude, manifestava, em seu exterior, “esta seriedade e esta gravidade que se deve esperar de uma esposa de Jesus Cristo.” Sua idade tornaria mais fácil a sua adaptação a um país novo e sua virtude já sólida permitiria um bom augúrio sobre sua vida religiosa, no futuro.⁴⁵

⁴⁴ Idem, p. 45.

⁴⁵ Ibidem.

Pode-se dizer, parafraseando escritos sobre a congregação, que essas irmãs representavam pedras fundamentais da missão brasileira. Sobre suas disposições interiores, nessa circunstância, temos o testemunho consolador de sua Madre Geral:

*Sete de nossas partem, daqui a um mês, para a América, escrevia ela a uma jovem pensionista que estava para entrar no noviciado. Gostaria que vísseis este santo grupo antes da partida. Jesus Cristo, Nosso Senhor, as abrace de seu santo amor. Que diferença, minha filha, entre servir a este terno Mestre e servir ao mundo!*⁴⁶

Enquanto se faziam, em Chambéry, os preparativos da partida, receberam uma nova carta do Brasil; o Pe. Eugênio escrevia à Madre Felicidade:

Agora, minha Reverenda Madre, que vos direi sobre o sacrifício de vossas santas filhas e sobre o vosso? Não é o mesmo espírito que vos anima a vós todas e vô-lo faz realizar? O velho mundo não compreende mais grande coisa desse espírito e o novo não o compreende absolutamente nada porque Jesus Cristo aqui não é conhecido ainda. É verdade pois, que hoje como no tempo dos apóstolos, é pelo sacrifício dos seus e de si mesmo, por esta loucura do exílio voluntário e da cruz,

⁴⁶ Ibidem.

*que a luz de Deus deve se espalhar sobre o mundo. Felizes aqueles que não contrariam os desejos do céu! Vós sois desse número, minha Reverenda Madre. Sei com que generosidade abris as portas de vosso pequeno cenáculo de Chambéry para deixar escapar daí esses anjos de paz que o espírito de Deus conduz para os continentes mais afastados a fim de espalhar os divinos perfumes do Evangelho. Deus vos recompensará centuplicadamente. Quanto a mim, esperarei impacientemente a chegada da pequena família que preparais. Desejo que o Deus onipotente as cubra com sua proteção, que seus anjos e principalmente, a brilhante e imaculada Estrela do mar iluminem e guiem seus passos. Esta será minha prece de todos os dias até a chegada delas, aqui. Benditas sejam aquelas que vêm em nome do Senhor!*⁴⁷

O sacrifício estava feito, só faltava consumá-lo.

⁴⁷ Idem, p. 72.



Madre Maria Theodora Voiron (1835-1925),
fundadora da Província Brasileira das Irmãs
de São José.

CAPÍTULO 2

MADRE THEODORA E A FORMAÇÃO DE “GUARDIÃS DA MORAL”*

“Guardemos nossas Regras e ellas
nos guardarão.”

“Tudo quanto nos vem de nossas
primeiras Madres vem de Deus: e nossa obe-
diência deve ser tanto mais exacta, quanto
mais distantes nos acharmos dellas.”

* Expressão usada por Olívia Sebastiana Silva.

Teríamos feito uma das mais agradáveis viagens se a Divina Providência, que sempre reserva provações aos seus amados e que deseja ver nos seus missionários almas de sacrifício, não nos tivesse enviado uma das mais terríveis. O estado de saúde da Revda. Madre Maria Basília, após dias de viagem, começou a causar-nos sérios cuidados. Um resfriado que ela tomou ao partir, progrediu diariamente, sobrevindo-lhe a febre. Apesar da dedicação do médico o mal se agravou, uma febre violenta lhe fez perder completamente o conhecimento de tudo, mantendo-a em delírio durante cinco dias. Pela tarde de 26 de julho, depois de ter repetido duas ou três vezes o nome de Jesus, Maria e José, ela morreu como os justos, chorada por todos e a dois dias da terra, na altura de Cabo Frio, diante do Brasil onde ela tanto desejava chegar. Oh! Eminência, que terrível golpe para nós; mas aos olhos da fé, que linda morte! Era mister uma vítima para atrair as bênçãos ao nosso empreendimento: Deus escolheu a mais pura, a melhor preparada, a mais agradável aos olhos.

Como não se podia guardar a bordo um cadáver além de 12 horas, foi preciso proceder-se à sua imersão, na madrugada seguinte. A cerimônia foi realizada com a maior solenidade possível. Celebrei a missa de corpo presente, e, bem assim, o Revmo. Cônego Goud e o Padre capuchinho: todos os católicos de bordo assistiram ao Santo sacrifício. Findo este, o corpo, revestido de seu hábito religioso, foi transportado para o convés e aí se cantou a Absolvição em meio dos soluços de todos os assistentes. Depois de último “Requiescat in pace”, as Irmãs se aproximaram

para o derradeiro adeus, em seguida ataram-lhe aos pés um saco de areia e escorregaram-na suavemente para o mar. Que momento terrível para nós, Eminência, e sobretudo para as suas companheiras que tanto a amavam! Deus assim o quis, que sua santa vontade se cumpra em todas as cousas!

*Ela rezeará por nós, eis nosso consolo.*¹

Este acontecimento marcou de forma indelével a inserção da Congregação de São José de Chambéry na missão a que tinha sido designada na Província de São Paulo: “Ide e ensinai.” Com este propósito, a 10 de junho de 1858, partem da França, com destino ao Brasil, sete Irmãs² para fundarem aquele que seria o primeiro colégio feminino em solo paulista a convite de D. Antônio Joaquim de Melo.

2.1 INÍCIO DA GRANDE OBRA

Desta forma, a Superiora Geral da Congregação, Madre Marie Felicité, designa Madre Maria Theodora Voiron para assumir e substituir a superiora falecida.

¹ SILVA, Olívia S., *Uma alma de fé*. São Paulo: Ave Maria, 1979, p. 55-6. Carta Enviada pelo Reverendíssimo Padre Terrier ao Eminentíssimo Sr. Cardeal Billet.

² “Madre Maria Basília Genou, Superiora, Irmã Maria Justina Pepín, assistente, Irmã Maria Angelina Achard, diretora do futuro noviciado, Irmã Marta da Cruz Goddet, Irmã Elias Miévre, Irmã Maria São Paulo Angelier e Irmã Maria Cunegundes Gros”. CARVALHO, Roberto M. *A glorificação da serva de Deus*. Itu, 1982, p. 23.

A chegada de Madre Theodora no Brasil é relatada sob conotação apologética e exaltativa, de modo não muito distinto entre as cinco biografias consultadas.³ Nesse sentido,

ler biografias de uma mesma pessoa por diferentes escritores é como contemplar uma série de reflexos do mesmo objeto em espelhos de diferentes formas; os diversos espelhos fazem com que as imagens pareçam distintas umas das outras, quando na verdade, não há mais que uma única imagem sucessivamente projetada em diferentes atitudes e sobre fundo dissímiles.⁴

Vibra ainda a pequena comunidade sob as emoções da chegada e eis que Reitor do Centenário lhe vem anunciar a visita de S. Exa. D. Antônio Joaquim de Melo. Madre Maria Teodora está contente por haver chegado a seu campo de ação.⁵

Ou:

Logo depois de instalada, Madre Maria Teodora, sem perda de tempo, começou a organizar seu plano de trabalho.

³ SILVA, Olívia Sebastiana, *Uma alma de fé: Madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo, 1948; FARIA, Carlos Coelho, *Vida e obra de Madre Teodora*. São Paulo, 1977; CARVALHO, Roberto Machado, *A glorificação da Serva de Deus: Madre Maria Theodora Voiron (1835-1925)*. Itu, 1982; CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY, *Madre Maria Theodora Voiron, 1835-1925*. São Paulo: Escolas Salesianas, 1937; CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY, *Madre Maria Theodora Voiron*. Roma: Escuela Salesiana del Libro, 1953.

⁴ WILLIAMSON, Claude, *Grandes católicos*. Porto Alegre: Globo, 1943, p. 26.

⁵ SILVA, Olívia S., op. cit., p. 81.

Não era tarefa fácil. Estava tudo por fazer. Era preciso esforço e força de vontade, para levar avante seu propósito. Precisava desmentir o conceito que fizera D. Antônio Joaquim de Melo, o qual ao conhecê-la, acreditava que uma mocinha de 24 anos não estivesse a altura de uma tão alta missão.⁶

2.2 PRIMEIROS DESAFIOS

Em biografia publicada pela Congregação de São José de Chambéry, houve referências significativas à chegada de Madre Theodora em Santos. Cumpre-nos ressaltar que a ausência de porto e a maré baixa representaram o primeiro desafio na missão, conforme o fragmento epistolar:

Que fazer? Esperar seis horas ou deixar-se carregar pelo barqueiro?

Madre Theodora opinou pelo último expediente e fez sinal ao barqueiro para que levasse primeiro o capuchinho.

Quando a jovem Superiora se viu assim, sózinha ... entre o ceo e o mar ... em face do desconhecido ... Sentiu-se tão pequena, tão fraca que num momento de desanimo, chorou copiosamente. Mas, reerguendo-se incontinenti, fechou o coração para aquelas immensidades e abriu-o para outra, muito maior: a sua FÉ e CONFIANÇA INABALAVEL em N. SENHOR.⁷

⁶ FARIA, Carlos Coelho, op. cit., p. 73.

⁷ CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY. *Madre Maria Theodora Voiron, 1835-1925*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1937, p. 19.

Ou, ainda, chamando atenção para o que distingue, na passagem biográfica a seguir, o relato da chegada das Irmãs em Itu, em relação às duas anteriores, no que tange à evidência da hostilidade do bispo para com a madre designada:

Ao ver aquela jovem de 24 anos, o bispo D. Joaquim de Melo exclama: “mas, ... é uma criança! Uma criança! Que faremos com uma criança!” Percebendo o desagrado, Irmã Maria Teodora procura o Reitor do Seminário Episcopal e Diretor espiritual das Irmãs, Frei Eugênio de Rumili e responde: “diga-lhe que não se aborreça por minha causa. Ser-me-á agradável qualquer cargo, ainda mesmo o último”. D. Antônio resolveu conservar na direção Irmã Maria Justina Pepín. Durante quatro meses Irmã Teodora suportou com extrema paciência algumas provações dadas pela Superiora Interina com o objetivo de experimentar suas virtudes cristãs. Para pô-la prova, ordenava que copiasse modelos de tapeçaria; depois de pronto o trabalho, mandava desmanchar.

Paciente, obediente, resignada, a fiel serva do Senhor, executava trabalhos manuais. Impressionada com o que via e ouvia sobre aquela eleita, D. Antônio apressa-se em corrigir o engano inicial, colocando-a no cargo para o qual foi designada.

D. Antônio escreve à Superiora Geral: “concluí que sua sensatez, sua discrição, sua prudência, triunfaram sobre todos os obstáculos. Pareceu-me ver nela, bom senso e condescendência, qualidades indispensáveis a uma superiora. Tudo me convenceu que ela deveria governar.”⁸

⁸ SILVA, O. S., op. cit., p. 107.

As passagens acima corroboram a conotação exaltativa e apologética das biografias escritas sobre Madre Theodora, possíveis de serem apreendidas através dos relatos elencados. Reportemo-nos a Williamson em seu ensaio sobre biografias, no sentido de que

*os heróis em muitos casos se foram, e os santos permanecem. O heroísmo emergiu numa atmosfera de desilusões; a única grandeza que subsiste é a da santidade. Só a vida espiritual pode dar duração ao eterno e vestir nossa nudez.*⁹

Neste sentido, torna-se marcante a figura santa, mais que heróica, de Madre Theodora. Ser que tudo suporta e a tudo se submete sem reclamos, sem contestação, deixando transparecer a perda da condição humana porque existe o sustentáculo que lhe permite enfrentar todas as expiações terrenas: a fé inabalável na *Providência Divina*.

Em contrapartida, tal conotação deve ser explicada com base nos seguintes pressupostos de Bourdieu:

... não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado — pelo

⁹ WILLIAMSON, Claude, *Grandes católicos*. Porto Alegre: Globo, p. 12.

*menos em certo número de estados pertinentes — ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com mesmo espaço dos possíveis...*¹⁰

Trata-se de entender o tratamento dado a passagens biográficas concernentes à chegada de Madre Theodora ao Brasil e, particularmente, a Itu, no universo das circunstâncias socioculturais próprias, características do mundo religioso romanizado e sacrossanto, cuja linguagem prima por destacar e redimensionar a criatura humana para além da sua própria condição enquanto tal e provê-la de adjetivos qualificativos que buscam aproximá-la enfaticamente do mundo divino e, por assim dizer, do mundo da perfeição.

O Catolicismo ultramontano, entre outros princípios, preconizava:

*insistência na obediência e docilidade dos súditos, defesa da ordem, tradição, gosto pelo milagroso e defesa de que Deus, multiplicando as intervenções sobrenaturais quer reagir contra o racionalismo da época.*¹¹

Por outro lado, procurando avançar a partir daquilo que nos expõem as passagens biográficas acima, sem sombra de dúvida, podemos depreender que a chegada de Madre Theodora ao Brasil não se deu sem

¹⁰ BOURDIEU, Pierre, A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (org.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 190.

¹¹ WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987, p. 167-197.

conflitos diante da evidente negação à sua pretensa autoridade e competência por parte do bispo D. Antônio de Melo, embora este mais tarde tenha admitido o contrário, após submetê-la, como vimos, a uma série de provações.

A chegada de Madre Theodora fez também emergir outros conflitos, possíveis de serem depreendidos das biografias nas quais aparecem com bastante sutileza. Podemos situá-los no âmbito da própria Congregação, a exemplo:

Chegam momentos delicados. Irmã Maria Justina é a Superiora nomeada pelo Bispo e Madre Maria Teodora a Superiora da escolha da Superiora geral. É tempo de surgirem os problemas de organização pois a casa está quase pronta. Madre Maria Teodora se vê na contingência de expor seu ponto de vista quando reconhece falha a opinião de sua companheira. É um sacrifício que a confiança lhe impõe.¹²

Dessa passagem, podemos abstrair mais que uma aparente relação de competição, uma relação de poder. Lembremo-nos aqui de Foucault e de sua compreensão de poder enquanto processo relacional. Para ele,

não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas e relações de poder.¹³

¹² SILVA, O. S., op. cit, p. 83.

¹³ MACHADO, Roberto, Por uma genealogia do poder. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1989, p. X.

Na perspectiva de Madre Theodora e de sua então Superiora, a prática de poder e que engendra aquele tipo de relação, dá-se pela própria possibilidade de fazer-se e permanecer Superiora da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry no Brasil.

Mas não parece ter sido somente no seio da Igreja que Madre Theodora encontrou resistência. Esta deve ter existido também por parte da sociedade local. Em carta enviada por Madre Theodora à Superiora Geral, em 28 de dezembro de 1859, relata:

Mas, no interior fazem-nos um pouco de guerra; nossa mudança excitou a raiva dos maus; eles não se conformam com a idéia de que a mais rica e bela igreja, não somente da cidade, mas da província, passe para as mãos de estrangeiras. Vêm que nossa obra prospera, que gozamos das simpatias de um grande número e não nos podem perdoar. Isso porém, não nos atemoriza; sempre a senhora nos diz que as provas e contradições são o selo das obras de Deus.¹⁴

Em biografia publicada em Roma pela Congregação de São José de Chambéry, em 21 de janeiro de 1953, a passagem a seguir reafirma aquele ponto de vista:

Prevedeva le grandi difficoltà che avverbe incontrato da parte del popolo brasiliano il quale, mal prevenuto,

¹⁴ SILVA, O. S., op. cit., p. 85.

*considerava le religiose come avventuriere, venute in mezzo a loro por far denaro, e nulla più...*¹⁵

Não seria demais destacar que as hostilidades não se restringiriam somente à chegada de Madre Theodora, mas se fariam presentes por um período bastante elástico, uma vez que o jornal *A Gazeta de Campinas*, no período de 1878 a 1880, publicou uma série de artigos, assinados por L. L., sob o título “O conventinho, os jesuítas e o Patrocínio de Itu”, entre os quais enfatiza:

... Até quando ficaremos expostos aos efeitos funestíssimos dessas cazas jesuíticas, que não escrupolisam em dar educação por “tais metas”.

Pesquisando e analisando microfimes de jornais da época, constatamos que a Congregação de São José de Chambéry foi alvo de inúmeras crônicas, às vezes rudes, combativas, fantasiosas e infundadas, outras vezes construtivas, por parte de grupos da sociedade campineira, notadamente no período de 1878 a 1880:

... E se respeitosas senhoras, alli educadas quando meninas, contrastam com suas virtudes exemplares e conducta reprehensível dos diretores do Patrocínio, devem isso exclusivamente à moral sã bebida no seio de suas famílias.

¹⁵ CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBÉRY, *Madre Maria Theodora Voiron*. Roma: Scuola Salesiana del Libro, 1953, p. 71.

... dezenas e dezenas de meninas costumam vir educar-se no Patrocínio, seria cúmplice naquelles desmandos, se não viesse pela imprensa, abrir os olhos aos ingenuos pais de familias, que na boa fé são aludidos pelos saltimbancos de roupeta.¹⁶

Mesmo nesse contexto de resistências e pressões de segmentos da sociedade anticlerical, a demanda e o afluxo de alunas continuaram ascendentes, como comprovam os livros de matrícula.

A imprensa não poupava as irmãs em suas investidas, como nos mostra, a seguir, o trecho de outra crônica, também da *Gazeta de Campinas* assinada, desta vez, por L. L., morador de Itu.

O conventinho e Patrocinio de Itu.

Continuando esta ligeira chronica, sem comentarios, referiremos alguns factos que se deram no collegio do Patrocinio e pelo mesmo theor daquelles já relatados ao publico. Logo nos primeiros annos houve uma irmã de S. José, allemã, que tomava parte na educação das meninas que recebiam ensino naquelle estabelecimento.

Essa irmã subitamente retirou-se de Itu e com tal segredo e mysterio que só muito tempo depois soube-se do facto...

Dizia gente do proprio collegio que isso se dera por não terem “combinado” sua “ideias” com as do mesmo collegio. Mysterios como os de frei Eugenio...

¹⁶ A *Gazeta de Campinas*, 1 de março de 1878, Collegio Patrocinio de Itu. Arquivo Edgard Leuenroth.

Há oito anos, mais ou menos, uma senhora de Itu, educada no Patrocinio, indo ao Rio de Janeiro com seu marido, ao entrar no vapor, em Santos, foi surpreendida com a presença de uma de suas mestras d'aquelle collegio, Maria Camilla, “moça e bonita”, trazendo uma “toilette commun”; e sobremaneira cauzou-lhe estranheza o facto de procurar ella “o incognito”.

Como porém aquella respeitavel senhora de Itu desde que a viu no vapor, dera prova inequivoca de reconhecê-la, Maria Camilla, a “incognita” impoz-lhe silencio e pediu-lhe — “em segredo” — que nunca revelasse quem era ella. Desembarcando no Rio, Maria Camilla dirigio-se para um hotel e nunca mais d'ella houve noticia...

É tal a “policia” daquelle “santo” collegio, que em Itu ninguem saberia da partida mysteriosa della se não fora o inesperado reconhecimento do vapor.

Dão-se factos mysteriosos, no collegio do Patrocinio, e o publico fica sem poder atinar com as causas.

Bom será, portanto, que para apanhar-se o fio d'essa meada, continuemos a dar alguns esclarecimentos.

Frei Eugenio e Generoso, que derão magnificos exemplos de “moralidade”, nesta provincia, gozavam de tal liberdade no collegio, que “até chegavam a surpreender as meninas, em certos lugares reservados!! Sendo de notar-se que esses “reservados” são separados do corpo do edificio por um extenso corredor.

Esses e aquele bello capuchinho, que não “sabe-se” ao certo se è hoje bispo passeiavam pelos jardins “acompanhados pelas...” até 8 e 9 horas da noute!!

Inauditos escandalos!

No collegio do sexo masculino é vedada comunicação de pessoas extranhas: naquelle, porém, onde os incautos paes de familias julgam encontrar tão somente boa educação moral, dão-se “gentilezas” dessas...

Não nos contestem: estas tristes e desoladoras scenas foram presenciadas por diversas pessoas, que então residiam alli e que hoje as revelam como o melhor dos serviços prestados à causa publica.¹⁷

Considerando os dados a que tivemos acesso, a crítica até certo ponto torna-se fantasiosa na medida em que não constava dentre as religiosas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio nenhuma que possuísse sobrenome alemão. Temos que convir que a moral da época exigia comportamento ilibado. Diante disso as pressões dos segmentos contrários à atuação católica procuravam atingir a honra e a imagem.

Percebe-se neste registro da imprensa de Campinas, que o cerne prioritário de ataque eram os jesuítas. As Irmãs de São José também se tornam alvo dos ataques, em virtude de sua ligação com eles. O artigo a seguir vem assinado por Ollem Sopmac, que pode significar Campos Mello, se lermos na ordem inversa:

Entretanto a menina de que fallamos, que não teve tempo para estudar nem sequer a historia patria, nem sómente a provincial, sabia de cor inteiramente sem faltar uma linha, um volume inteiro da historia Sagrada!

¹⁷ A *Gazeta de Campinas*, 19 de fevereiro de 1878, Collegio Patrocinio de Itu. Arquivo Edgard Leuenroth.

Apresentada esta moça ao dr. Martinho Prado Junior, em uma fazenda, elle perpassou todo este volume de principio a fim, abrindo ao acaso e mandando repetir um capitulo dando-lhe as primeiras palavras; elle recitava rapidamente todo o resto sem falta d'uma palavra.

O dr. Martinho admirado lhe disse: como pudestes decorar assim um volume com este?

Muito bem, replicou ella, desde o dia em que se entra no collegio até o da sahida nem um só dia se deixa de repetir Cathecismo e Historia Sagrada pelo menos uma hora, sem exceptuar mesmo os dias santos e domingos.

E das outras materias apenas meia hora de lição, duas ou tres vezes por semana e algumas apenas uma vez.

Tudo se aprendia simultaneamente e d'este modo; tudo incompleto, menos o Cathecismo e Historia Sagrada.

Vê-se pois que a única cousa que se ensina com desvelo é o que lhe chamam religião, e que seria, senão estivesse enxertada das mesmas superstições dos jesuitas.

Não vale a pena tão pouca cultura intellectual em troca de tanto fetichismo.

Quanto a moralidade diremos sómente que não vemos rasão, para se julgar uma menina menos segura sob a guarda de honrados e exemplares paes de familia como o sr. Pestana e sr. Morton, do que em uma casa onde entrava e sahia a hora que queria, e penetrava com a liberdade até os lugares mais internos, homens da qualidade de Frei Eugenio e seus companheiros, cujas prosas são conhecidas em São Paulo.

Não concluiremos sem aduzir mais alguns factos tendentes a mostrar o que são jesuitas, e o que elles tem produzido em Itu.

Assentaram seu quartel general no collegio, destacaram uma sentinella na Misericordia, outra no Patrocinio, outra no Carmo, outra no Conventinho, e a guarda avançada no Bom Jesus, tomaram todas todas as posições fortes e são hoje senhores absolutos da praça.¹⁸

O alvo das críticas recai principalmente sobre o ensino ministrado tendo como princípios basilares a memorização das Sagradas Escrituras.

Ainda em 1880, registramos mais uma crônica para esse mesmo alvo:

... Diversas tentativas se fez para o estabelecimento de collegios.

O povo manifestava desejos de bem educar suas familias.

Então o finado bispo d. Antonio conhecendo este desejo ardente de boa educação, aproveitou o ensejo e fundou o Collegio do Patrocinio.

Corria a anno de 1858 quando elle se inaugurou.

Em breve os observadores conheceram que o beatissimo começava a resurgir de suas cinzas.

Novas e desconhecidas praticas religiosas appareceram.

As festas do mez de Maria de que nunca se fallou em Itú, foram instituidas; as solemnidades da Primeira communhão, um verdadeiro melodrama, que deslumbra as mulheres ignorantes e até alguns não muito ignorantes, celebram-se com grande concurso.

¹⁸ A Gazeta de Campinas, 6 de março de 1880, Os jesuitas e os collegio de Itu VI. Arquivo Edgard Leuenroth.

As meninas pelas ferias levavam para casa suas caixinhas cheias de veronicas, rosarios, santinhos, registros, e toda essa bugiaria dos romancistas; ensinavam canticos e hynnos em lovor de Maria a mãe preciosa, a rainha dos céos onde nada se move sem licença. Contavam ás suas irmãs, ás mães e ás credulas, que Maria dispunha dos céos; quem a adorasse, quem se dedicasse a ella, nada podia temer, a salvação era certa.

Mas tudo ainda era toleravel. Chegou 1867 epocha nefasta para Itú, epocha em que foi inaugurado pelo padre Honorati o Collegio São Luiz, desde então o incremento do beatismo foi rapido! 12 annos apenas e o beatismo ou jesuitismo cravou suas garras até o coração d'este infeliz povo, que em sua maioria ficou fanatisado pelos jesuitas e os que ainda estão livres, são suffocados pela enorme turba de beatos, ou medrosos!

Apenas inaugurado o collegio multiplicaram-se as superstições, o mais asqueroso fetichismo, as mais absurdas praticas religiosas foram do pulpito pregadas pelos illustrados padres! Santos até então obscuros, ficaram populares e celebres pelos immensos milagres, segundo os jesuitas, por elles praticados, como São Luiz Gonzaga, Anchieta e outros.

Praticas que no Patrocinio ainda se hesitava em apresentalas em publico, foram com audacia apresentadas pelos jesuitas, por exemplo esta:

No Patrocinio já se fazia cartas a S. José pedindo o que se desejava, e estas eram entregues a superiora (que certamente estava em relação directa com o santo) as quaes eram depois queimadas “(sem que ella as tivesse lido, ninguem

duvidará).” Mas tudo isso se fazia em famílias e não a vista do povo.

O jesuita porém conhece sua força, nada receia; proclamou uma pratica util e necessaria a dos alumnos e beatos dirigirem cartas a S. Luiz de Gonzaga, e um bello dia na occasião da missa appareceu um padre com ar de seriedade, trazendo uma bandeija cheia de cartas e acompanhado dos alumnos em procissão, sobe os degraus do altar, apresentam-lhe uma vela accesa e as cartas são consumidas pelo fogo com toda a devoção! Este acto de infame velhacaria, praticado por padres que se dizem illustrados para arrancar os segredos dos seus innocentes alumnos e dos parvos beatos, não precisa de commentarios!

A multiplicação das festas, a necessidade da frequencia do confissionario, pregada no pulpito como a mais sublime das virtudes entregaram aos jesuitas o povo de pés e mãos atados.¹⁹

Todos os dados sobre Madre Maria Theodora foram levantados através de biografias publicadas. Nestas biografias, exploramos minuciosamente as cartas escritas por ela no decorrer de toda sua vida.

Segundo Williamson estas biografias “mostram o homem, não como vem descritos nos registros públicos mas, como ele foi realmente

¹⁹ A Gazeta de Campinas, 2 de março de 1880, Os jesuitas e os collegios de Itu II. Arquivo Edgard Leuenroth.

no seu íntimo”.²⁰ Desta forma, podemos dizer que os encontramos mais próximos da realidade da vida humana.

Afirma ainda Williamson que,

*uma vez que a vida é também a matéria de que se vale o escritor de cartas para fazer uma imagem, haverá seguramente nessas imagens alguma consistência, que as modificações insignificantes da história, não podem desfazer.*²¹

Os autores das biografias de Madre Maria Theodora nos mostram que a fé implode ou se renova com a leitura, que inflama a dimensão espiritual e motiva a imitação de virtudes. Essa leitura propicia a esperança da vida pós-morte, a imortalidade, o entendimento do sentido da vida, o encontro com a divindade, o consolo aos aflitos, a explicação para as dores físicas, morais, os frutos do temor de obediência a Deus.

As cartas de Madre Maria Theodora encerram profunda magia mística de enlevar o espírito até Deus, de induzir mortificações, de infundir inspiração e tendência à imitação do irrestrito e exclusivo amor a Cristo, bem como a vida deve ser vivida segundo os princípios evangélicos. Elas testemunharam renúncia por um amor maior, influenciaram a busca da perfeição sobrenatural, o desapego das coisas materiais. E, ao narrar os frutos que uma poderosa fé produz, o espírito que perpassou nestas cartas estimulou a coragem não só de aderir à fé, mas também para gestos concretos de atuação virtuosa em seus misteres específicos.

²⁰ WILLIAMSON, Claude, *Grandes católicos*. Porto Alegre: Globo, 1943, p. 15.

²¹ Idem, p. 17.

Williamson nos diz ainda que as cartas possuem uma qualidade literária. Para ele,

os valores que comandam a estrutura da epístola estão hierarquizados numa escala de acordo com sua importância imediata e pessoal e não de acordo com sua importância universal para todos os homens. Preceitua ainda que a conversação e a correspondência, os melhores materiais com que conta o biógrafo, e nenhuma experiência com eles, nenhuma teoria do pressentimento, podem competir com uma imaginação simpatizante.²²

Índice dela é o respeito pela verdade, uma abundante compreensão humana, uma decisão de deixar o leitor livre para que extraia suas próprias conclusões das complexas características que lhe são apresentadas.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a utilização das cartas de Madre Maria Theodora na elaboração de sua biografia esteve centrada na análise de seu íntimo, do seu coração humano, sem nenhuma intenção de transformar ou transfigurar, sem nenhum esforço para melhorar o mundo na história ou pela história, compreendendo exatamente o valor da natureza humana.

2.3 SEMEANDO VIRTUDE

A história nos mostra, através das biografias, que Madre Maria Theodora foi uma religiosa de fé viva, alimentada pelo espírito de

²² Idem, p. 31.

oração e sacrifício, alicerçada na mais profunda humildade. De trechos de suas cartas, foram extraídas as máximas que nortearam toda sua vida e, após seu falecimento, lenitivo para a vida da Congregação.

*Minhas filhas, guardemos nossas regras e ellas nos guardarão.*²³

Sublime e austera era a divisa vivida por Madre Maria Theodora:

*No cumprimento do dever, dar preferência ao que mais custa.*²⁴

Suas cartas são impregnadas desse espírito de sacrifício que ela desejava incutir em suas filhas. Neste sentido, escrevia a uma das irmãs:

... Coragem minha filha!... Lembre-se que é no cumprimento da vontade de Deus e no sofrimento aceito com submissão e mesmo com alegria que se encontra a santidade. Quanto mais agradáveis formos a Deus, tanto mais Elle nos visitará com sua cruz. Que estes pensamentos a estimulem e a meditação da Paixão de Nosso Senhor a ajude, console e fortifique.

²³ As Constituições e Regras das Irmãs de São José de Chambéry.

²⁴ Uma irmã de São José, *Madre Maria Theodora Voiron, 1835-1925*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1937, p. 33.

Respondendo a carta de felicitações pelo sexagésimo aniversário de sua profissão religiosa: “Os longos annos nada são. Santificar-nos e fazer o bem, sim, é tudo.” À outra irmã, dizia:

Não podendo ir ve-la, minha filha, quero ao menos animá-la a trabalhar para sua santificação, com ardor, constancia e boa vontade.

Nada mais importante para nós do que santificar-nos é fazer todo o bem possível. Essa deve ser a nossa maior ambição; para isso saibamos tirar proveito de tudo. Lembremos de que as pequeninas cruces de cada dia, espalhadas com profusão, pela misericórdia de Deus, em nossa existência, não são dos menores meios para conseguir esse fim. Apliquemo-nos, particularmente, à vida interior, à vida sobrenatural, à vida de N. Senhor em nós.²⁵

Não seria demais dizer que o valor das memórias de uma pessoa depende do interesse geral dos acontecimentos em que tomou parte e das pessoas que conheceu; vincula-se ainda ao interesse oferecido por seu próprio caráter em relação com os acontecimentos; e do valor de suas confissões, da intensidade de sua vida interior. Nesse sentido, Madre Maria Theodora deu inúmeros exemplos de observância da vida religiosa. Presidia a todas as atividades da Comunidade fazendo diariamente com as Irmãs exercícios espirituais prescritos nas Constituições e queria que cada uma nele tomasse parte ativa. Depreende-se que suas instruções

²⁵ Idem, p. 34.

sobre os deveres da vida religiosa eram sólidas e enérgicas. A seu ver, faltar a um ponto da “Regra” era arrancar uma pedra ao edifício, abrir uma brecha que lhe poderia acarretar a ruína. Neste particular, mostrava-se intransigente.

2.4 SALUTARES ENSINAMENTOS

A instrução religiosa constituía objeto de sua preocupação constante e o seu mais caro mister. Essa preocupação também era extensiva a todo alunado, o que podemos perceber através de alguns trechos de diferentes cartas por ela escritas:

Veja Deus em sua Superiora, seja condescendente para com suas companheiras. Saiba deixar de lado seus próprios interesses para contentar os outros.

Quanto folgo, dizia ela a outra Irmã, por saber que minha filha combina bem com sua Superiora e vive em santa união com suas companheiras. Este ponto é essencial. Quando a caridade reina em uma casa, N. Senhor ahí habita. Elle próprio affirma.

O meu desejo é que minha filha continue a ser bem unida à sua Superiora e às suas Irmãs, formando todas um só coração e uma só alma.²⁶

²⁶ Idem, p. 41.

As antigas alunas, por ocasião do cinquentenário do Colégio (1909), são unânimes em proclamar as qualidades da Superiora, Mestra e Mãe.²⁷



Madre Maria Theodora ladeada de senhoras, ex-alunas do Patrocínio, por ocasião das comemorações do Jubileu de Diamante (60 anos) de sua chegada ao Brasil e do Colégio N. Sra. do Patrocínio de Itu. Sentadas da esquerda para a direita: Anna Tibiriça de Queiroz Telles (turma de 1866), presidente da Comissão Executiva das comemorações, Rita Amélia de Mesquita Sampaio (turma de 1874) e Olímpia Augusta Fonseca de Almeida Prado (turma de 1859), a primeira aluna matriculada no Patrocínio, Madre Maria Theodora com a comenda da Legião de Honra, outorgada pelo governo da França, Antonia Mesquita Sampaio (turma de 1860) e Guiomar Ataliba Nogueira (turma de 1878). Em pé, da esquerda para a direita: Dalila Barroso de Souza, Júlia Cintra do Prado (turma de 1876) e Maria da Glória Nébis Mota (turma de 1887). Foto de 1919.

Com o máximo interesse, preparava as alunas e religiosas para a sublime missão de educadora, enfatizando sempre suas responsabilidades em relação a bom exemplo, vigilância, pontualidade, método de ensino.

²⁷ *Madre Maria Theodora Voiron — Fundadora da província brasileira. Escola Profissionais Salesianas, 1937, p. 17.*

Sua postura e exemplo permitiram instruir suas alunas nos deveres e nas verdades da vida cristã e fizeram com que elas apreciassem a prática da religião, pois, para ela, um dos meios mais eficazes de concorrer para a glória de Deus era na boa educação das meninas.

*Os princípios religiosos uma vez profundamente gravados no coração, jamais apagam; impedem muitos extravios, produzem grandes virtudes e mesmo nos desvios do bom caminho aceleram a conversão.*²⁸

2.5 CONTEÚDOS SIMBÓLICOS

Assim sendo, tinha como o fim principal proposto dar maior ênfase em amoldar os corações das alunas ao amor da religião e de todas as virtudes que ela inspira e, num segundo momento, cultivar e embelezar o espírito de suas alunas pelos conhecimentos humanos. Em suas cartas, há sempre conselhos práticos referentes à educação:

Se, minha filha, como espero de seu espírito religioso, compenetrar-se da sublimidade de suas funções e, cheia de terno amor sobrenatural para com essas meninas, mostrarlhes dedicação material, tratando-as com respeito, como almas queridas de N. Senhor; si esforçando-se por praticar o que nossas Santas Regras prescrevem, for para suas

²⁸ FARIA, Carlos Coelho de, *Vida e obra de Madre Theodora*. São Paulo: Bisordi, 1977, p. 119.

alumnas — modelos de virtude, há de ser feliz em seu officio e poderá fazer o verdadeiro bem.

... Fiquei satisfeita por saber que suas alumnas estão dóceis. Pela oração e por um grande espírito de renúncia é que minha filha conseguirá inclinar esses corações para o bem.

Oração, prudência, mansidão e firmeza. Não se perdoe nenhuma falta contra essas virtudes.

... minha filha, faz bem de se instruir com as lições que N. Senhor lhe dá: procure tornar-se cada dia mais humilde, mais desconfiada de si e mais confiante em Deus. Só a alma humilde goza de paz interior e verdadeira felicidade. Si for humilde, submissa e caridosa, consolará sua Superiora, tornará a vida suave às Irmãs, merecerá as bênçãos de Jesus.²⁹

Neste trabalho com educação, Madre Maria Theodora permaneceu durante doze lustros. Um dos biógrafos de Madre Maria Theodora, Roberto Machado de Carvalho,³⁰ selecionou e organizou uma coletânea das máximas, dos conselhos e de outras manifestações de espiritualidade extraídas de seus escritos e agrupados em subtítulos:

²⁹ Uma irmã de São José. *Madre Maria Theodora Voiron, 1835-1925*. Escolas Profissionais Salesianas, 1937, p. 45.

³⁰ CARVALHO, Roberto Machado, *A glorificação da Venerável Madre Maria Theodora Voiron (1835-1925)*. São Paulo: Sociedade Impressora Pamartz, 1982.

AMOR A DEUS

Levantemos os olhos para o Céu. Quem nos fere é o mais terno dos Pais. Ama-nos infinitamente e nada permite senão para nosso maior bem.

O amor próprio tem muita astúcia, porém, o amor de Deus ainda tem mais. As provas e contradições são o selo das obras de Deus.

Quanto mais agradáveis formos a Deus, tanto mais Ele nos visitará com sua Cruz.

Nosso coração é tão pequeno para amar um Deus tão grande e tão digno de ser amado, que não podemos fazer muito dando-lhe inteiro.

Eu me entreguei à Divina Providência e Ela jamais nos faltou.

Adoro os desígnios da Providência sobre mim e bendigo-a continuamente por ter disposto as cousas com tanta sabedoria.

Não somos umas condenadas a trabalhos forçados que arrastam suas algemas; somos as esposas de um Deus crucificado e é por seu amor que, como Ele, devemos obedecer.

Não pensem em cousas tristes. Abandone-se nas mãos de Deus. Ele a ama infinitamente (para uma Irmã doente).

Olhemos para o alto, beijemos a mão paternal que nô-lo envia. É a mão d'um Pai que nos ama, quer nosso bem e nos prova porque nos ama. Coragem, minha filha! (para uma Irmã com problemas na família).

É preciso uma grande pureza para ver a Deus.

Amemos a Deus, sejamos sedentas de sua glória e da salvação das almas; santifiquemo-nos!

Entrego tudo nas mãos de Deus. Ele tomará conta do que é seu.

CARIDADE

Os pobres devem ser servidos em primeiro lugar.

Procuremos tornar a vida suave aos que nos rodeiam.

Sou de tal modo feita, que, se faço qualquer coisa contrária à caridade, sinto Nosso Senhor dizer-me fortemente: “Como ousas faltar assim à caridade? E eu que tanto fiz por ti!”

O que sei é que tínhamos pouco, e deste pouco sempre demos e nunca nos faltou (a propósito das dificuldades nos primeiros anos do Patrocínio).

CORAGEM

Coragem, paciência! Um dia no Céu bendiremos a Deus por tudo, principalmente pelo que tivemos feito ou sofrido por seu amor.

Coragem, confiança em Nosso Senhor, humildade e depois sempre para frente, como um bom soldado de Cristo.

Coragem, minha filha, seja ávida de mortificações e sobretudo de humilhações. Que doçura, que paz para as almas generosas.

Coragem, minha filha! Lembre-se que é no cumprimento da vontade de Deus e no sofrimento aceito com submissão e mesmo com alegria, que se encontra a santidade.

Esperemos, rezemos e humilhemo-nos. Coragem e confiança! Unindo minhas lágrimas às suas, peço a Nosso Senhor que as enxugue e console sua família.

Eia, coragem, pensemos no amor de Deus para com as nossas almas; vamos a Ele com toda a confiança! Ao coração humilde e confiante Ele nada pode recusar. Deus vela sobre nós, confiemo-nos a Ele, que não nos abandonará.

DESEJO DO CÉU

E seja qual for o lugar onde repousem nossos restos, chegaremos à imensa e vasta morada onde cada qual receberá o prêmio de seu trabalho, de seus labores.

Procuremos a Deus na vida, para encontrá-lo na hora da morte.

Ah! Quando estaremos no Céu, com Deus!

Pensai na brevidade da vida e na consolação que sentireis no momento da morte se tiverdes sabido trabalhar e sofrer por Jesus.

DEVER

No cumprimento do dever dar preferência ao que mais custa.

Uma boa Religiosa encontra-se sempre ou com a Comunidade, ou na Capela ou no seu ofício.

Antes de sermos religiosas, devemos ser boas cristãs, cumprindo fielmente os mandamentos.

Uma boa religiosa não procura saber novidades e abstém-se de falar da vida alheia. Isto é próprio somente de pessoas sem serviço.

Viva contente no ofício que a obediência lhe confiou; faça o possível para exercê-lo convenientemente, trabalhando sob o olhar de Deus e por seu amor, procurando o maior bem.

No cumprimento do dever faça tudo com suavidade, sem alarde, sem magoar a ninguém.

Não tenhamos medo do trabalho repugnante, mas tenhamos medo e fuçamos até da sombra do pecado (para as enfermeiras).

Trabalhem para Deus tão somente! Todo o ouro do Brasil não pagará a fadiga de uma hora de classe. E minhas Filhas que não querem ouro, poderiam esquecer o céu? (para as irmãs professoras).

FAZER O BEM

Façamos o maior bem que pudermos, da maneira mais oculta possível.

Os longos anos nada são. Santificar-nos e fazer o bem, sim, é tudo.

Sejamos apóstolos; há tanto bem a fazer neste caro Brasil!

Nada mais importante para nós do que santificar-nos e fazer todo o bem possível.

Pela oração, sacrifícios e uma constante abnegação, procurem fazer o maior bem possível às almas que lhes forem confiadas.

Ali está o meu Banco (referência às órfãs).

Farei tudo quanto puder, para o bem desta Obra, enquanto Deus me deixar o encargo dela.

Ah! Se nos fosse dado neste mesmo instante ensinar-vos o meio de amenizar a vossa dura e penosa existência, que alívio para nossos corações! (a propósito da vida dos escravos, carta à Superiora Geral, março de 1860).

Dar esmola é uma graça que Deus não concede a toda gente. Uma das maiores punições que Ele inflige a uma alma é tirar-lhe os meios de fazer o bem.

A glória de Deus e a salvação das pobres crianças da cidade que não têm ninguém que lhes dê educação cristã, me levaram a ceder (referência a um pedido para a instalação de uma Casa da Congregação).

Parece-me que estou pronta a todos os sacrifícios, menos ao de não poder fazer o bem como desejaria (a propósito de sua nomeação para Superiora das Irmãs de São José, Província brasileira, 1872).

Quero fazer todo o possível, sacrificar-me sem reserva. Se com isso puder fazer o bem como o desejo, serei feliz (quando a Congregação assumiu a responsabilidade dos trabalhos da Santa Casa de São Paulo).

Reze, minha boa Mãe, para que eu me santifique e faça todo o bem que estiver no meu alcance (carta à Superiora Geral).

Soube, por acaso, que minha filha está triste. Por que não me escreve? Estará doente? Terá algumas penas que eu posso remediar? Minha filha sabe quanto sua alma me é cara e como desejo vê-la feliz e contente.

Sejam, sobretudo boas para com as alunas de mau gênio. Nunca as desanimem, reconheçam seus menores esforços, testemunhem-lhes afeição. Lembrem-se que, para fazer o bem, precisam amar e ser amadas! (para as professoras).

HUMILDADE

O Coração de Jesus tem ternuras especiais para as almas sinceramente humildes.

Quanto mais humilde formos, tanto mais Nosso Senhor se aproximará de nós e nos abençoará.

Quanto mais nos desapegarmos de nós por amor a Jesus, tanto mais Ele pensará em nós e cuidará de nossos interesses.

Coração de Jesus, supri a todas as minhas insuficiências.

Vivei humildes e confiantes, suportando com paciência as pequenas contrariedades e esforçando-vos por não penalizar a ninguém.

Parece-me que não quero senão o cumprimento do agrado de Deus; mas o que me atormenta continuamente é a responsabilidade de minha posição e minha incapacidade para bem cumprir meu dever.

Trabalhe constantemente para tornar-se mansa e humilde e será feliz.

Seja humilde de espírito, de coração e de ação, sobretudo ao suportar as contrariedades e penas de cada dia.

Seja muito humilde e pequenina; a porta do céu é baixa e pequenina (para uma noviça).

Quem é inferior ocupa o primeiro cargo. Foi Nosso Senhor quem assim determinou.

Estas honras me crucificam (referência às homenagens dos 60 anos de fundação do Patrocínio, 1919).

Só quando nada somos, absolutamente nada, é que Nosso Senhor age nas nossas almas; enquanto existe um pouco de nós, a ação divina se embaraça (após deixar o cargo de Superiora, 1921).

IGREJA

Não percamos por nossa culpa o benefício d'uma absolvição, d'uma missa, d'uma comunhão e tenhamos em grande estima tudo que é da Santa Igreja.

O coro de nossa Igreja parecia um pedaço do céu (dia de primeira comunhão no Patrocínio).

Eu agradeço a Deus, não as numerosas fundações que, auxiliada com sua graça, pude fazer, mas sim o ser filha da Santa Igreja Católica

Para a Igreja não quero economia, Deus merece que lhe demos o que temos de melhor.

MARIA

Confiemos em Maria, sejamos suas verdadeiras filhas.

NOSSO SENHOR

Procuremos o Nosso Senhor durante a vida para o encontramos à hora da morte.

Aprendemos a desconfiar de nós e a confiar n'Aquele que é o Senhor da vida e da morte.

A Vinha do Senhor é ericada de espinhos; não se pode cultivá-la sem se picar.

Nosso senhor reserva as tarefas mais espinhosas para as almas fortes que sabem suportar tudo em silêncio.

Amemos a Nosso Senhor de todo nosso coração e deixemos passar os nadas desta vida.

Como Nosso Senhor é bom! Como paga centuplicadamente os pequeninos sacrifícios que Lhe oferecemos!

Não se aflija, porém, com essas cousas, minha boa Mãe, tudo passou; agora se a Senhora aqui estivesse ver-me-ia contente, e resolvida mais que nunca, a me sacrificar pela glória do Divino Mestre e pela salvação das almas (a propósito das dificuldades dos primeiros tempos do Patrocínio, carta à Superiora Geral, 20 de junho de 1859).

Nunca senti tão vivamente minha fraqueza e profunda miséria. Minha única esperança está no Divino Mestre (ao receber o comunicado sobre sua escolha para Superiora).

Estou satisfeita com tudo o que Nosso Senhor permitiu para o bem de minh'alma; amo-o mais puramente.

Que o coração de Jesus reine no seu lar, e nos corações de todos os que Lhe são caros.

Ouso esperar da infinita Misericórdia do bom Mestre que Ele continue, em favor de sua indigna serva e desta obra que é toda de seu Divino Coração, a espalhar esta abundância de bênçãos... (referência à sua nomeação para Superiora).

Às vezes, a pena que experimento é tão viva que vou imediatamente aos pés de Nosso Senhor derramar algumas lágrimas e pedir perdão de minha falta.

Não me atormento. Faço o que posso e em seguida confio tudo a Nosso Senhor, que cuida de sua família.

Nosso Senhor, na sua bondade, me dava nas ocasiões difíceis, uma força e um sangue frio que fechava a boca aos mais poderosos e aos mais atrevidos.

Peço humildemente a Nosso Senhor que lhe ilumine a alma.

É tão belo quando numa casa há perfeita concórdia, perfeita união, verdadeiro amor a Nosso Senhor.

Sinto mesmo fome de Nosso Senhor; a única consolação que tenho aqui é de poder entreter-me algumas vezes com Ele.

Nosso Senhor não me deixa em paz quando cometo qualquer falta.

Eu não desejava viver senão para Nosso Senhor e talvez esteja vivendo para mim mesma.

OBEDIÊNCIA

Sagrado Coração de Jesus, em Vós confio.

A obediência, segundo as Escrituras, cantará vitórias!

Qualquer emprego que a obediência me confie, espero, com a graça de Deus, conduzir-me de maneira a não lhe dar o menor motivo de tristeza (carta à Superiora Geral).

A notícia do acréscimo de responsabilidade que a obediência acaba de impor-me, foi para a minha pobre pessoa um verdadeiro raio (referência à nomeação para Superiora, carta à Superiora Geral, 19 de fevereiro de 1872).

Se estou desagradando as criaturas, vejo que começo a ser a serva de Nosso Senhor.

Estão me preparando festas e Jesus prepara-me a cruz (às vésperas de completar 60 anos de sua chegada ao Brasil, 1859-1919, e antevendo a queda que sofreu em 1920).

Entretanto, meu Deus, não quero o meu alívio, nem minha vontade, mas unicamente a Vossa. Assisti-me com vossa graça divina (referência à queda que sofreu).

RESIGNAÇÃO À VONTADE DE DEUS

Mostremos o rosto, que é de todos, sempre sereno, embora chore o coração que é tão somente nosso.

Quanto mais sacrifício tanto mais paraíso.

A Vida religiosa é um paraíso, sim, mas para a alma fiel que não procura senão Deus.

Meu Deus, não vos peço o sofrimento, sabeis de que barro sou feita; dignai-vos cumprir em mim vossa santa vontade.

O abandono à Divina Providência constitui toda a minha força.

Não podendo mais duvidar da vontade de Deus, submeti-me, enfim, adorando em silêncio os desígnios da Providência (a propósito de sua nomeação para Superiora do Patrocínio, em 12 de novembro de 1859).

Meu Deus, seja feita vossa vontade! Desde então, minha dor tornou-se mais suportável, pude entregar-me a minhas ocupações ordinárias. Nosso Senhor estava satisfeito. A parte superior de minha alma o estava também. Agora tudo está consumado (a propósito de seu irmão Pe. Carlos Voiron, que foi capelão do Patrocínio, que, por motivo de saúde, deixou Itu, retornando à França, após permanecer quase quatro anos em tratamento no Rio de Janeiro).

Deus, não me pode faltar.

Raramente Nosso Senhor me consola; mas concedeu-me luzes para a minha conduta e para a dos outros, o que eu não teria sem uma graça particular. Além disso, nunca saio de sua presença sem me sentir mais forte e mais corajosa para preencher, com fidelidade, meus deveres.

O pensamento de sua bondade e de suas misericórdias (Deus) para comigo me absorvem de tal modo, que passo quase todo o tempo a conversar com Ele, a expor-lhe minhas necessidades e as de cada uma de minhas Irmãs.

Veja como o Senhor é tão bom aqui como na Europa; se não temesse blasfemar, diria mesmo que ainda é melhor aqui.

Recomendei tudo ao Sagrado Coração de Jesus. Ele fez o que eu não podia fazer.

Nosso Senhor do Tabernáculo era meu único Conselheiro. Quando meu pobre coração estava muito triste, eu ia chorar um pouco a seus pés, em seguida tratava de aparecer com rosto alegre e contente a minhas Irmãs.

Estamos nas mãos de Deus. Se nossa obra for realmente sua, ele saberá protegê-la. Quanto a nós, sejamo-lhes fiéis; eis o que nos compete fazer.

Não tenho apoio e consolação senão em Deus. Minha posição é tão delicada que, sem uma proteção toda particular do Céu, nada poderei solucionar na Santa Casa de São Paulo.

Deus acima de tudo.

Custe o que custar é preciso assegurar a salvação eterna.

Se eu tivesse cessado, um instante, de contar unicamente com Deus, não teria podido resistir às provas que tive que sustentar.

Quanto às tentações, tenho-as experimentado de toda espécie, particularmente de desgosto, de perturbações, algumas contra a fé, contra a caridade. Creio que, com a graça de Deus, não sucumbi a nenhuma.

Deus fez muito bem de me atirar por terra. Ele sabe de que barro sou feita (referência à queda que sofreu).

Devo meu restabelecimento, antes de tudo, ao Sagrado Coração de Jesus; não lhe posso agradecer suficientemente.

Se esta frágil embarcação soçobrar, seja eu a vítima (durante a viagem ao Brasil).

Não perca nenhuma das ocasiões que crucificam.

Dir-se-ia que os demônios tomaram o encargo de se vingarem, em mim, de todo o bem feito por minhas Irmãs.

Não lhe falo das mil e uma cousas que me entristeceram. Calo-me a esse respeito. Que só Deus saiba de tudo! (poucos dias após a chegada em Itu, 15 de junho de 1859, carta à Superiora Geral).

Antes disso do que um pecado (referência ao incêndio que atingiu o Colégio N. Sra. da Assunção de Piracicaba, em 24 de janeiro de 1901).

Estou tão habituada a não ter senão desgostos e tristezas, que os dias nos quais nada tenho de particular para sofrer me parecem mais longos.

Nunca segui minha natureza.

Os espinhos, as dificuldades são para mim; o resto da Comunidade não os percebe nem os sofre.

Não pensemos que estamos muito adiantados na perfeição, quando tudo corre a nosso bel prazer, segundo nossos desejos.

Se é preciso um burro para carregar a carga, que seja eu (resposta a alguém que se referiu à sua permanência no cargo de Superiora).

Não gosto de saber que em nossas Casas não há sofrimento; parece que Deus se afasta de onde não há cruces.

Ainda não é tudo o que meus pecados merecem.

Distraia-se, leia um pouco, alimente-se bem, durma bastante, deixe as insônias para mim (para uma Irmã doente).

Peça para minha filha e para os seus; resignação, paz e inteira submissão à vontade divina (para alguém que perdeu a mãe).

Tenha confiança e alcançará tudo da bondade misericordiosa de Jesus.

A inteira submissão à vontade de Deus, pode em semelhante circunstância fazê-la chegar a um alto grau de virtude e obter para si e sua família, graças abundantes e extraordinárias (carta para uma Irmã com problemas na família).

Vamos, despertemos os grandes pensamentos da fé. Sua mãe estava preparada para o céu e Deus, na sua misericórdia, quis recompensar seus longos sofrimentos, suportados com tanta paciência (carta a uma Irmã).

SER MISSIONÁRIA

Para ser missionária, é preciso sofrer alguma coisa.

SER SANTA

É necessário ser santa, custe o que custar, o resto nada é.

TEMOR DE DEUS

Haverá verdadeiro prazer para uma alma infiel?

Passo semanas inteiras sem quase poder comer, nem dormir. Atormetada incessantemente pelo temor de ofender a Deus.

Quando fico atormentada, lanço-me aos pés de Nosso Senhor, e lhe suplico, entre torrentes de lágrimas, que me faça morrer antes de ofendê-lo.

VIDA DE ORAÇÃO

Apresentemos pelas nossas orações e sacrifícios o reino de Deus, o reino do Coração de Jesus nas almas; que este pensamento seja a alavanca que nos eleve acima de nós mesmos e das misérias desta vida!

Como precisamos rezar para que o Senhor da messe nos envie Sacerdotes fervorosos a fim de que se levantem muitos templos para a Eucaristia.

Meu coração parecia querer estalar de dor, mas eu estava pronta a todos os sacrifícios a fim de responder ao apelo do Divino Mestre. A oração era a minha força (a propósito da entrada na Congregação de São José de Chambéry, França).

Espero que Nosso Senhor, enfim, se deixe comover por nossas súplicas e que Ele que maneja a seu sabor, os corações dos homens, os tornem favoráveis à execução de seus desígnios.

As menores paixões, não combatidas desde o início, podem perder-nos. Rezemos com humildade, confiança e perseverança.

Meu Salvador, não tereis piedade de mim?

Não encontro consolo senão na oração. Com que ordinariamente mais me ocupo nesse exercício é com o estudo de meus deveres e com os pensamentos de humildade, de confiança, de abandono nas mãos da Providência.

Para experimentar a suavidade de pertencer a Jesus, seja uma alma de oração, cuide bem de seus exercícios espirituais, trabalhe com pureza de intenção, viva sob o olhar de Deus.³¹

Como bem diz Williamson, essas biografias

contribuíram efetivamente com algo que vale a pena ressaltar, simplesmente porque são grandes católicos, com acento no adjetivo. Todos deixaram atrás de si alguma obra, idéia ou exemplo, e, tanto quanto isso nos possa interessar, desejamos sem dúvida conhecer alguma coisa mais acerca deles. Tem uma densidade, uma pureza e uma magnitude, que contribuem para glória de Deus, para o progresso de sua Igreja, e para melhoramento dos homens.³²

2.6 RUMO À SANTIDADE

Ainda está em andamento o processo de beatificação e canonização de Madre Maria Theodora. No Vaticano, o Papa João Paulo II re-

³¹ Idem, p. 73 a 94.

³² Obra já citada, p. 51.

conheceu, em 26 de fevereiro de 1989, as virtudes da Serva de Deus, elevando-a à condição de Venerável, passo decisivo para a beatificação.

Assim sendo, podemos colocá-la ao lado dos “Grandes Católicos” tão bem descritos por Williamson.



Colégio Nossa Senhora do Patrocínio

CAPÍTULO 3

“REDIL DAS VIRGENS DE NEGROS VÉUS”*

“L’histoire, c’est l’archive, le dessin
de ce que nous sommes et cessons d’être.”

GILLES DELEUZE

* Expressão usada por Olívia Sebastiana Silva.

1859, 13 de novembro

Um domingo, dia consagrado a Nossa Senhora do Patrocínio. Ao lado da Igreja, é inaugurado o Colégio “Nossa senhora do Patrocínio” de Itu. As 11h, foi rezada Missa solene, celebrada pelo Vigário de Itu, Pe. Miguel Corrêa Pacheco, grande protetor da fundação do Colégio, com assistência do Bispo D. Antônio; presentes, vindos da capital, Frei Eugênio de Rumily, Reitor do Seminário, Frei Generoso de Rumily, exímio maestro, dirigiu o câro durante a Missa, Pe. Antonio Cândido de Alvarenga, Pe. Cândido Martins Silveira Rosa e os seminaristas Luciano Francisco Pacheco, José Silvério Lagos e Ezechias Galvão da Fontoura (filho do citado Joaquim Galvão Pacheco e irmão de Francisca Galvão, a segunda aluna matriculada), autoridades locais, populares, as oito Irmãs da Congregação, as dezesseis alunas que estavam matriculadas, a cozinheira Lia e sua filha Innocência, que mais tarde e durante muitos anos foi cozinheira do colégio.

O evangelho foi cantado pelo Pe. José Galvão de Barros França e a epístola pelo seminarista Ezechias Galvão da Fontoura; serviu de Mestre de cerimônias o Pe. João Paulo Xavier. No sermão, Frei Eugênio de Rumily discorreu sobre a necessidade e importância da educação feminina, apontando para o modelo da Virgem do Patrocínio, padroeira da Igreja do Colégio...¹

¹ CARVALHO, Roberto Machado, op. cit., p. 33.

O trecho acima nos possibilita construir na memória um ritual religioso elucidativo de um dia significativo para um segmento social católico: a inauguração do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu. Faz parte, podemos assim dizer, da caminhada inicial de Madre Maria Theodora no Brasil e do despontar de uma trajetória institucional educativa de características peculiares à sua época.

O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, construído para funcionar como um internato feminino, pode ser definido, de acordo com Golffman, como

*local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.*²

Uma residência feminina, cujo trabalho terá como elemento propulsor o processo formativo-educativo em decorrência, como acreditam as Irmãs da Congregação de São José de Chambéry, da

*necessidade, da importância da boa educação da mulher à imitação de Maria, a santa Padroeira da Igreja e protótipo da mulher Cristã.*³

O Colégio era fundamentado hierarquicamente sobre princípios de autoridade e obediência. Essa hierarquia conferiu à superiora, Madre

² GOLFFMAN, Ervin. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 11.

³ SILVA, O. S., op. cit., p. 86.

Maria Theodora, o atributo de “Notre Mère”. À semelhança de Maria, mãe dos homens e porta-voz de uma vontade divina.

*Cette mère est l'âme du sanctuaire ... et aussi l'âme de l'apostolat de sa congrégation. Dans l'Église catholique, les contemplatives son l'âme qui anime les apôtres. Dans le college, l'âme c'est notre mère. Elle est comme un soleil. Elle rayonne.*⁴

Assim sendo, ela irradiará uma formação feminina tendo por objetivo principal a inculcação de toda a moral cristã da época. No prefácio da biografia de Madre Theodora escrita por Silva, o bispo auxiliar D. Antônio Maria assim se manifesta:

*foi sobretudo a juventude feminina do Brasil, que, em gerações sucessivas sempre mais numerosas, lhe passava nas mãos beneméritas de educadora perfeita, e lhe ficava no coração solícito de mãe incomparável. Ela aprendera de Maria a moldar os corações. Vestia de azul e branco as suas filhas ..., como a Mãe de Deus, essa Mãe de tantas Brasileiras as acompanhava toda vida, com a solícita eficácia das palavras de seus conselhos.*⁵

⁴ ANDRÉ, Abbè Jean Poul. *La Mère*. Paris: Éditions Les Amis de St. François de Sales, 1985.

⁵ In SILVA, Olívia Sebastiana, op. cit., p. 8.

3.1 PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE VIRTUDES

Esse colégio caracterizou-se por ser uma escola de refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas, preocupando-se muito mais em torná-las damas aptas ao convívio social, virtuosas, polidas, religiosas convictas, de tal forma que pudessem educar seus filhos. Deveriam ser, pois, “les cellules vivantes d’une société régénérée dans le Christ ...”.⁶

O objetivo dessa educação encontra-se bastante explicitado nos prospectos da Congregação distribuídos à sociedade paulista:

*Formar as meninas na prática das virtudes que convém ao seu sexo; fazer com que cedo contraiam hábitos de ordem, modéstia, trabalho; inspirar-lhe com amor a religião, um grande afeto às obrigações que ela impõe; ornar o seu espírito com uma instrução apropriada à sua idade e aos deveres que um dia terão que cumprir na sociedade; eis o fim a que impõem as Irmãs de São José no seu desvêlo para com as pensionistas, cuja educação lhes é confiada.*⁷

Podemos observar que formar para a prática de virtudes e ornar o espírito assumem suma importância:

⁶ ANDRÉ, Abbè Jean Poul, op. cit., 1985.

⁷ Primeiro prospecto do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, publicado em 1859. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

CASA DE EDUCAÇÃO

Classe Beneficente do Patrocínio

DEBEMOS FOMOS IRMÃS DE SÃO JOÃO EM YTU.

Fomos as irmãs de Ytu, em 1894, quando se fundou a Casa de Educação, e desde então temos vindo a trabalhar para a melhoria da educação em geral, e para a formação de uma classe de pessoas capazes de trabalhar para o bem da sociedade.

Actualmente a actividade da Casa de Educação tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa, e a actividade das irmãs de Ytu tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa, e a actividade das irmãs de Ytu tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa.

MATERIAS DE ESTUDO

- | | |
|--|--|
| 1. Grammatica portugueza, com leitura de obras de litteratura portugueza. | 2. Grammatica franceza, com leitura de obras de litteratura franceza. |
| 3. Geographia e historia portugueza. | 4. Geographia e historia franceza. |
| 5. Geographia e historia portugueza. | 6. Geographia e historia franceza. |
| 7. Geographia e historia portugueza. | 8. Geographia e historia franceza. |
| 9. Geographia e historia portugueza. | 10. Geographia e historia franceza. |

LEITURA DE OBRAS

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1. Obras de Camoens. | 2. Obras de Camoens. |
| 3. Obras de Camoens. | 4. Obras de Camoens. |
| 5. Obras de Camoens. | 6. Obras de Camoens. |
| 7. Obras de Camoens. | 8. Obras de Camoens. |
| 9. Obras de Camoens. | 10. Obras de Camoens. |

EXERCICIOS

- | | |
|---|--|
| 1. Exercicios de grammatica portugueza. | 2. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 3. Exercicios de grammatica portugueza. | 4. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 5. Exercicios de grammatica portugueza. | 6. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 7. Exercicios de grammatica portugueza. | 8. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 9. Exercicios de grammatica portugueza. | 10. Exercicios de grammatica portugueza. |

EXERCICIOS

- | | |
|---|--|
| 1. Exercicios de grammatica portugueza. | 2. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 3. Exercicios de grammatica portugueza. | 4. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 5. Exercicios de grammatica portugueza. | 6. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 7. Exercicios de grammatica portugueza. | 8. Exercicios de grammatica portugueza. |
| 9. Exercicios de grammatica portugueza. | 10. Exercicios de grammatica portugueza. |

Para mais pormenores consulte o regulamento da Casa.

CONDIÇÕES

A actividade da Casa de Educação tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa, e a actividade das irmãs de Ytu tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa, e a actividade das irmãs de Ytu tem-se desenvolvido e tem-se tornado mais intensa.

A educanda deve ser solidamente formada nas virtudes preceituadas pela moral ultramontana e deve ter um ornamento cultural compatível com o lugar que ocupa ou ocupará na sociedade.⁸

3.2 REMINISCÊNCIAS

Testemunho vivo dessa formação, encontramos em cadernos de uma aluna verdadeiro manancial de registros dessa educação, que merece aqui ser destacado:

UM SANTUÁRIO

Vossa camara⁹ é um santuário em que não haveis de guardar cousa alguma que o manche. Não consintaes nelle, não digo nada immodesto, mas mesmo profano! Ahi estaes só com Deus e o Anjo Custodio, a maior parte de vossa vida; ahi vos accodem as inspirações e os remorsos mais fortes de que em parte alguma; ahi talvez Deus vos chamará para sí! Minha filha, nada afaste Nosso Senhor de vosso quarto de dormir nem faça corar vosso Anjo da Guarda. Uma imagem do Sagrado Coração, vossas lembranças da Primeira Comunhão e de filha de Maria Santíssima, os premios do collegio,

⁸ MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de Chambéry*. Tese de doutorado, USP, 1988, p. 193.

⁹ Sinônimo de quarto.

*uma bella e devota imagem da santa Virgem, a palma e a vela benta do domingo de Ramos e da Purificação, a pia de agua benta, os retratos de vossos paes, especialmente um crucifixo, o mais bello e devoto que puderdes alcançar e nada mais.*¹⁰

Ou, ainda:

PELO EXTERIOR SE CONHECE UM HOMEM

Saudae os ministros da religião, as pessoas consagradas ao serviço de Deus e dos pobres. Inclinae-vos também todas as vezes que passardes junto de uma cruz. Saudae as autoridades, os velhos e todas as pessoas respeitaveis que encontrardes.

Comportae-vos na igreja com descencia e recolhimento. Guardae silencio.

Prestae a vossos paes todas os pequenos serviços que estão em vosso poder. Aproveitae todas as ocasiões de obsequiar os outros; e si vos virdes forçado a recusar um serviço que vos pedem, redobrae de polidez. Si é necessario passar por um logar difficil, passae antes das pessoas por quem deveis ter consideração; nos outros casos, cedei-lhe o passo.

Não gracejeis nunca de pessoa alguma, nem de vossos pais, de vossos mestres, dos velhos, dos enfermos ou dos estropeados. Si sois obrigado a contradizer quer

¹⁰ Cadernos de exercícios de português da aluna L. C. P., de 1911.

*vossos parentes, ou qualquer outra pessoa, fazei-o com doçura, polidez e respeito.*¹¹

Por tratar-se de textos do início deste século, observa-se a permanência da “força” da moral católica corroborando a idéia de que à educação caberia a tarefa de modelar o caráter do educando conforme os preceitos e os valores morais através da prática de virtudes, do conhecimento das práticas religiosas e da assimilação dos bons exemplos que deveriam ser preservados.

3.3 *HUMANISMO ESCOLARIZADO*

Madre Theodora organizou e administrou o desenvolvimento de uma educação eminentemente conservadora cuja referência, em termos pedagógicos, foi o *Ratio Studiorum* o qual tinha por ideal a glorificação de Deus:

Gloria de Deus é manifestação das perfeições e excelências divinas na realização perfeita dos planos da obra criadora e redentora. Levar o homem ao conhecimento à consecução deste magnífico destino é, a um tempo, salvar o homem e glorificar a Deus. A grandeza e universalidade deste fim supremo dominará e ori-

¹¹ *Ibidem.*

*entará necessariamente, do alto, toda e qualquer atividade educativa digna do homem.*¹²

Para analisarmos o *Ratio*, temos de estar alertas sobre a finalidade eminentemente prática bem como as origens históricas geradoras desse manual, que preceitua métodos de ensino, regras e diretrizes aos envolvidos no processo educativo, elencando as dimensões sob os títulos administração, currículo e metodologia como os elementos mais importantes de seu conteúdo.

A administração era dividida em Províncias, supervisionada por um Provincial, abrangendo casas e colégios da Ordem. Integram a hierarquia os Reitores de Colégio, os Prefeitos de estudos auxiliados pelos prefeitos de disciplina com atribuições especificamente delineadas. Essa hierarquia organizacional reflete a estrutura piramidal da Igreja.

Em relação ao Colégio em estudo, encontramos essa mesma hierarquia, mas com uma nomenclatura adaptada, ou seja, Madre Geral, Madre Provincial, Irmã Diretora e Mestras de Classe.

Assim como o maior pilar do sistema educativo jesuítico, a formação religiosa configurava-se no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.

Na obra de Franca, são expostos com muita ênfase aspectos relevantes dessa pedagogia, os quais também são encontrados nos trabalhos educativos das Irmãs de São José de Chambéry. São eles: a preleção, em que se aborda em texto etimológico, gramatical, literária e

¹² FRANCA, Leonel, *O método pedagógico dos jesuítas. "Ratio Studiorum"*. Rio de Janeiro: Agir, 1952, p. 77-78.

historicamente; a emulação, arma de incentivo nos certames; a memorização; a rígida formação moral e religiosa; conceituação e perseverança nos estudos; domínio e controle das emoções, firmeza de caráter, sobriedade; obediência irrestrita aos superiores; práticas sacramentais freqüentes.

Privilegiar todos estes aspectos significa preservar a educação em todo seu processo.

Nessa formulação pedagógica,

*educar não é formar um homem abstrato intemporal,
é preparar um homem concreto para viver no cenário
deste mundo.*¹³

Para isso, essa pedagogia deveria ser ativa, com aulas plenas de vida e iluminada por um grande ideal de formação integral humanista, com professores muito bem preparados, em todas as dimensões da perfeição humana, verdadeiros apóstolos, modelos de virtudes.

A escolarização dos conteúdos da corrente humanista se integra a todos os outros aspectos do Colégio: a graduação das matérias, a vida regulamentada, o controle contínuo e individualizado etc.

Tudo isto contribui para erigir um mundo fechado, apartado das preocupações e das “más influências”. Era preciso proteger a menina dos exemplos nefastos, pois “o sentido e o pensamento do coração humano são inclinados para o mal desde a juventude”.¹⁴

¹³ Idem, p. 60.

¹⁴ Regras da Congregação, 2ª parte, capítulo XXIV. Reza ainda esse capítulo sobre os princípios que impedem extravios, visto que a felicidade ou a desgraça das famílias está nas mãos da mulher.

3.4 ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO

Nessa perspectiva, o currículo adotado pelas Irmãs de São José privilegiava uma formação “humanitas” contemplando as disciplinas abaixo, consideradas “base única de toda boa educação”:

MATERIAS DO ENSINO

1ª Instrução Religiosa, base única de toda boa educação; 2ª Grammatica Portugueza; 3ª Arithimetica; 4ª Geographia e Cosmographia; 5ª Noções de Botanica e Historia Natural; 6ª Ditas de Physica; 7ª Um curso de Historia Sagrada e profana; 8ª Os Diversos Generos de Calligraphia; 9ª Um Curso de Literatura, especialmente o Genero Epistolar; 10ª Trabalhos Manuais: toda a especie de pontos de meias e de costuras; remendos, como essencialmente necessarios a ordem e economia domestica; 11ª Obras de Gosto: flores arteficiaes; toda a especie de bordado e ponto de tapete.

LIÇÕES ESPECIAIS

1ª lingua Ingleza e Allemã; 2ª Piano e Canto; 3ª Desenho.¹⁵

Era necessário educar sem comprometer a alma, a religiosidade e moralidade da jovem. As alunas eram envolvidas por uma atmosfera de religiosidade, devoção e piedade, de tal forma que essa religiosida-

¹⁵ Prospecto de 1860, acervo do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Sala de Memória.

de era incorporada à vida da educanda, no colégio ou fora dele. Por essas razões, o programa de ensino desse colégio contemplava mais as matérias que pudessem reforçar a cultura e sociabilidade das almas, juntamente com seu lastro religioso.

Por fim, a proposta educacional era orientada, como já dissemos, pelos princípios do Catolicismo romanizado cuja lógica gravitava em torno da família e esta em torno da mãe. Assim sendo, essa mulher, educada, polida e cristã convicta, estaria imprimindo seus valores a seu grupo social, concretizando, pois, não só um projeto católico de formação individual, mas grandes propósitos educativos e de moral para toda a sociedade (em especial para o segmento dominante), que tem em Madre Theodora sua principal representante.

3.5 *EMULAÇÃO E DISCIPLINA*

Premiar alunas que se distinguissem nos estudos e comportamento fazia parte do ideal educativo adotado, pois incentivava a perfeição. Eram escolhidas as que haviam se destacado, sendo merecedoras dos tradicionais prêmios em sessão solene.¹⁶

Acrescentaram a este sistema de emulação discursos e, principalmente, medidas práticas e organizacionais para obter alunas disciplinadas e respeitosas da autoridade. Tudo era fundamentado hierarquicamente sobre princípios de autoridade e de obediência, consideradas virtudes imprescindíveis de qualquer sociedade humana.

¹⁶ Franca lembra com muita propriedade que a premiação não foi uma invenção dos jesuítas, mas que, entretanto, eles deram a esse evento uma pompa e uma dignidade jamais vistos. Op. cit., p. 64 (ver Anexos).

SOLEMNE
DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS

FEITA A 28 DE DEZEMBRO DE 1883

CIDADE DE ITU

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DO PATROCINIO

DIRIGIDO PELAS IRMãs DE S. JOSÉ

HONRA E GLORIA

A DEUS SO



SÃO PAULO

YENNERATHAL & VAUGHAN DE JORGE ENGLISH & C.^{os}

1883

Neste aspecto, podemos dizer que Madre Theodora forneceu em suas cartas inúmeros exemplos dessas virtudes quando mostrava sua postura diante da soberania Divina.

Podemos abstrair que para ela o domínio das ciências, das coisas terrenas, nunca valeu tanto quanto valeu a obediência prática a uma autoridade reconhecida como vinda de Deus.

Esta maneira de inculcar esquemas de ordem e submissão se prolonga numa disciplina do corpo e dos movimentos, que se relaciona a um modo de viver da época, atento às boas maneiras e atitudes convenientes.



Jubileu de Ouro do Colégio N. Sra. do Patrocínio
Itu, 13/11/1909

3.6 *BELAS-LETRAS, HOMOGENEIDADE*

E DISTINÇÃO SOCIAL

De acordo com o registro dos livros de matrículas que se encontram no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, foram matriculadas 2.275 alunas de 1859 a 1919, conforme relação abaixo detalhando número de alunas inscritas por ano:

| Ano | Matrículas | Total/acum. | Ano | Matrículas | Total/acum. |
|------|------------|-------------|------|------------|-------------|
| 1859 | 16 | 16 | 1890 | 58 | 1.112 |
| 1860 | 38 | 54 | 1891 | 41 | 1.153 |
| 1861 | 22 | 76 | 1892 | 107 | 1.260 |
| 1862 | 25 | 101 | 1893 | 23 | 1.283 |
| 1863 | 29 | 130 | 1894 | 31 | 1.314 |
| 1864 | 14 | 144 | 1895 | 50 | 1.364 |
| 1865 | 30 | 174 | 1896 | 53 | 1.417 |
| 1866 | 21 | 195 | 1897 | 48 | 1.465 |
| 1867 | 16 | 211 | 1898 | 26 | 1.491 |
| 1868 | 26 | 237 | 1899 | 39 | 1.530 |
| 1869 | 20 | 257 | 1900 | 42 | 1.572 |
| 1870 | 36 | 293 | 1901 | 30 | 1.602 |
| 1871 | 43 | 336 | 1902 | 31 | 1.633 |
| 1872 | 40 | 376 | 1903 | 42 | 1.675 |
| 1873 | 29 | 405 | 1904 | 29 | 1.704 |
| 1874 | 31 | 436 | 1905 | 48 | 1.752 |
| 1875 | 24 | 460 | 1906 | 50 | 1.802 |
| 1876 | 44 | 504 | 1907 | 50 | 1.852 |
| 1877 | 30 | 534 | 1908 | 37 | 1.889 |
| 1878 | 35 | 569 | 1909 | 33 | 1.922 |
| 1879 | 53 | 622 | 1910 | 42 | 1.964 |
| 1880 | 41 | 663 | 1911 | 41 | 2.005 |
| 1881 | 37 | 700 | 1912 | 50 | 2.055 |
| 1882 | 46 | 746 | 1913 | 55 | 2.110 |
| 1883 | 41 | 787 | 1914 | 45 | 2.155 |
| 1884 | 37 | 824 | 1915 | 21 | 2.176 |
| 1885 | 43 | 867 | 1916 | 19 | 2.195 |
| 1886 | 17 | 884 | 1917 | 26 | 2.221 |
| 1887 | 61 | 945 | 1918 | 28 | 2.249 |
| 1888 | 55 | 1.000 | 1919 | 26 | 2.275 |
| 1889 | 54 | 1.054 | | | |

Esta tabela fala por si, demonstrando que o prestígio do colégio se mantinha equilibrado por um interregno de sessenta anos, caso inusitado, se comparado a outras instituições de educação que tentaram se firmar nesse mesmo período.

Essas alunas provinham de famílias abastadas de todo o estado de São Paulo, de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e inúmeras oriundas da Corte no Rio de Janeiro.

A listagem dos nomes permitiu visualizar a tessitura social das famílias que, apesar de muitas delas estarem imbuídas dos ideais republicanos, guardavam espírito conservador e elegiam a educação não laicista para seus filhos. Muitas dessas alunas provinham de famílias com títulos de nobreza ofertados pelo governo imperial.

Alguns exemplos:

– Amalia Soares de Toledo, filha do Barão de Paranapanema, matriculada em 1889;

– Amalia Ferreira de Camargo, neta do Barão de Itatiba, matriculada em 1887;

– Andradina Correa, filha do Barão do Rio Pardo, matriculada em 1890;

– Angelina Conceição, filha do Barão de Serra Negra, matriculada em 1878;

– Anna Ataliba Nogueira, filha do Barão de Ataliba Nogueira, matriculada em 1878;

– Anna Egydio Sousa Aranha, neta do Marquês de Três Rios, matriculada em 1895;

– Anna Luiza de Queiroz Telles, neta do Barão de Jundiaí, matriculada em 1885;

– Candida Ferreira de Camargo, filha do Barão de Ibitinga, matriculada em 1875;

– Candida Lacerda Franco, filha do Barão de Araras, matriculada em 1876;

– Fidelcina Vieira de Andrade, sobrinha do Barão de Parnahiba, matriculada em 1895;

– Maria Carlota Arruda Botelho, filha do Visconde do Pinhal, matriculada em 1885;

– Maria Dalmacia Lacerda, filha da Baronesa de Arari, matriculada em 1860;

– Olga Pontes, sobrinha da Condessa Monteiro de Barros, matriculada em 1908;

– Zaida Moraes Alves, filha do Barão de Itapema, matriculada em 1901.¹⁷

Presume-se, pelos livros de matrícula, que não havia um critério rígido de idade na admissão do alunado. Os livros analisados mostraram-nos que, em sua maioria, as meninas encontravam-se na faixa etária de 8 a 12 anos, embora tivessem sido detectadas matrículas de alunas com 3 e 4 anos, de outras com 17 e 18, e ainda algumas com 24. Como exemplo, encontramos: Anna Exaltina de Almeida Coelho, matriculada em 1893 com 4 anos de idade; Joseina Pimentel, matriculada em 1896 com 4 anos de idade; Zenaide de Queiroz Telles, matriculada em 1879 com 3 anos de idade. As alunas eram agrupadas por idade e tamanho em três divisões: pequenas, médias e grandes.

Cada grupo era acompanhado por sua mestra de classe que exercia a vigilância e o controle, conforme as normas institucionais, para que as meninas do grupo, como um todo, se inserissem adequadamente nos diversos ambientes e desempenhassem bem seus deveres, apresentando postura e rendimento exemplares.

¹⁷ Encontramos, nos livros de matrícula, filhas, netas e bisnetas de muitas destas famílias que, durante três gerações, entregaram suas filhas confiantes na educação das Irmãs de São José de Chambéry.



Recreio das médias e pequenas

3.7 *SELEÇÃO E CODIFICAÇÃO SIMBÓLICA*

A vigilância e a divisão em classes faziam-se necessárias para que se observassem as regras disciplinares e se fortalecesse uma boa educação, afastando o que pudesse prejudicá-la, respeitando-se as idiossincrasias do alunado de cada divisão, de tal forma que as alunas aprendessem a se relacionar e a viver sadamente com os outros, dentro do grupo e da instituição de modo geral.

Isso deveu-se ao papel reservado à mulher no pensamento católico ultramontano que exigia dela, além do amor à religião e da ascese espiritual, o domínio de línguas, em especial, a francesa.

A disciplina em toda instituição total era revestida de muito rigor vinculado a uma vigilância ininterrupta com punições para os raros casos de transgressões.



Recreio das grandes

Como bem diz Manoel,

vigilância de todos os instantes, de todos os movimentos, de todos os atos públicos ou particulares, de forma que a privacidade fosse desmontada e todas ficassem diante de todas sem características próprias, sem marcas pessoais, sem individualidade.

Cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras, destinado a modelar a mulher que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora. Por isso gestos, comportamentos, linguagem, tudo era vigiado, controlado, moldado.¹⁸

¹⁸ MANOEL, Ivan Aparecido, *Igreja e educação femininas: os colégios das Irmãs de Chambéry*. Tese de doutorado, USP, 1988.

Exercia-se esse controle até em relação às atividades extras e opcionais das internas. As alunas eram observadas com o máximo cuidado, objetivando que essas ocupações não acarretassem prejuízo à sua perfeição religiosa. As leituras e a correspondência passavam pela censura das Irmãs, tanto na entrada como na saída.

No que diz respeito a música e desenho, bania-se tudo que pudesse ofender o pudor cristão, quer quanto aos olhos, quer quanto aos ouvidos.

Era comum encontrar nos corredores e outros ambientes a frase “Deus tudo vê, tudo olha”.

Quando longe da vigilância das Irmãs, as alunas ficavam sob a “Vigilância Divina”.

Em relação a amizades, preferências haveriam de ser banidas. As chamadas “amizades particulares” deveriam ser evitadas, porque elas seriam a origem das preferências egoístas, dos ciúmes e antipatias.

Para conversar, a aluna precisaria sempre procurar duas interlocutoras.

Todos os gestos e movimentos do corpo visavam a edificação. Considerava-se de bom-tom que não se movimentassem as mãos ao falar, que os gestos não fossem afetados e que o andar nunca deveria ser apressado.

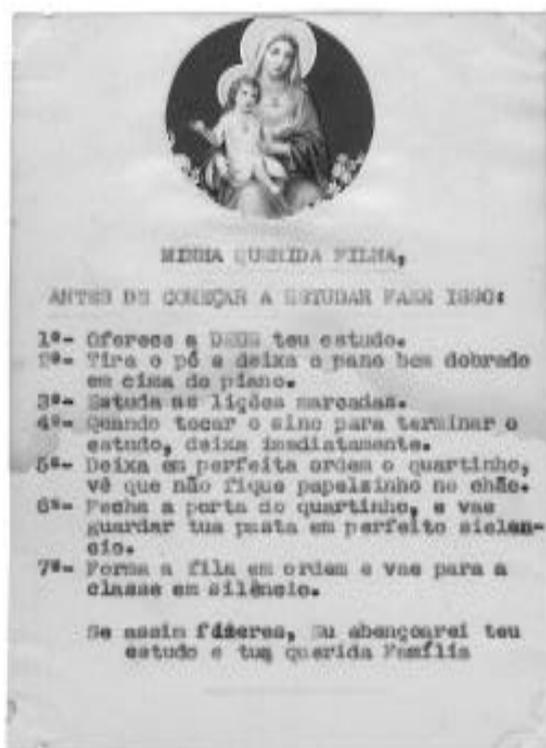
Fora das horas de recreio, mantinha-se o silêncio nas filas, nos corredores, no refeitório e no dormitório. Obediência e docilidade deveriam ser uma constante.

A vida das alunas tinha um ritmo próprio, marcado pelas badaladas do sino e pelas orações. As badaladas alertavam para iniciar ou concluir uma atividade, sempre precedida de uma oração. O sino e as orações estavam sempre presentes no dia-a-dia das alunas, desde o despertar até o deitar, hora de iniciar o “grande silêncio”. Ao soar do sino,

o tempo era meticulosamente dividido entre os momentos destinados à vida comunitária, às tarefas individuais, aos trabalhos e à oração.

A obediência à mestra de classe, a disciplina e o silêncio nas dependências escolares garantiam a concentração nas tarefas, o bom comportamento do grupo e o cumprimento das regras institucionais.

Regras existiam para qualquer atividade. Como exemplo, as regras que deveriam ser cumpridas para o estudo de piano:



Durante as refeições, ouvia-se em silêncio e com atenção a leitura de um trecho bíblico ou da vida de um santo, estimulando, desta forma, as alunas a imitarem esses modelos de dedicação, zelo, piedade, fé e virtudes em busca da perfeição e da santidade.

A palavra lida e ouvida com atenção simultânea por todas as alunas significava a eficácia das técnicas disciplinares para manter a ordem e produzir resultados.



Refeitório

3.8 ARQUITETURA MONÁSTICA

O Colégio estava situado em imenso terreno doado pelo bispo D. Antônio Joaquim de Melo, cercado por muros altos que garantissem a separação dos perigos do mundo, prédio sóbrio à semelhança de conventos europeus, longos corredores e salas de aula com pé direito bem elevado, paredes ornamentadas com florais, grandes janelões venezianados a viabilizar iluminação natural e ventilação, igreja para as missas diárias, orações, confissões e recolhimento, anfiteatro, pátios internos, árvores frutíferas copadas propiciando sombra agradável nos dias ensolarados, salinhas de estudo de piano, enfim, tudo fora planejado para valorizar a educação, nos moldes franceses.

Nos amplos refeitórios, dormitórios e pátios, havia uma perfeita organização para atender às três divisões de classificação das

alunas, cujo critério fundamentava-se, como já dissemos, no tamanho e na idade. Esse aspecto evitava o contato de faixas etárias muito diferentes, o que poderia ser prejudicial à moralidade e à boa formação do caráter.

A fachada do Colégio apresentava-se imponente, tendo à sua frente uma grande praça que facilitava o acesso da comunidade à Igreja, parte integrante do corpo do Colégio.



Entrada tomada do interior

Cumprе ressaltar que a Igreja, quando usada pelas alunas representava ambiente privativo, sem qualquer contato com pessoas externas. O único momento de integração alunas/comunidade local, era nas tradicionais procissões, em que as alunas ficavam postadas à porta da Igreja a ver a procissão passar, e, ao seu término, adentravam imediatamente ao Colégio.

Não se podia transitar no Colégio sem autorização, em horários ou locais que desrespeitassem o regulamento da rotina diária. O claustro e demais aposentos privativos das Irmãs eram inacessíveis às alunas, embora lhes aguçassem a curiosidade.

O Colégio, portanto, caracterizava-se como o abrigo seguro onde as meninas, tendo Nossa Senhora como parâmetro materno, estariam isoladas, a salvo das maldades mundanas e exercitavam a submissão, a obediência irrestrita. Todos os ambientes propiciavam a execução dos objetivos institucionais, ocupando-se sempre as alunas com atividades que impedissem a ociosidade, campo fértil para maus pensamentos.

Jamais se abdicava do silêncio e, mesmo nos espaços de descontração, em brincadeiras no recreio, evitavam-se tons elevados de voz. Sentimentos deveriam ser refreados em todos os locais, como medida educativa para que as futuras damas apresentassem comportamento exemplar e comedido na sociedade.

Mesmo ainda como alunas, quando em férias, ou em visita aos familiares, eram identificadas na sociedade, como educandas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, como se tivessem um “selo de postura”, em razão do excelente comportamento, civilidade e boas maneiras.

Nada escapava ao controle das Irmãs, que visualizavam, de todos os cantos, os passos das educandas, a assegurar-lhes condições físicas e morais de vida sadia e cultivo de virtudes evangélicas.

Toda essa estrutura física e normas disciplinares visavam, antes de mais nada, introduzir as alunas na prática de virtudes e aperfeiçoar a aquisição dos valores do Catolicismo romanizado. Esse era o grande caminho para a perfeição, para a santidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar por uma instituição de educação e ensino para meninas, sob a tutela da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, fez-nos percorrer uma trilha desde a fundação da Congregação, perpassando por todos os meandros da sua vinda para o Brasil, das resistências sofridas, dos objetivos propostos, para, neste momento, tecer algumas conclusões, que não se pretendem exaustivas, pelo contrário, abertas a futuros estudos e aprofundamentos.

Todavia cabe-nos inferir que uma instituição fechada, como a que foi investigada, preocupada com a educação e salvação da jovem, tinha como característica fundamental orientar a educanda para um caminho de santidade.

Para isso, a menina entregue às mãos das Irmãs era um ser em construção que, para desenvolver todas as suas potencialidades, deveria ter uma direção educativa muito bem definida e disciplinada, para não se permitir o risco de uma formação desordenada, influenciada pela vontade livre, emoções não contidas, instintos, disposições inatas, desejos impuros.

Por todas as regras que transparecem nos regulamentos, pela rigidez da rotina cotidiana, pelas práticas pedagógicas, pelos exercícios espirituais, pela obediência irrestrita, pelos moldes de socialização, pelo respeito às autoridades institucionais, pelo controle de manifestações externas de sentimentos, pelos rituais escolares, o alunado era direcionado a ter um aprendizado de excelência aliado a uma formação moral que submetesse sempre a razão à fé, o intelecto ao espírito.

Embora cada menina se relacionasse consigo mesma e com as outras colegas e Irmãs através da linguagem, essa linguagem era unificada, pelos termos a serem empregados, pelos gestos permitidos, pelo tom de voz, demonstrando que a aluna do Colégio Patrocínio tinha uma identidade muito bem definida, reconhecida onde quer que se encontrasse. Os gestos eram considerados como a expressão física e exterior da alma.

Portanto a educação lá recebida manifestava-se na aquisição não somente de conhecimentos, mas numa postura específica de bem comportar-se, nos parâmetros das virtudes evangélicas, tanto dentro da instituição como na vida em família e na sociedade como um todo. Saliava-se a aluna do Patrocínio de Itu, pela delicadeza dos gestos, pelo modo discreto e severo de se trajar, pelo domínio da língua francesa, pelo aprendizado do piano, pelo manuseio da agulha com bordados e rendas, pela moralidade, pela personalidade formada dentro dos mais ilibados padrões de dignidade.

A música, a pintura, os trabalhos de agulha, constituíam para essas meninas os complementos obrigatórios da instrução e do refinamento intelectual. Eram extremamente presentes.

O piano era o instrumento por excelência. Era indispensável em qualquer sala, signo de riqueza e cultura. Conhecer a música e saber apreciá-la eram traços de uma boa educação. Através dos exercícios da música e pintura, as meninas desenvolviam a paciência, a minúcia, senso de harmonia, perfeição, todas qualidades essenciais à futura mãe, esposa e dama da sociedade nos eventos de caridade.

A circulação no Colégio era vigiada para representar o controle contra amizades isoladas, e a presença das meninas em espaços públi-

cos de Itu só ocorria em datas especiais e celebrações, com participação em missas, procissões, novenas, rezas. Jamais poderiam essas atividades ser configuradas como lazer; eram, pelo contrário, momentos de piedade, que, com a graça de Deus, talvez suscitasse algumas vocações religiosas.

Não há de se negar que as regras da *Ratio Studiorum*, irrestritamente cumpridas, concorreram para essa esmerada educação, meio eficaz para garantir uma formação marcada pelas práticas religiosas, estratégias impeditivas de quaisquer transgressões morais. Ensinavam-se as formas apropriadas de se sentar e caminhar, de falar de forma recatada, silenciando seus anseios particulares.

Interessante, nesse estudo, foi a percepção de como a Congregação, ao instalar-se em Itu, conseguiu superar todas as resistências, e muito mais, impor-se como um colégio de vanguarda para onde as famílias da oligarquia cafeeira mandavam suas filhas, as quais receberiam educação francesa, condição imprescindível para uma dama da sociedade ou para aquelas que optassem pela vida religiosa.

Parece-nos não ser leviano afirmar que os pais de nível socioeconômico privilegiado sentiam-se seguros ao enclausurar suas filhas no Colégio Patrocínio de Itu, onde estariam livres das perversidades do mundo. Na realidade, o Colégio passou a ser considerado de elite, respeitado não só no estado de São Paulo, mas transpondo fronteiras por esse Brasil afora, pelo prestígio de que gozava.

Não se pode negar também que a educação feminina sofria a influência ultramontana, pois, na maneira feminina de viver a religiosidade, as mulheres tinham papel bem diferenciado do homem, no que tange às práticas espirituais e de piedade, à passividade e à submissão.

A mulher era a alma, o coração, enquanto o homem era o cérebro, a força. E na vivência eclesial detinha o mando, a hegemonia.

Tudo isso, obviamente, refletia-se nas metodologias e práticas pedagógicas para bem atender a essas dicotomias sociais e eclesiais, uma vez que se esperavam comportamentos e papéis bem diversos dos homens e das mulheres, as quais deveriam ser boas mães, dedicadas integralmente ao lar, “guardiãs da moral”. Para tanto, a verdadeira vocação profissional feminina era o casamento e a maternidade, permeados de abnegação, sacrifício, cuidado, amor, vigilância, dedicação, proteção, construção do espaço doméstico como sustentáculo da sociedade.

Um aspecto muito marcante a ser pontuado nesta conclusão é o fato de as freiras, ou seja, as Irmãs de São José de Chambéry, serem praticamente as primeiras a exercerem uma profissão — o magistério — enquanto a grande parte da população feminina de Itu era “do lar”. Traziam, no entretanto, uma formação européia para uma cidade brasileira, constituída por uma classe de fazendeiros e proprietários de comércio urbano, mas também por uma classe mais simples de trabalhadores braçais. Os senhores de fazendas, em geral, financiavam instituições religiosas, como meio de receber títulos honoríficos ou “benesses” celestiais, como perdão de suas faltas, e muitos deles ofertaram polpudas doações ao Colégio.

A exigência das condições para o ingresso no Colégio do Patrocínio significava impedimento para mestiças, negras e filhas de famílias pobres, o que poderia significar um preconceito quanto a tendências de sensualidade acentuada e mal comportamento. Às crianças ricas as irmãs destinavam a escola; às pobres, o asilo. Dessa forma, pudemos presenciar que a riqueza, o poder político e a Igreja se preservavam.

A educação dessas órfãs era bastante servil. Elas recebiam a doutrinação religiosa, primeiras letras e prendas domésticas próprias da condição de órfãs.

Preconizavam “servir a Deus através do homem”. A concepção subjacente a essa prática é que cada classe social deve receber um quinhão determinado de cultura de acordo com as funções que desempenha na sociedade.

Diante desse elitismo, somente filhas de famílias com condições financeiras satisfatórias, condicionadas a uma sociedade escravocrata, onde a dominação da raça branca era absoluta, poderiam ser admitidas no Colégio, tornando-se fator de prestígio social lá estudarem.

Os princípios educacionais jesuíticos, com suas normas, as aulas, os componentes curriculares, a exigência de estudo rigoroso, os uniformes sóbrios encobrendo na íntegra o corpo da aluna, tornando-o quase que assexuado, as leituras de vida de santos, as orações, as penitências, o prédio, o pátio, o refeitório, os dormitórios, as salas de piano, os corredores, os quadros, as imagens, a capela, enfim, tudo fazia do Colégio um espaço destinado a transformar meninas em damas cultas, plenas de virtude e religiosidade, capazes de constituírem uma família íntegra. Também muitas estratégias eram utilizadas repressivamente, como a censura da correspondência, dos livros e revistas, dos temas tratados em sala de aula, das conversas descontraídas...

Todos os movimentos das alunas eram regulados, o que nos fez concluir que a formação da educanda também se dava pela organização e ocupação dos espaços e utilização do tempo, evitando-se a ociosidade, e ainda se forjava o caráter pelo permitido e pelo proibido. Uma leitura crítica dos Regulamentos escolares e do *Ratio Studiorum* fez-

nos acreditar que tal rigidez e severidade cultivadas eram o eco de todos os discursos da época limite desse estudo, pois uma vez que a representação da mulher era um ser mais frágil que o homem, destinada à vida religiosa ou ao lar, seria necessário provê-la de uma educação condizente com tudo isso, como era a ministrada no Colégio Patrocínio.

Podemos, sem medo de cometer uma afirmação infundada, pontuar que as Irmãs de São José exerceram em Itu uma influência extremamente marcante no desenvolvimento religioso e educacional, pois a vida religiosa dos moradores da cidade e das fazendas circunvizinhas assimilaram sua “arte de viver”, ou seja: um modo de existência e de condutas e um conjunto de atitudes e de comportamentos que conferiam a eles as diferenças dentro do espaço social correspondente.

Essa “arte de viver” orientava e organizava as práticas mais diversas, através das quais todo ato natural era acrescido de uma marca de superioridade, o que lhe conferia uma distinção ao seu *status* social.

Ainda acrescentamos que o concurso feminino no Colégio foi decisivo para a incorporação e investimento das Irmãs no poder sagrado, sem que, obviamente, prescindissem do sacerdote para ministrar os sacramentos.

Todavia, apesar das restrições eclesiais à mulher, Madre Theodora, pela sua atuação em Itu, atingiu um patamar que a elevou a um respeito muito grande no campo da educação e da santidade. A percepção da capacidade educativa do Colégio Patrocínio de Itu é inegável, no plano da difusão da educação feminina, embora não desconheça ter adotado um sistema europeu no Brasil, impingindo uma cultura diversa da nossa visão de mundo. No entanto não há de se negar que houve adesão a essa pedagogia jesuítica, tradicional e conservadora de valores, poden-

do mesmo afirmar que produção do conhecimento, método próprio de educação e reprodução se mesclaram, porém houve a contribuição explícita de promover a educação feminina em Itu e no Brasil.

FONTES PRIMÁRIAS

Obras e documentos consultados no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio e Museu Republicano de Itu

LISBOA, José Maria. *Almanack Litterário*. São Paulo: Typografia da Província de São Paulo, 1873, 1877, 1878, 1879.

Cadernos de alunas.

Certidões.

Currículos adotados: 1859, 1870, 1900.

Documentos oficiais e eclesiásticos.

Hemeroteca.

Jornais da época.

Livros de atas.

Livros de inspeção.

Livros de matrículas.

Mapas de notas.

Periódicos pedagógicos variados.

Poliantéias comemorativas.

Prospectos do Colégio: 1910, 1935.

Relatórios Condephat.

Revistas *O Patrocínio*.

BIBLIOGRAFIA

- ALGRANTI, L. M. *Honradas e devotas. Mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ALMEIDA, J. R. P. *História da instrução pública no Brasil*. Trad. Antonio Chizotti. INEP/PUC-Campinas, 1989.
- ALMEIDA, L. C. de. *A Igreja nos quatro séculos de São Paulo*. Edinal, 1955.
- ARIÉS, P. *A história social da criança*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Faher, 1981.
- AUBERT, R. A Igreja na sociedade liberal do mundo moderno. In: ROGIER, L. J. et al. (org.). *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, v. I, 1975.
- _____. Introdução geral. In: DANIÉLOU, J. & MARROU, H. (orgs.). *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, v. I, 1966.
- _____. O meio século que preparou o Vaticano II. In: ROGIER, L. J. et al. (org.). *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, v. III, 1976.
- AZEVEDO, T. de. *O Catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1955.
- AZZI, R. A Igreja e a República no Brasil. In: *Vida Pastoral*, maio-jun., 1989, p. 25-29,
- _____. A romanização da Igreja a partir da República (1889). In: *Inculturação e libertação*, 1986, p. 105-116.
- _____. As filhas de caridade e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX. In: *Convergência*, 1975, (81), p. 232-249,
- _____. Dom Antônio Joaquim de Melo, Bispo de São Paulo (1851-1861) e o movimento de reforma católica no século XIX. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1975, (35), n. 140, p. 902-922.
- _____. Os jesuítas e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX. In: *Convergência*, 1976, ano IX, (96), p. 491-505,
- _____. Os religiosos e o movimento de reforma católica no Brasil durante o século XIX. In: *Convergência*, 1975, (80), p. 301-317.
- _____. Padres da missão e o movimento de reforma católica no século XIX. In: *Convergência*, 1974, Ano VII, (76), p. 1237-1256.
- BAUAB, M. A. R. *O ensino na província de São Paulo, 1846-1889: subsídios para o estudo do ensino normal no Brasil Império*. Tese de doutorado.

São José do Rio Preto. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1972.

BEOZZO, J. O. (org.). História da Igreja no Brasil no século XIX. In: *História geral da Igreja na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, Paulinas, t. II, 2. ed., 1985.

BERNARDES, M. T. C. C. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BINZER, I. von. *Os meus romanos — Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BITTENCOURT, R. A educação brasileira no Império e na República. In: *Aspectos da formação e evolução do Brasil*. Estudos publicados em 1952, no *Jornal do Comércio* no seu 125º aniversário. Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 1953, p. 113-139.

_____. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/INEP, jan.-mar., 1953, XIX, (49), p. 41-76.

BORGES, W. R. *Seminário de Meninas Órfãs e Educandas de Nossa Senhora da Glória. (Primeiros ensaios para a profissionalização feminina em São Paulo, 1825-1935)*. Tese de doutorado. Rio Claro. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, 1973. 217 p. (mimeo.).

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Coleção Estudos. Perspectiva, 3. ed., 1992.

_____. *O poder simbólico. Memória e sociedade*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Fundação Getúlio Vargas, p. 184-191.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CALÓGERAS, P. *Os jesuítas e o ensino*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911. 65 p.

CAMARGO, P. F. da S. *A Igreja na história de São Paulo (1851-1861)*. Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, 1953, v. 07.

CARVALHO, J. A. *O Colégio e as residências dos jesuítas no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1982. 302 p.

CARVALHO, L. R. de (coord.). *Introdução ao estudo da história da educação brasileira*. Encontro Internacional de Estudos Brasileiros, I. Seminário de Estudos Brasileiros de 13 a 25 de setembro de 1971 no Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 1971. 168 fls. (mimeo.).

- CARVALHO, R. M. *A causa de beatificação de madre Teodora Voiron*. Itu, 1970.
- CENTENÁRIO do Ensino Normal em São Paulo*. Poliantéia Comemorativa — Comissão Executiva. São Paulo: Gráfica Brésia, 1946.
- CHRONIQUES de la Congregation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry*. Chambéry: Imprimeries Réunis, 1936.
- CORETH, E. *Questões fundamentais da hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973.
- FAGUER, J.-P. *Les effts d'une éducation totale — Un collège jésuite, 1960*. France: Entre-nous 291, 1989.
- FARIA, C. C. de. *Vida e obra de madre Teodora. Da Academia Cristã de Letras*. Mordomo do Departamento de Geriatria de D. Pedro II da Irmandade de Santa Casa de São Paulo, 1977.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Iannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRANCA, L. E. da S. *O método pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum: introdução e tradução*. Rio de Janeiro: Agu, 1952. 236 p.
- FREITAS, C. J. H. de. *Aplicação no Brasil do decreto tridentino sobre os seminários até 1889*. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979. 242 p.
- GAFFRE, L. A. *Visions de Brésil*. Paris: Aillaud, 1912.
- Haidar, M. de L. M. *O ensino secundário no Império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo, EDUSP, 1972. 284 p.
- HOMENAGEM à madre Teodora. Comemorando o 60º aniversário da fundação do Colégio*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1919.
- IANNI, O. *Uma cidade antiga*. Campinas: Editora da UNICAMP, Edição Tempo e Memória, 1996.
- ISAU, M. *Escolas Salesianas: centenário de uma experiência*. In: *Educação*. Brasília, 1982, 11, (36), p. 38-43.
- JOHNSON, P. B. *Rui Barbosa e a reforma educacional: as lições de coisas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. 45 p.
- LAPA, J. R. do A. *A cidade, os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: EDUSP, 1995.

- LEVI, G. Uso da biografia. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Fundação Getúlio Vargas, p. 168-181.
- MANOEL, I. A. *Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.
- _____. *Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de Saint-Joseph de Chambéry (1859-1919)*. Tese de doutorado. São Paulo. USP, 1988.
- MARIA, Pe. J. *O Catolicismo no Brasil. (memória histórica)*. Rio de Janeiro: Agir, 1950.
- MOACIR, P. *A instrução e a República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, 8 vs.
- _____. *A instrução e as províncias (Subsídios para a história da educação no Brasil). 1834-1889*. São Paulo: Nacional, 1939-1940, 3 vs.
- _____. *A instrução e o Império: subsídios para a história da educação no Brasil: 1823-1889*. São Paulo: Nacional, 1936-1938, 3 vs. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 59, Brasiliana, vs. 66, 87, 121).
- MUEL, F. *Les instituteurs, les paysans et l'ordre républicain*. Actes de la recherche en Sciences Sociales, 1977.
- NAGLE, J. A educação na primeira república. In: FAUSTO, B. (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1978, p. 259-291, t. 03, v. 02.
- NARDY, F. *História de Itu*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 4 vs., 1928.
- OLIVEIRA, M. C. M. de. *O ensino primário na província do Paraná: 1853-1889*. Dissertação de mestrado. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, 1982. 374 p. (mimeo.).
- PARIS, M. L. *A educação no Império: o jornal A Província de São Paulo, 1875-1889*. Dissertação de mestrado. São Paulo. Faculdade de Educação, USP, 1980. 101 p. (mimeo.).
- PINÇON, M. *Le non de la lignée comme garantie de l'excellence sociale*. Ethnologie française XX, 1990, I.
- RIBEIRO, A. I. M. *E educação da mulher no Brasil colônia*. Dissertação de mestrado. Campinas. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1981.
- RIBEIRO, I. *A educação elitista e elitizante no Brasil, período colonial e imperial*. Dissertação de mestrado. Goiás. Instituto de Ciências e Letras, Universidade Federal de Goiás, 1977. 154 p. (mimeo.).

- RIBEIRO, M. L. S. *Introdução à história da educação brasileira*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. 143 p. (Educação Universitária).
- RIGAU, E. M. *L'enfance au chateau l'éducation familiale des elites Françaises au XX siècle*. Paris: Rivages, 1980.
- RODRIGUES, L. M. P. *A instrução feminina em São Paulo*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.
- SAINT MARTIN, M. de. *Les noblesses européennes au XIX siècle*. Collection de l'École Française de Rome n. 107. Università di Milano, 1988.
- _____. *Struture du capital, différenciation selon les sexes et "vocation" intellectuelle*. In: *Sociologie et Sociétés*, out., 1989, v. XXI, n. 02.
- SAMARA, E. de M. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SAMARA, E. de M. (org.). *Família e grupos de convívio*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, n. 17, set., 88/fev., 89.
- SÃO PAYO, M. do C. V. de. *Histórico da escola primária do Brasil, inclusive no Distrito Federal*. In: *Formação*. Rio de Janeiro, out., 1942, 5 (51), p. 27-42,
- SARPI. *Os jesuítas e os collegios de Itu*. Artigos publicados na *Gazeta de Campinas*, em março de 1880. São Paulo, 1883.
- SILVA, M. B. N. da. *A educação na capitania de São Paulo*. In: *Revista da Academia Paulista de História*, 1981, 1 (1), p. 19-34.
- _____. *A instrução na capitania de São Paulo*. In: *Cultura no Brasil colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 103-143. 176 p.
- _____. *Educação feminina e educação masculina*. In: *Cultura no Brasil colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 68-80. 176 p.
- _____. *Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial*. In: *Revista de História*. São Paulo, 1977, 55 (109), p. 149-164.
- _____. *Instituições de ensino*. In: *A primeira gazeta da Bahia: Idade d'Ouro do Brasil*. São Paulo: Cultrix, Brasília, INL, 1978, p. 131-140. 208 p.
- SILVA, O. S. *Uma alma de fé: madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo: Ave Maria, 5. ed., 1979.

TAUNAY, A. de E. A instrução na capital paulistana. Revezamento escolar. As aulas primárias. In: *História da cidade de São Paulo sob o Império: 1842-1854*. São Paulo: Gráfica Municipal, 1977, v. 6, p. 367-379. Coleção da Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão do Arquivo Histórico.

_____. O colégio e a igreja de São Paulo. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 3 set., 1953.

UMA irmã de São José: madre Maria Theodora Voiron — Fundadora da Província Brasileira das Irmãs de São José — 1835/1925. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1937.

UMA irmã de São José. Revivendo um longo passado. Irmãs de São José: 1648-1958. São Paulo: Editora Ave Maria, 1955.

UMA irmã de São José. Vita della serva di Dio madre Maria Teodora Voiron, Prima Superiora della Provincia Braziliiana delle Suore di S. Giuseppe di Chambéry. Roma: Scuola Salesiana del Libro, 1953.

VASCONCELLOS, Pe. J. de. A missão educativa da Igreja e a escola confessional. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Rio de Janeiro, mar., 1966, v. 26 (Fase 1), p. 29-43.

WERNET, A. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. A imprensa católica paulista no século XIX. In: *Anais da VI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. São Paulo, 1987.

_____. *Antigas irmandades e novas associações. A vinda das congregações européias*. Textos mimeografados.

_____. A Reforma do clero paulista de D. Antonio Joaquim de Melo. In: *Anais da III Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. São Paulo, 1984.

_____. As reformas pombalinas e os estudos nos colégios eclesiásticos. In: *Anais da II Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo, p. 27-30, 1983.

_____. O auge da romanização: o Concílio Plenário da América Latina. In: *Anais da XI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. Curitiba, 1991.

_____. Os bispos de São Paulo durante o Segundo Reinado e a romanização da Igreja paulista. In: *Relações Humanas*, 1987, n. 08.

_____. Os primórdios do ultramontanismo em São Paulo (1851-1906), perspectiva de pesquisa. In: *Anais da IV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*. São Paulo, 1985.

WILLIAMSON, C. *Grandes católicos*. Trad. Carlos Galvez. Porto Alegre: Globo, 1943.

XAVIER, M. E. S. P. *Poder político e educação de elite*. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1980. 144 p.

A bibliografia citada pode ser encontrada distribuída pelas seguintes bibliotecas:

1. História e Geografia (FFLCH-USP).
2. História (IFCH-UNICAMP).
3. História (PUC-Campinas).
4. Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas (CCLA).
5. Vila Kostka (Mosteiro Jesuíta de Indaiatuba).

ANEXOS

ANEXO 1

RELAÇÃO DE ALUNAS MATRICULADAS (1859-1909)

DE ACORDO COM A POLIANTÉIA (1909)

| | | | |
|----------------------------------|------|----------------------------------|------|
| Acacia Guilherme | 1902 | Alcide Moraes | 1887 |
| Acacia Silvestre | 1914 | Alcina Cintra Ferreira | 1909 |
| Adelaide Assis Pacheco | 1884 | Alcina de Camargo Penteado | 1891 |
| Adelaide Augusta da Fonseca | 1863 | Alcina Duarte Arruda | 1890 |
| Adelaide Barroso | 1903 | Alcina Leite Martins | 1892 |
| Adelaide Benvinda da Silva Gordo | 1860 | Alcina Moraes Godoy | 1893 |
| Adelaide do Amaral | 1874 | Alda Avelina da Silva Prado | 1864 |
| Adelaide Duarte | 1861 | Alda Blandina de Camargo Serra | 1891 |
| Adelaide Martins Fonseca | 1897 | Alda da Silveira | 1913 |
| Adelaide Moraes Barros | 1872 | Alda Pompeo de Camargo | 1887 |
| Adelaide Pinto Ferraz | 1912 | Alda Rangel | 1905 |
| Adelia Correa Rosa | 1891 | Alda Tapié | 1905 |
| Adelia da Rocha Pombo | 1878 | Alexandra Alves Fonseca | 1872 |
| Adelia de Camargo | 1890 | Alexandrina Montandon | 1882 |
| Adelia Junqueira de Andrade | 1914 | Alexandrina Rosalina de Medeiros | 1882 |
| Adelia Meirelles Pinto | 1908 | Alice Alchmin Machado | 1905 |
| Adelina Adelia de Sillos | 1883 | Alice Assis Pacheco | 1896 |
| Adelina Borba Ribeiro | 1909 | Alice Bastos da Silva | 1897 |
| Adelina Cezarina de Castro | 1883 | Alice Bueno de Aguiar | 1902 |
| Adelina Clara Correa Oliveira | 1879 | Alice Camargo Penteado | 1901 |
| Adelina da Silva | 1860 | Alice Camargo Teixeira | 1898 |
| Adelina Malvina de Abreu | 1871 | Alice da Silva Gordinho | 1889 |
| Adelina Pereira Mesquita | 1915 | Alice de Araujo | 1908 |
| Afra Arnobio | 1906 | Alice de Barros | 1912 |
| Agar de Araujo | 1895 | Alice Ferraz de Campos | 1892 |
| Agláé Leite de Barros | 1916 | Alice Gomes Barbosa | 1906 |
| Agueda Ferreira Conceição | 1878 | Alice Lanhoso | 1898 |
| Agueda Liberal Pinto | 1888 | Alice Machado Junqueira | 1905 |
| Agueda Lopes Pinto | 1878 | Alice Marcondes Ferraz | 1875 |
| Aida Correa | 1902 | Alice Moraes Gomide | 1892 |
| Aida de Almeida Campos | 1904 | Alice Pinto de Moraes | 1880 |
| Aida Morelli | 1889 | Alice Pires | 1908 |
| Albertina Alves Borges | 1912 | Alice Queiroz Guimarães | 1888 |
| Albertina Augusta Junqueira | 1899 | Alice Teixeira | 1890 |
| Albertina Bierrembach | 1882 | Alice Teixeira | 1892 |
| Albertina Cestini | 1909 | Alice Velloso | 1913 |
| Albertina da Rocha Pombo | 1887 | Alicia de Camargo Dauntre | 1860 |
| Albertina d'Almeida Sampaio | 1914 | Alipia Bueno de Barros | 1894 |
| Albertina de Almeida Prado | 1899 | Alipia da Conceição Bueno | 1873 |
| Albertina de Almeida Sampaio | 1876 | Alipia de Barros | 1889 |
| Albertina de Andrade | 1903 | Alipia de Paula Leite | 1895 |
| Albertina de Anhaia Mello | 1866 | Alipia de Paula Leite | 1905 |
| Albertina de Arruda | 1897 | Alipia Nogueira Bueno | 1900 |
| Albertina de Castro Serra | 1897 | Almerinda Cabral Vasconcellos | 1895 |
| Albertina Dias Ferraz | 1865 | Almerinda Cantinho | 1901 |
| Albertina Leite Penteado | 1901 | Almerinda Ferreira Lopes | 1883 |
| Albertina Lopes Alvarenga | 1905 | Almira de Lacerda Soares | 1888 |
| Albertina Meirelles Junqueira | 1896 | Altimira Alves Couto | 1880 |
| Albertina Pinto de Moraes | 1882 | Altimira Aurelia Ferraz | 1883 |
| Albertina Pinto Neves | 1886 | Altimira do Nascimento | 1900 |
| Albertina Pinto Novaes | 1881 | Alzira Albertina Cintra | 1887 |
| Albertina Sampaio Leite | 1883 | Alzira Barroso | 1903 |
| Albina Augusta Montandon | 1880 | Alzira da Costa Carvalho | 1892 |
| Albina de Oliveira Penteado | 1893 | Alzira de Almeida Barros | 1887 |
| Albina do Amaral | 1890 | Alzira de Barros Cruz | 1905 |

| | | | |
|-----------------------------------|------|-----------------------------------|------|
| Alzira de Camargo Penteado | 1889 | Anesia Nogueira Pompeu | 1914 |
| Alzira de Paula Souza | 1896 | Angela Izabel Nogueira Pupo | 1865 |
| Alzira Diniz Junqueira | 1891 | Angelica Pimentel | 1896 |
| Alzira Lacerda de Abreu | 1889 | Angelina da Conceição | 1878 |
| Alzira Monteiro de Barros | 1877 | Angelina da Silveira Mello | 1881 |
| Alzira Pereira Mendes | 1894 | Angelina de Oliveira Cruz | 1860 |
| Alzira Péres | 1892 | Angelina de Oliveira Motta | 1907 |
| Alzira Prado | 1899 | Angelina Fenili | 1893 |
| Alzira Proença | 1869 | Angelina Ferraz de Aguiar | 1889 |
| Alzira Queiroz Guimarães | 1889 | Angelina Fonseca | 1902 |
| Alzira Serra | 1905 | Angelina Martins Fonseca | 1897 |
| Amalia Andrade Prado | 1880 | Angelina Miquilina Amaral Barros | 1890 |
| Amalia Branco | 1892 | Anizia de Paula Leite | 1896 |
| Amalia Cintra Ferreira | 1895 | Anna Aguiar | 1908 |
| Amalia de Oliveira Camargo | 1863 | Anna Aguiar Leme | 1905 |
| Amalia de Oliveira Camargo | 1866 | Anna Alexandrina de Barros | 1871 |
| Amalia Malvina dos Santos | 1888 | Anna Alves Ferreira | 1877 |
| Amalia Pompeo de Camargo | 1890 | Anna Alzira da Rocha | 1887 |
| Amalia Soares de Toledo | 1889 | Anna Amelia dos Santos I.S.J. | 1861 |
| Amanda Leite de Barros | 1907 | Anna Amelia P. Negreiros | 1910 |
| Amanda Martins de Barros | 1868 | Anna Antonia Queiroz Telles | 1889 |
| Amazília Corrêa de Meira | 1870 | Anna Ataliba Nogueira | 1878 |
| Ambrosina Barbosa Ferraz | 1889 | Anna Augusta Bueno | 1913 |
| Ambrosina da Silveira | 1885 | Anna Augusta de Camargo | 1862 |
| Ambrosina Junqueira | 1882 | Anna Augusta de Moraes | 1895 |
| Ambrosina Pinto Nunes | 1865 | Anna Augusta Montandon | 1881 |
| Amelia Augusta Corrêa | 1897 | Anna Barbosa da Cunha | 1887 |
| Amelia Augusta de Almeida Lima | 1882 | Anna Belmira Braga | 1871 |
| Amelia Augusta de Oliveira | 1903 | Anna Blandina Almeida Cintra | 1893 |
| Amelia Augusta de Toledo Lima | 1861 | Anna Blandina de Anhaia Mello | 1879 |
| Amelia Augusta Diniz Junqueira | 1887 | Anna Blandina de Camargo Serra | 1888 |
| Amelia Borges Corrêa | 1907 | Anna Blandina de Souza Aranha | 1864 |
| Amelia Candida Correa Pacheco | 1878 | Anna Botelho | 1913 |
| Amelia Cardoso | 1888 | Anna Bueno Nogueira | 1891 |
| Amelia Carvalhaes | 1890 | Anna C. Pinto de Almeida I.S.J. | 1861 |
| Amelia da Silva | 1860 | Anna Cabral de Vasconcellos | 1889 |
| Amelia de Almeida Leite | 1897 | Anna Camargo Teixeira | 1898 |
| Amelia de Anhaia Mello | 1866 | Anna Candelaria Franco | 1897 |
| Amelia de Araujo Dias | 1892 | Anna Candida Bueno | 1877 |
| Amelia de Camargo Andrade | 1877 | Anna Candida Conceição | 1860 |
| Amelia de Castro Mello | 1903 | Anna Candida Corrêa | 1889 |
| Amelia de Freitas | 1872 | Anna Candida Corrêa | 1900 |
| Amelia de Oliveira Camargo | 1871 | Anna Candida Correa de Oliveira | 1878 |
| Amelia Fereira de Campos | 1889 | Anna Candida Correa Leite | 1860 |
| Amelia Fonseca | 1862 | Anna Candida Correa Pacheco | 1887 |
| Amelia Guimarães | 1876 | Anna Candida da Costa Junqueira | 1884 |
| Amelia Ignacia de Souza | 1879 | Anna Candida da Silva Dias | 1892 |
| Amelia Jeronyma de Vasconcellos | 1890 | Anna Candida da Silveira Mello | 1870 |
| Amelia Junqueira de Andrade | 1916 | Anna Candida de Almeida Prado | 1865 |
| Amelia Leopoldina de Barros Cesar | 1871 | Anna Candida de Barros | 1868 |
| Amelia Machado Junqueira | 1903 | Anna Candida de Camargo | 1910 |
| Amelia Mancorvo | 1891 | Anna Candida de Camargo Penteado | 1891 |
| Amelia Maria de Paula | 1896 | Anna Candida de Macedo Portella | 1876 |
| Amelia Ribeiro de Paiva | 1914 | Anna Candida de S. Toledo | 1904 |
| Amelia Rosalina da Cunha | 1882 | Anna Candida do Amaral Souza | 1871 |
| Amelia Salles | 1874 | Anna Candida Duarte | 1861 |
| Amelia Theodora S. Baptista | 1888 | Anna Candida Ferraz | 1881 |
| America Cotrim | 1890 | Anna Candida Ferraz | 1892 |
| Analia Alves | 1902 | Anna Candida Ferreira de Camargo | 1885 |
| Analia Ferreira de Camargo | 1887 | Anna Candida Leite | 1879 |
| Analia Tenorio Pinto | 1896 | Anna Candida Pereira Mendes | 1875 |
| Ananiza do Amaral Campos | 1892 | Anna Candida Pinto | 1859 |
| Andradina Correa | 1890 | Anna Candida Pinto Neves | 1870 |
| Andrelina Goulart | 1892 | Anna Candida Raggio | 1885 |
| Andrelina Guilherme | 1905 | Anna Candida Speers | 1902 |
| Anesia Candida de Souza | 1891 | Anna Carolina Correa | 1876 |
| Anesia Ferraz de Arruda | 1907 | Anna Carolina da Silveira Camargo | 1911 |

| | | | |
|------------------------------------|------|------------------------------------|------|
| Anna Carolina de Barros | 1900 | Anna Gertrudes de Camargo Barros | 1873 |
| Anna Carolina Martins Fonseca | 1897 | Anna Gertrudes Ferraz | 1879 |
| Anna Carolina Palhares de Andrade | 1862 | Anna Gertrudes Ferraz de Arruda | 1865 |
| Anna Cecília Pinto de Almeida | 1882 | Anna Gonçalves Corrêa | 1901 |
| Anna Christina Martins | 1871 | Anna Gonzaga de Camargo | 1903 |
| Anna Cintra Ferreira | 1892 | Anna Guaraciaba de Barros | 1889 |
| Anna Claudina Diniz Junqueira | 1883 | Anna Henriqueta de A. Pinheiro | 1880 |
| Anna Cotching | 1895 | Anna Janina Junqueira | 1914 |
| Anna Cotrim | 1887 | Anna Joaquina de Almeida Prado | 1887 |
| Anna Cunha | 1908 | Anna Joaquina de Mattos | 1892 |
| Anna da Fonseca Bicudo | 1895 | Anna Joly | 1888 |
| Anna da Silva Gordo | 1860 | Anna Josephina Museler | 1859 |
| Anna da Silveira Camargo | 1902 | Anna Lanhoso | 1903 |
| Anna da Silveira Camargo | 1911 | Anna Leonizia do Amaral Camargo | 1860 |
| Anna da Silveira Franco | 1887 | Anna Leopoldina de M. Taques | 1882 |
| Anna da Silveira Franco | 1894 | Anna Leopoldina de Mello Taques | 1864 |
| Anna da Silveira Mello | 1870 | Anna Leopoldina do Amaral | 1860 |
| Anna de Almeida Pacheco | 1895 | Anna Liduvina Prado de Queiroz | 1876 |
| Anna de Andrade Junqueira | 1904 | Anna Luiza Bueno | 1914 |
| Anna de Arruda Camargo | 1894 | Anna Luiza de Almeida Campos | 1902 |
| Anna de Barros Aguiar | 1875 | Anna Luiza de Queiros Telles | 1885 |
| Anna de Barros Brotero | 1881 | Anna Luiza Ferreira | 1876 |
| Anna de Barros Monteiro | 1892 | Anna Malheiros de Almeida | 1911 |
| Anna de Camargo | 1890 | Anna Manoela de Andrade | 1886 |
| Anna de Camargo | 1906 | Anna Manoela de Moraes Abreu | 1868 |
| Anna de Camargo Abreu | 1891 | Anna Marcelina Lopes Chaves | 1875 |
| Anna de Camargo Campos | 1861 | Anna Marcondes Romeiro | 1870 |
| Anna de Freitas | 1872 | Anna Maria de Araujo | 1908 |
| Anna de Lourdes Fonseca | 1914 | Anna Maria de Paula Penteado | 1895 |
| Anna de Lourdes Ramos | 1888 | Anna Mathilde do Amaral | 1879 |
| Anna de Macedo Pacheco | 1859 | Anna Mathilde Nogueira L. Penteado | 1883 |
| Anna de Paula Leite | 1892 | Anna Matilde d'Almeida Nogueira | 1863 |
| Anna de Paula Nogueira | 1905 | Anna Miquelina Fagundes | 1862 |
| Anna de Paula Souza | 1873 | Anna Miquelina Lacerda | 1860 |
| Anna de Queiroz Telles | 1918 | Anna Monteiro de Barros | 1873 |
| Anna de Souza Barreto | 1876 | Anna Moraes Barros | 1872 |
| Anna de Souza Ferreira | 1885 | Anna Natalina de Souza Aranha | 1907 |
| Anna Dias Ferraz | 1872 | Anna Nogueira Bueno | 1892 |
| Anna E. Meirelles Junqueira | 1892 | Anna Nogueira Dias | 1912 |
| Anna Egydio de Souza Aranha | 1895 | Anna Novaes | 1887 |
| Anna Elisa Pacheco | 1906 | Anna Novaes de Camargo | 1880 |
| Anna Epiphania Correa Rosa | 1876 | Anna Oliveira Camargo | 1872 |
| Anna Esmeria Moraes | 1892 | Anna Osoria Diniz Junqueira | 1888 |
| Anna Euphrosina de Mello Barros | 1861 | Anna Paulina Lacerda | 1872 |
| Anna Euphrosina de Souza | 1873 | Anna Possidonia de Jesus Carvalho | 1867 |
| Anna Euphrosina de Souza Camargo | 1871 | Anna Ramalho Macedo | 1912 |
| Anna Euphrosina do Amaral | 1879 | Anna Rita de Castro Camargo | 1859 |
| Anna Exaltina de Almeida Coelho | 1893 | Anna Rita Pereira Mendes | 1873 |
| Anna Ferraz da Costa | 1899 | Anna Rosa de Menezes | 1919 |
| Anna Ferreira | 1896 | Anna Rosa Novaes | 1888 |
| Anna Ferreira Novaes | 1891 | Anna Rosalina da Rocha | 1880 |
| Anna Figueiredo Dauntre | 1908 | Anna Silveira Pacheco | 1914 |
| Anna Florisa de Arruda | 1882 | Anna Teixeira de Freitas | 1860 |
| Anna Florisbella Machado | 1906 | Anna Tenorio Pinto | 1896 |
| Anna Francisca A. Duarte | 1863 | Anna Thereza de Camargo | 1875 |
| Anna Francisca Barbosa Ferraz | 1891 | Anna Thereza Ferreira Alves | 1912 |
| Anna Francisca de Mattos | 1881 | Anna Tibiriça de Queiroz Telles | 1866 |
| Anna Francisca de Oliveira Andrade | 1871 | Anna Umbelina Mendes Pereira | 1913 |
| Anna Francisca Dias | 1878 | Anna Vitalina da Silveira Franco | 1888 |
| Anna Francisca Duarte | 1862 | Annice Duarte Arruda | 1896 |
| Anna Franco Penteado | 1889 | Annieta de Arruda Roso | 1897 |
| Anna Gabriella Galvão de Almeida | 1867 | Annita Cintra do Prado | 1912 |
| Anna Galvão | 1859 | Antonia A. de Almeida Barros | 1868 |
| Anna Garcia Duarte | 1892 | Antonia A. Pompeu de Camargo | 1913 |
| Anna Gertrudes d'Almeida Campos | 1873 | Antonia Aguiar de Barros Freire | 1863 |
| Anna Gertrudes de Almeida Campos | 1868 | Antonia Alexandrina da Silveira | 1873 |
| Anna Gertrudes de Barros | 1872 | Antonia Augusta da Silveira | 1870 |

| | | | |
|--------------------------------------|------|--|------|
| Antonia Candida Correa | 1880 | Ariowalda Mendes Pereira | 1913 |
| Antonia Candida de Camargo Fleury | 1864 | Arminda de Moraes Teixeira | 1884 |
| Antonia Cardoso | 1887 | Arminda Machado de Oliveira | 1910 |
| Antonia Carolina do Amaral | 1874 | Arminda Moreira | 1895 |
| Antonia da Costa Alves | 1876 | Augusta da Rocha Pombo | 1874 |
| Antonia da Silveira Mello | 1870 | Augusta Eudoxia Junqueira Bretas | 1884 |
| Antonia da Silveira Mello | 1888 | Augusta M. de Oliveira Santos | 1874 |
| Antonia de Almeida Pacheco | 1899 | Augusta Rosa de Souza Freury | 1873 |
| Antonia de Almeida Prado | 1901 | Aurea de Oliveira Machado | 1914 |
| Antonia de Camargo Abreu | 1891 | Aurea Edith da Luz | 1919 |
| Antonia de Camargo Andrade | 1892 | Aurea Iria Correa Rosa | 1876 |
| Antonia de Lima Magalhães | 1884 | Aurelia Correa Pacheco | 1861 |
| Antonia de Mesquita | 1860 | Auristella Cunha | 1910 |
| Antonia de Queiroz Telles Moraes | 1903 | Aurora Barbosa da Cunha | 1887 |
| Antonia de Sillos Lima | 1879 | Aurora da Silva Prado | 1913 |
| Antonia de Souza Moraes | 1894 | Aurora de Camargo | 1913 |
| Antonia Eugenia Lopes Pinto | 1880 | Aurora Penteado | 1908 |
| Antonia Euphrosina Almeida Correa | 1882 | Auta de Almeida Prado | 1879 |
| Antonia Euphrosina de Almeida Salles | 1865 | Auta Pontes | 1892 |
| Antonia Ferraz de Arruda | 1865 | Auta Rosa de Moura Albuquerque | 1890 |
| Antonia Ferraz de Camargo | 1869 | Autina Carvalhaes | 1892 |
| Antonia Freitas | 1893 | Avelina de Barros Bohn | 1909 |
| Antonia Gandra | 1913 | Balbina da Silva Moraes | 1882 |
| Antonia Gaudencia Silveira Moraes | 1874 | Balbina Dias Ferraz | 1865 |
| Antonia Joaquina de Almeida Lima | 1883 | Baptistina Villas Boas | 1907 |
| Antonia Joaquina de Andrade | 1871 | Barbara Angelina Rodrigues | 1867 |
| Antonia Leopoldina de Sillos | 1879 | Barbara da Silveira Franco | 1877 |
| Antonia Luiza Guimarães | 1879 | Barbara de Andrade Campos | 1864 |
| Antonia Luiza Saltão | 1880 | Barbara do Amaral Campos | 1892 |
| Antonia Lydia de Almeida Barros | 1889 | Beatriz Andrade da Silva Jardim | 1898 |
| Antonia Maria Galvão | 1900 | Beatriz Gomes Pinto | 1892 |
| Antonia Martins da Silva | 1880 | Beatriz Lima | 1902 |
| Antonia Moreira Lima | 1881 | Belisaria Salles | 1874 |
| Antonia Nogueira | 1890 | Belmira Loureiro | 1896 |
| Antonia Nogueira Padilha | 1892 | Bemvinda de Camargo Moraes | 1891 |
| Antonia Olivia Correa Pacheco | 1867 | Bemvinda Flora da Silva | 1879 |
| Antonia Pinto Neves | 1866 | Bemvinda Penteado | 1908 |
| Antonia Pires de Campos | 1897 | Benedicta Alves de Oliveira | 1883 |
| Antonia Pompeo | 1862 | Benedicta Alves Galvão | 1882 |
| Antonia Proença | 1874 | Benedicta Amelia de Castro Rosa I.S.J. | 1868 |
| Antonia Rosa Monteiro de Barros | 1885 | Benedicta Bauer | 1918 |
| Antonia Zilda Correa de Almeida | 1893 | Benedicta Cruz | 1906 |
| Antonietta Borba | 1903 | Benedicta Cruz | 1913 |
| Antonietta Camargo Penteado | 1901 | Benedicta da Silveira Pupo | 1892 |
| Antonietta da Rocha Pombo | 1889 | Benedicta de A. Sampaio | 1915 |
| Antonietta de Lourdes Camargo | 1898 | Benedicta de Paula Leite | 1917 |
| Antonietta de Oliveira Machado | 1913 | Benedicta Ferreira Alves | 1892 |
| Antonietta de Souza Geribello | 1899 | Benedicta G. de Araujo Ribeiro | 1883 |
| Antonietta Junqueira Netto | 1909 | Benedicta Presciliana Alves | 1877 |
| Antonietta Macedo | 1907 | Benedicta Wagner | 1905 |
| Antonietta Machado de Oliveira | 1910 | Benta Penteado | 1909 |
| Antonietta Morelli | 1901 | Bernardina Alves Pequeno | 1897 |
| Antonietta Penteado | 1890 | Bertha Bueno da Silveira | 1912 |
| Antonietta Pires | 1908 | Bertha Salles de Oliveira | 1900 |
| Antonietta Siqueira | 1911 | Berthilia Pacheco | 1875 |
| Antonietta Tapié | 1905 | Berttolina de Oliveira | 1873 |
| Antonina Adelina Magalhães | 1885 | Blandina Coimbra | 1912 |
| Arabela Teixeira | 1903 | Blandina de Carvalho | 1901 |
| Arabella Almeida Nogueira | 1885 | Blandina do Nascimento Camargo | 1901 |
| Arabella Egydio de Souza Aranha | 1897 | Blandina Leonidia Meirelles | 1879 |
| Aracy da Silva Dias | 1918 | Blandina Meirelles | 1887 |
| Aracy Ferreira do Amaral | 1917 | Blandina Meirelles Pinto | 1906 |
| Aracy Nogueira | 1893 | Bonifacia Amelia Parada | 1906 |
| Arethusa da Fontoura Costa | 1916 | Branca Alves Fonseca | 1876 |
| Argentina de Carvalho | 1904 | Branca Corrêa | 1872 |
| Argentina Moreira Lima | 1894 | Branca de Camargo | 1860 |
| Arcia de Abreu Soares | 1878 | Branca de Toledo Loskiel | 1873 |

| | | | |
|------------------------------------|------|-------------------------------|------|
| Branca Fonseca Ferreira | 1904 | Carolina Fonseca | 1862 |
| Brasília de Arruda Carvalho | 1900 | Carolina Garcia Leal | 1890 |
| Braulia Soares | 1888 | Carolina Leal Fernandes | 1902 |
| Brazilia da Silva | 1862 | Carolina Leite | 1892 |
| Brazilia Minervina de S. Teixeira | 1872 | Carolina Leite da Cunha | 1896 |
| Brazilina America Gonzaga | 1874 | Carolina Leme Monteiro | 1884 |
| Brazilina Barboza Engler | 1869 | Carolina Petronilha Kiehl | 1861 |
| Brazilina Bustamante | 1879 | Carolina Prado | 1871 |
| Brazilina de Barros Vaz | 1890 | Carolina Pureza da Silva | 1859 |
| Cacilda de Almeida | 1893 | Carolina Teixeira Neves | 1863 |
| Cacilda Martins Guimarães | 1910 | Carolina Teixeira Nogueira | 1891 |
| Camila Ataliba Bueno | 1878 | Carolina Viegas Yort | 1881 |
| Candida Alves da Silva | 1876 | Catharina Blawn | 1891 |
| Candida Augusta Silveira da Motta | 1873 | Cecilia Andrade | 1889 |
| Candida Aurora Gustavo | 1887 | Cecilia de Moura Regato | 1906 |
| Candida Bernardina de Andrade | 1887 | Cecilia Ferraz | 1896 |
| Candida C. Machado de Oliveira | 1919 | Cecilia Leal Fernandes | 1902 |
| Candida da Fonseca | 1867 | Cecilia Penteadado Aranha | 1910 |
| Candida de Andrade Rosa | 1901 | Cecilia Pimentel | 1906 |
| Candida de Arruda Camargo | 1878 | Cecilia Rita Monteiro Barros | 1881 |
| Candida de Castro Rosa | 1876 | Cecilia Sampaio Passos | 1898 |
| Candida Ferreira de Camargo | 1875 | Celeste Cordeiro Prestes | 1909 |
| Candida Gabriella da C. Junqueira | 1884 | Celeste Sarti | 1913 |
| Candida Joly | 1887 | Celina de Queiroz Telles | 1917 |
| Candida Lacerda | 1876 | Celina d'Almeida Sampaio | 1908 |
| Candida Leite de Barros Sampaio | 1876 | Celina de Q. Telles Moraes | 1908 |
| Candida Leopoldina Sampaio | 1872 | Celina Ferreira Brandão | 1918 |
| Candida Rocha Sampaio | 1874 | Celina Maria dos Santos | 1912 |
| Candida Vaz Lima | 1909 | Celina Pacheco | 1897 |
| Candida Vieira Bueno | 1865 | Celina Vasconcellos | 1880 |
| Carlota da Silva Rocha | 1893 | Celisa da Silveira | 1892 |
| Carlota de Arruda Sampaio | 1880 | Celisa de Arruda Barros | 1878 |
| Carlota de Queiroz T. Moraes | 1915 | Celisa de Barros Leite | 1885 |
| Carlota do Amaral | 1891 | Celisa Malvina de Sillos | 1883 |
| Carlota Enouth | 1917 | Celisa Rezende | 1897 |
| Carlota Maria da Silva Pinto | 1901 | Chenyra da Paula Leite | 1904 |
| Carlota Pinto Pereira de Almeida | 1879 | Chenyra Godoy | 1891 |
| Carmela Meirelles Pinto | 1906 | Ceres Goes Nobre | 1895 |
| Carmelina de Souza | 1905 | Cesarina Flora dos Santos | 1914 |
| Carmelina Ferreira | 1900 | Cesarina Junqueira | 1888 |
| Carmelina Pinto Cesar | 1881 | Cezaria da Silveira Franco | 1891 |
| Carmelita da Rocha | 1896 | Cezarina Cardoso | 1914 |
| Carmen Ferraz Sampaio | 1907 | Cezarina Junqueira | 1885 |
| Carmen Queiroz Telles Moraes | 1903 | Cherubina Adelaide Siqueira | 1886 |
| Carmen Tavares de Oliveira | 1907 | Christina Maria dos Santos | 1905 |
| Carolina Almeida Pacheco | 1892 | Clara Carvalho Fonseca | 1872 |
| Carolina Alves Lima | 1878 | Clara das Dôres Lacerda | 1883 |
| Carolina Amelia de Figueiredo | 1880 | Clara Ferreira Freire | 1871 |
| Carolina Andrade Prado | 1880 | Clara Gracilina de Lacerda | 1880 |
| Carolina Anesia Teixeira Junqueira | 1880 | Clara Soares de Lacerda | 1904 |
| Carolina Arminda Almeida Prado | 1895 | Clarice Augusta Pacheco | 1919 |
| Carolina Augusta de Almeida Prado | 1886 | Clarice de Lima | 1894 |
| Carolina Augusta de Assis Pacheco | 1863 | Clarinda Carvalhaes de Campos | 1888 |
| Carolina Augusta Ribeiro | 1876 | Clarinda Vianna de Oliveira | 1892 |
| Carolina da Costa Carvalho | 1897 | Clarisse Leite de Barros | 1879 |
| Carolina da Silva | 1861 | Claudina Maria d'Anunciação | 1904 |
| Carolina da Silva Neves | 1862 | Claudina Pires do Amaral | 1910 |
| Carolina da Silveira Mello | 1879 | Clelia de Paula Leite | 1915 |
| Carolina de Almeida Prado | 1898 | Clelia Junqueira de Andrade | 1883 |
| Carolina de Mello Oliveira | 1906 | Clelia Prado | 1909 |
| Carolina de Oliveira | 1889 | Clementina Alves Camargo | 1869 |
| Carolina de Paula Leite | 1896 | Clementina de Andrade | 1892 |
| Carolina de Souza Camargo | 1874 | Clementina Ferraz Moraes | 1890 |
| Carolina dos Santos Carvalho | 1892 | Clementina Pereira Mendes | 1897 |
| Carolina Dulce do Amaral | 1876 | Clodomira Siqueira | 1863 |
| Carolina Ferraz de Almeida | 1892 | Clotilde Augusta Marquois | 1918 |
| Carolina Ferraz de Almeida Prado | 1884 | Clotilde Banho de Andrade | 1911 |

| | | | |
|-----------------------------------|------|-------------------------------------|------|
| Clotilde de Almeida Prado | 1913 | Dulcina Soares | 1896 |
| Clotilde de Camargo | 1882 | Durvalina Ferraz | 1896 |
| Clotilde Eustachia de Madureira | 1876 | Durvalina Fragoso Ferrão | 1880 |
| Clotilde Lacerda | 1918 | Durvalina Spinola Magalhães | 1904 |
| Clotilde Rouco Casas | 1892 | Durvina Godoy | 1907 |
| Clotilde Vieira Palma | 1897 | Edelvina Pinto | 1917 |
| Collatina de Azevedo Arruda | 1913 | Edith Bueno de Arruda | 1913 |
| Conceição Aparecida Oliveira | 1908 | Edith de Oliveira Machado | 1909 |
| Conceição d'Assumpção Fleury | 1892 | Edith Sampaio Barros | 1910 |
| Constança de Mello | 1896 | Edméa Cardia Ferreira | 1897 |
| Constança Vieira Bueno | 1897 | Eglantina Azevedo Arruda | 1917 |
| Constancia de Castro | 1906 | Eglantina J. de Andrade | 1886 |
| Consuelo da Silva Guimarães | 1892 | Elfrida da Silva Pacheco | 1865 |
| Coralia Leite de Barros | 1892 | Elidia de Campos | 1870 |
| Coralia Maria Décourt | 1906 | Elidia Sampaio Teixeira | 1876 |
| Corina Soares | 1908 | Elisa Albertina de Abreu | 1887 |
| Cornelia de Paula Leite | 1887 | Elisa Alzira Teixeira Junqueira | 1885 |
| Cornelia Prado | 1905 | Elisa Amelia Corrêa | 1876 |
| Cremilde da Cunha | 1883 | Elisa Angelica da Silva Gordo | 1870 |
| Custodia Augusta da Silva Musa | 1912 | Elisa Augusta Galvão | 1913 |
| Cynira de Paula Leite | 1890 | Elisa Botelho | 1874 |
| Cynira Duarte Arruda | 1897 | Elisa Cornelia de Almeida Lima | 1879 |
| Cyra Rezende | 1896 | Elisa Correa de Camargo | 1885 |
| Cyrenea de Arruda Camargo | 1911 | Elisa Correa Rosa | 1879 |
| Cyrilla Prestes Cesar | 1910 | Elisa da Silveira Mello | 1890 |
| Dalilla Penteado Aranha | 1871 | Elisa de Andrade Soares | 1899 |
| Dalmacia de Barros | 1889 | Elisa de Oliveira Teixeira | 1860 |
| Dalmacia Fonseca | 1893 | Elisa de Queiroz Ferreira | 1892 |
| Dalmira Nogueira Bueno | 1914 | Elisa Ferraz | 1902 |
| Dalva Navarro Machado | 1903 | Elisa Leal Fernandes | 1897 |
| Daura Leme | 1900 | Elisa Lucchesi | 1876 |
| Davina Galvão de Mattos | 1912 | Elisa Monteiro de Barros | 1901 |
| Dejanira de Oliveira Taveiros | 1896 | Elisa Morato de Almeida | 1903 |
| Dejanira Jardim Guimarães | 1911 | Elisa Nogueira Mattos | 1902 |
| Dejanira S. Camargo | 1884 | Elisa Silveira de Almeida | 1883 |
| Delfina Candida Ferreira | 1885 | Elisaura Augusta de Paula Junqueira | 1879 |
| Delfina Ferreira de Camargo | 1868 | Eliza Carolina de Godoy | 1892 |
| Delphina da Silveira Campos | 1867 | Eliza Pupo | 1869 |
| Delphina Nogueira | 1880 | Elizêa Luiza de S. Mesquita | 1894 |
| Deoclesia Egidio de Souza Aranha | 1883 | Elmira Augusta de Abreu | 1896 |
| Deoclesia Eugenia Silveira Franco | 1916 | Elmira de Paula Souza | 1903 |
| Dinah de Castro Andrade | 1900 | Elvira Benassi | 1887 |
| Dinorah Nogueira Cintra | 1903 | Elvira Cotrim | 1897 |
| Dinorah Reinhardt | 1885 | Elvira da Costa Pires | 1887 |
| Dioguina Candida do Amaral | 1897 | Elvira de Almeida Barros | 1896 |
| Dioguina Ricardina de Oliveira | 1914 | Elvira de Almeida Prado | 1889 |
| Dirce Cintra Tassara | 1918 | Elvira de Vasconcellos Pinto | 1905 |
| Dirce de Mello Oliveira | 1900 | Elvira Fontão | 1909 |
| Dolores Damy | 1918 | Elvira Galeazzi | 1909 |
| Dolores Rouco Casas | 1862 | Elvira Junqueira Netto | 1911 |
| Domitilha Jordão | 1867 | Elvira Moraes Lopes | 1917 |
| Domitilla Barros de Aguiar | 1874 | Elvira Rodrigues de Moraes | 1872 |
| Domitilla de Souza Aranha | 1889 | Elydia Corrêa de Camargo | 1913 |
| Domitilla do Carmo Leite | 1876 | Elza de Araujo Geribello | 1876 |
| Domitilla Lopes Chaves | 1897 | Emerenciana Firmina da Costa | 1889 |
| Dora Camargo Andrade | 1891 | Emerenciana Vieira da Silva | 1914 |
| Dora de Camargo Penteado | 1901 | Emilia Abichabki | 1897 |
| Dora de Camargo Penteado | 1908 | Emilia Bueno | 1892 |
| Doraliza Dauntre Salles | 1909 | Emilia Cesarini | 1884 |
| Dormelia B. de Campos Netto | 1876 | Emilia Correa Rosa | 1892 |
| Dorothea Claudina Rosa | 1904 | Emilia Costa Pires | 1882 |
| Dulce Adelaide Fernandes | 1919 | Emilia da Costa | 1899 |
| Dulce Junqueira Meirelles | 1910 | Emilia de Carvalho Fonseca | 1891 |
| Dulce Machado de Oliveira | 1884 | Emilia de Oliveira | 1869 |
| Dulce Oscarina de Barros | 1906 | Emilia Maria Franco | 1868 |
| Dulce Q. Telles Moraes | 1905 | Emilia Moreira Lima | 1860 |
| Dulce Xavier Rabello | 1870 | Emilia Olympia Pompeo | 1870 |

| | | | |
|--------------------------------------|------|------------------------------------|------|
| Emilia Rosa de Oliveira Lopes | 1872 | Eudoxia Soares de Toledo | 1868 |
| Engracia de Mattos | 1888 | Eugenia Candida de Oliveira I.S.J. | 1882 |
| Eponina de Macedo Soares | 1899 | Eugenia Carlota de Almeida Lima | 1875 |
| Eponina Prado | 1890 | Eugenia de Barros Oliveira | 1867 |
| Ercilia de Andrade Soares | 1879 | Eugenia Joly | 1887 |
| Ercilia de Queiroz Telles | 1897 | Eugenia Lacerda | 1873 |
| Ercilia Eugenia da Silva | 1906 | Eugenia Marina Prestes | 1892 |
| Ercilia Meirelles Pinto | 1901 | Eulalia Costa Pires | 1870 |
| Ermelinda Augusta Pereira | 1917 | Eulalia da Costa Carvalho | 1877 |
| Ermelinda Baldi | 1889 | Eulalia da Silva Cruz | 1869 |
| Ermelinda Barbosa Ferraz | 1876 | Eulalia da Silveira Campos | 1909 |
| Ermelinda da Costa Alves | 1880 | Eulalia Marcondes Pedrosa | 1861 |
| Ermelinda Lamartine L. Guimarães | 1911 | Eulalia Pinto de Almeida | 1898 |
| Ernestina Affonso Foz | 1914 | Eulina Bicudo | 1894 |
| Ernestina Avila Ribeiro | 1900 | Eunyce de Almeida Bessa | 1912 |
| Ernestina da Silveira | 1890 | Euphrosina Gonçalves de Sousa | 1882 |
| Ernestina de Andrade Soares | 1918 | Eurides Diniz Junqueira | 1919 |
| Ernestina de Avila Ribeiro | 1886 | Euridice Araujo | 1910 |
| Ernestina de Oliveira Lima | 1871 | Euridice Cardia Ferreira | 1877 |
| Ernestina Duarte | 1892 | Euthalia Pacheco e Silva | 1871 |
| Ernestina Leite de Carvalho | 1913 | Evangelina Barbosa Engler | 1895 |
| Ernestina Lima | 1872 | Evangelina da Silva Porto | 1908 |
| Ernestina Pinto P. Almeida | 1906 | Evangelina Dauntre Salles | 1869 |
| Erothides de Campos | 1902 | Evangelina E. de S. Mesquita | 1874 |
| Esaltina Soares | 1870 | Evangelina Fonseca | 1906 |
| Escholastica Candida de A. Prado | 1871 | Evangelina Junqueira | 1896 |
| Escholastica Celestina Almeida Prado | 1881 | Evangelina Mascarenhas | 1894 |
| Escholastica Correa | 1867 | Evelina de Queiroz Telles | 1892 |
| Escholastica da Fonseca Prado | 1888 | Exaltina de Almeida Prado | 1903 |
| Escholastica de Almeida Ferraz | 1870 | Xilda de Souza Moraes | 1891 |
| Escholastica de Almeida Leite | 1870 | Fanny Ribeiro Jordão | 1903 |
| Escholastica de Almeida Prado | 1905 | Fathma de Almeida Bessa | 1887 |
| Escholastica de Camargo de A. França | 1880 | Fausta Alves Ferreira | 1880 |
| Escholastica Lacerda | 1872 | Faustina de Mendonça Castro | 1910 |
| Escholastica Queiroz Guimarães | 1871 | Feliciana Machado de Oliveira | 1878 |
| Escholastica Saturnino de Queiroz | 1860 | Felicissima Amelia Mesquita Barros | 1883 |
| Escolastica A. de Queiroz Ferreira | 1882 | Felicissima Siqueira Leal | 1912 |
| Escolastica Angela de Carvalho | 1860 | Felisbina Candida Dias | 1906 |
| Escolastica de Almeida Leite | 1863 | Fermiana J. de Araujo | 1897 |
| Escolastica Leite de Almeida | 1882 | Fernanda de Almeida | 1895 |
| Escolastica Martins da Silva | 1860 | Fidelcina Vieira de Andrade | 1873 |
| Escolastica Rubim Almeida Pacheco | 1879 | Flavia Maria de Siqueira | 1866 |
| Esmeria Augusta Mendes de Almeida | 1892 | Flora Firmina M. da Cruz | 1911 |
| Estacia Esselin | 1902 | Flora Prestes Cesar | 1904 |
| Estella de Barros Santos | 1881 | Floriana Nogueira de Mattos | 1904 |
| Estephania Pinto Novaes | 1902 | Floripes Galvão | 1896 |
| Esther Alves Figueredo | 1903 | Floripes Vieira | 1887 |
| Esther Corrêa | 1897 | Floriza Barbosa Ferraz | 1863 |
| Esther Corrêa Leite | 1913 | Floriza Ferraz | 1881 |
| Esther Cruz Azevedo | 1879 | Fortunata Fenili | 1881 |
| Esther de Castro Rosa | 1908 | Francelina da Silveira Mello | 1860 |
| Esther Fontão | 1918 | Francelina Ribeiro Camargo | 1876 |
| Esther Fontoura | 1906 | Francisca A. de Barros | 1876 |
| Esther J. de Almeida | 1896 | Francisca Alvarenga | 1878 |
| Esther Mascarenhas | 1915 | Francisca Amalia Mesquita Sampaio | 1887 |
| Esther Vieira Novelli | 1874 | Francisca Amasilia da Cunha | 1876 |
| Etelvina de Campos Novaes | 1868 | Francisca Angelica Pinto Moraes | 1880 |
| Etelvina Pereira Mendes | 1865 | Francisca Aniceta Ramos | 1862 |
| Etelvina Pompeo do Amaral | 1896 | Francisca Araujo Lima | 1873 |
| Etelvina Teodora do Amaral | 1889 | Francisca Augusta Galvão | 1882 |
| Euclidia de Camargo | 1871 | Francisca Avelina da Rocha | 1871 |
| Euclidia Soares | 1883 | Francisca Bellarmina de Oliveira | 1877 |
| Eudoxia Alves de Oliveira | 1881 | Francisca Bicudo Salgado | 1886 |
| Eudoxia Bemvinda Mattos | 1873 | Francisca Botelho | 1868 |
| Eudoxia Dias de Toledo | 1877 | Francisca Candida de Barros | 1918 |
| Eudoxia Dina Ferraz de Andrade | 1861 | Francisca Candida de Lima | 1876 |
| Eudoxia Pinto de Almeida | 1890 | Francisca Carolina da Costa | 1882 |

| | | | |
|-------------------------------------|------|-----------------------------------|------|
| Francisca Carolina da Rocha | 1892 | Genny de Oliveira Azevedo | 1919 |
| Francisca Carolina Leite Penteado | 1879 | Genny Wagner | 1905 |
| Francisca Correa de Camargo | 1905 | Genoveva Augusta Junqueira Franco | 1883 |
| Francisca Cunha Salles | 1900 | Genoveva Clara Diniz Junqueira | 1878 |
| Francisca Cusculo Marco | 1878 | Genoveva Dias de Toledo | 1880 |
| Francisca da Conceição | 1908 | Genoveva Monteiro | 1911 |
| Francisca d'Assumpção Fleury | 1868 | Genoveva Olympia Junqueira Franco | 1883 |
| Francisca de Almeida Campos | 1888 | Georgina A. Junqueira Bretas | 1884 |
| Francisca de Almeida Ferraz | 1870 | Georgina da Silva | 1870 |
| Francisca de Almeida Prado | 1877 | Georgina de Oliveira | 1912 |
| Francisca de Almeida Sampaio | 1877 | Georgina Elisa Monteiro | 1884 |
| Francisca de Camargo Andrade | 1892 | Georgina Fernandina de Barros | 1899 |
| Francisca de Camargo Andrade | 1894 | Georgina Moraes Teixeira | 1891 |
| Francisca de Camargo Moraes | 1885 | Geracina Carvalhaes | 1890 |
| Francisca de Campos Ferreira | 1892 | Gertrudes Correa Pacheco | 1864 |
| Francisca de Freitas | 1895 | Gertrudes da Fonseca | 1872 |
| Francisca de Freitas | 1900 | Gertrudes de Almeida Prado | 1870 |
| Francisca de Marco | 1907 | Gertrudes de Anhaia Mello | 1879 |
| Francisca de Oliveira Motta | 1870 | Gertrudes de Barros Silva | 1889 |
| Francisca de Paula Barros | 1871 | Gertrudes de Camargo | 1882 |
| Francisca de Paula Camargo | 1896 | Gertrudes de Paula Souza | 1873 |
| Francisca de Paula Monteiro | 1881 | Gertrudes de Souza Barreto | 1885 |
| Francisca de Souza Rezende | 1891 | Gertrudes Euphrosina de S. Aranha | 1875 |
| Francisca do Amaral Campos | 1901 | Gertrudes Euphrosina P. d'Almeida | 1873 |
| Francisca do Amaral Machado | 1863 | Gertrudes Ferraz | 1863 |
| Francisca Duarte de Barros | 1873 | Gertrudes França | 1892 |
| Francisca E. Oliveira Andrade | 1873 | Gertrudes Leopoldina da Fonseca | 1880 |
| Francisca Emilia de Camargo | 1863 | Gertrudes Moreira | 1870 |
| Francisca Emilia Pacheco | 1889 | Gertrudes Pinto Neves | 1865 |
| Francisca Eugenia Corrêa Leite | 1887 | Gertrudes Prestes | 1897 |
| Francisca Eugenia do Amaral | 1877 | Gertrudes Sampaio | 1910 |
| Francisca Eugenia Pereira Mendes | 1859 | Gertrudes Sampaio Lara | 1902 |
| Francisca Eugenia Pinto | 1892 | Getulia Soares | 1872 |
| Francisca Ferraz | 1889 | Gilda Conceição | 1904 |
| Francisca Ferraz de Barros | 1865 | Guaraciaba de Sampaio | 1895 |
| Francisca Ferraz de Camargo | 1882 | Guendolina Teixeira de Camargo | 1888 |
| Francisca Ferraz de Camargo | 1859 | Guida Mares | 1900 |
| Francisca Galvão | 1900 | Guilhermina de Barros | 1871 |
| Francisca Giannuzzi | 1899 | Guilhermina de Moraes Barros | 1892 |
| Francisca Godoy | 1906 | Guilhermina Nogueira Azevedo | 1892 |
| Francisca Gomes Barbosa | 1912 | Guiomar Araujo | 1919 |
| Francisca Leocádia de Barros | 1897 | Guiomar Ataliba Nogueira | 1878 |
| Francisca Lobo | 1876 | Guiomar Balbina Corrêa Pacheco | 1871 |
| Francisca Lopes Chaves | 1884 | Guiomar de Araujo Roso | 1900 |
| Francisca Lourença Cintra | 1875 | Guiomar de Campos Valente | 1919 |
| Francisca P. P. de Almeida | 1868 | Guiomar J. de Almeida | 1906 |
| Francisca Paula de Barros | 1891 | Guiomar Leite de Barros | 1887 |
| Francisca Pilar Prestes | 1907 | Guiomar Leite de Barros | 1917 |
| Francisca Pinheiro Machado | 1900 | Guiomar Leite de Moraes | 1905 |
| Francisca Prado | 1880 | Helena Amirat | 1892 |
| Francisca Quartim | 1917 | Helena Brown | 1909 |
| Francisca Rodrigues de Moraes | 1895 | Helena de Campos Ferreira | 1890 |
| Francisca Vieira de Andrade | 1913 | Helena de Oliveira Machado | 1913 |
| Gabriela R. de Oliveira | 1916 | Helena de Oliveira Teixeira | 1898 |
| Gabriella A. Junqueira | 1915 | Helena do Amaral Campos | 1865 |
| Gabriella Aguiar de Barros Freire | 1861 | Helena dos Santos | 1917 |
| Gabriella Augusta da Costa Monteiro | 1885 | Helena Fausta Diniz Junqueira | 1878 |
| Gabriella Correa | 1911 | Helena M. de S. Camargo | 1866 |
| Gabriella Correa Leite | 1860 | Helena Martins | 1908 |
| Gabriella Dias Pinheiro | 1906 | Helena Quartim de Lima | 1912 |
| Gabriella Luiza Campos | 1875 | Helena Soares Fagundes | 1873 |
| Gabriella Meirelles Pinto | 1906 | Heloisa Cecilia de Almeida Prado | 1883 |
| Gabriella Pinto Ferraz | 1871 | Henriqueta Garraux | 1866 |
| Gabriella Teixeira | 1866 | Henriqueta Snell | 1869 |
| Gecia de Queiroz Telles | 1871 | Hercilia Brenha | 1899 |
| Gelsumina Facchina | 1919 | Hermantina Correa de Camargo | 1879 |
| Genesis Leite de Barros | 1900 | Hermantina de Almeida Barros | 1876 |

| | | | |
|--------------------------------------|------|-----------------------------------|------|
| Hermantina de Camargo Barros | 1902 | Isaura de Almeida Prado | 1889 |
| Hermantina Fonseca | 1869 | Isaura de Barros Silva | 1889 |
| Hermantina Fontão | 1905 | Isaura de Oliveira | 1909 |
| Hermantina Monteiro de Barros | 1880 | Isaura de Queiroz Telles | 1885 |
| Hermengarde Franklin de Almeida | 1907 | Isaura Dias | 1903 |
| Herminia de Almeida Mattos | 1888 | Isaura do Espirito Santo Vieira | 1892 |
| Herminia de Andrade Couto | 1870 | Isaura Gomes Pinto | 1891 |
| Herminia Machado | 1914 | Isaura Isabel Ferreira | 1887 |
| Herminia Moraes | 1909 | Isaura Jordão de Camargo | 1914 |
| Herminia Paulina Lara | 1883 | Isaura Junqueira | 1914 |
| Herminia Péres | 1892 | Isaura Siqueira | 1911 |
| Hilda de Arruda Roso | 1887 | Isaura Soares | 1888 |
| Hilda Ferreira do Amaral | 1912 | Isaura Vieira de Moraes | 1896 |
| Hilda Prado Brown | 1908 | Ismalia Fonseca | 1888 |
| Hortencia Augusta de Araujo | 1870 | Ismalia Julia da Silva Guadencio | 1910 |
| Hortencia de A. Sampaio | 1915 | Ismenia Augusta Castro Andrade | 1880 |
| Hortencia Godoy | 1899 | Ismenia de Freitas | 1892 |
| Hortencia Joly | 1887 | Ismenia Dias de Carvalho | 1905 |
| Hortencia Joly | 1888 | Ismenia do Amaral | 1861 |
| Hortencia Pontes | 1896 | Ismenia Fonseca | 1882 |
| Hugolina de Almeida Barros | 1876 | Isola Novaes | 1890 |
| Hypolita Correa Rosa | 1879 | Isoleta de Oliveira | 1912 |
| Ida Liberal Pinto | 1890 | Isolina Affonsina de P. Junqueira | 1885 |
| Ida Museganti | 1912 | Isolina de Almeida | 1907 |
| Idalia Pereira | 1905 | Isolina de Andrade Pontes | 1878 |
| Idalia Spinola Dias | 1913 | Isolina de Moura Albuquerque | 1890 |
| Idalina Bueno de Campos | 1892 | Isolina Ferraz | 1889 |
| Idalina de Oliveira Queiroz | 1864 | Isolina Guimarães Malheiros | 1899 |
| Idalina Nogueira de Mello | 1892 | Isolina Martini | 1901 |
| Ignacia Augusta de Camargo | 1859 | Iza Cardia | 1912 |
| Ignacia Candida da Costa | 1876 | Izabel Sampaio Ferraz | 1868 |
| Ignaz Candida de Sillos | 1884 | Jandyra de Albuquerque | 1912 |
| Ignaz de Carvalho Fonseca | 1899 | Jandyra de Avila Ribeiro | 1918 |
| Ignaz França | 1895 | Jandyra de Castro | 1913 |
| Innocencia Constança de Figueiredo | 1886 | Jandyra de Queiroz Telles | 1908 |
| Iracema Mascarenhas | 1892 | Jandyra Franklin de Almeida | 1907 |
| Iraides Ricardina de Oliveira | 1896 | Jandyra Machado | 1914 |
| Irene Egydio de Souza Aranha | 1888 | Jecia Bettine de Barros | 1892 |
| Irene Figueiredo Dauntre | 1907 | Jecia Philomena de Barros | 1899 |
| Irene Fontoura da Silva | 1913 | Jecy Franco Alvim | 1912 |
| Irene Junqueira | 1905 | Jenny Carmo de Carvalho | 1902 |
| Irene Machado de Oliveira | 1910 | Jenny de Oliveira | 1912 |
| Irene Sampaio Leite | 1889 | Jenny de Queiroz Telles | 1874 |
| Iria Aurea Nogueira Aguiar | 1880 | Jenny de Queiroz Telles Moraes | 1910 |
| Iria Cezarina dos Santos | 1888 | Jenny Marques de Almeida | 1901 |
| Iria Leopoldina Nogueira | 1887 | Jenny Noronha Raposa | 1895 |
| Iria Paulina dos Santos Queiroz | 1885 | Jeronyma Innocencia de Carvalho | 1879 |
| Irma Pucci | 1910 | Jessy Pereira de Andrade | 1907 |
| Isabel Adelina Sampaio | 1870 | Jesuina Augusta Ribeiro | 1876 |
| Isabel Bueno Nogueira | 1890 | Jesuina Gonçalves Guerra | 1885 |
| Isabel Carneiro | 1918 | Jesuina M. José Ferreira | 1918 |
| Isabel da Conceição Silveira | 1899 | Jesuina Pimentel | 1896 |
| Isabel da Silveira | 1919 | Jezuina Prado Queiroz | 1874 |
| Isabel da Silveira Mello | 1884 | Joanna B. de Paula Leite | 1905 |
| Isabel de Almeida Paula Leite | 1876 | Joanna Baptista da Costa Alves | 1892 |
| Isabel de Almeida Sampaio | 1888 | Joanna da Costa Liberal | 1888 |
| Isabel de Oliveira | 1895 | Joanna de Souza Teixeira | 1872 |
| Isabel de Oliveira Andrade | 1900 | Joanna Dias de Toledo | 1874 |
| Isabel de Souza Mesquita | 1871 | Joanna Eudoxia da Cunha | 1875 |
| Isabel Ferraz de Barros | 1889 | Joanna Innocencia da Fonseca | 1885 |
| Isabel Ferreira Alves | 1892 | Joanna Mendes | 1911 |
| Isabel Leopoldina de Aguirre | 1896 | Joaquina Alves Fonseca | 1872 |
| Isabel Padula | 1911 | Joaquina Augusta da Silva | 1861 |
| Isabel Toledo do Prado | 1897 | Joaquina Augusta Pupo Nogueira | 1891 |
| Isabel Valentina de Mesquita Sampaio | 1874 | Joaquina Candida Ribeiro | 1894 |
| Isaltina de Sousa Pereira | 1913 | Joaquina de Arruda Soares | 1878 |
| Isaura Damasio | 1913 | Joaquina Dulcina B. da Motta | 1872 |

| | | | |
|---------------------------------|------|------------------------------------|------|
| Joaquina E. de Sousa Leite | 1910 | Laura do Amaral Campos | 1895 |
| Joaquina E. Moreira | 1909 | Laura Euphrosina da Silva | 1872 |
| Joaquina Ferreira Penteado | 1876 | Laura Fragoso Ferrão | 1892 |
| Joaquina Leopoldina Mendes | 1864 | Laura Magalhães | 1881 |
| Joaquina Moreira Lima | 1868 | Laura Marques da Silva | 1905 |
| Joaquina Ramalho Macedo | 1912 | Laura Martins | 1908 |
| Josephina dos Reis Dias | 1914 | Laura Pereira Mendes | 1912 |
| Josephina Alves Lima | 1884 | Laurinda Maria Gonzaga | 1866 |
| Josephina Bierrembach | 1889 | Lauzina Cotrim | 1890 |
| Josephina Correa de Camargo | 1879 | Lavina de Camargo Moraes | 1905 |
| Josephina da Silva Dias | 1911 | Lavinia Alves Cintra | 1903 |
| Josephina de Campos Mello | 1910 | Lavinia Bueno | 1889 |
| Josephina de Campos Pacheco | 1869 | Lavinia de Oliveira | 1892 |
| Josephina de Oliveira Motta | 1895 | Lavinia de Souza Campos | 1895 |
| Josephina de Paula Leite | 1909 | Lavinia Fonseca | 1902 |
| Josephina Durvalina Dias | 1894 | Lealidy de Campos | 1906 |
| Josephina Freitas | 1898 | Leandrina da Fonseca | 1879 |
| Josephina Martins | 1901 | Leduviges de Vasconcellos Pinto | 1889 |
| Josephina Nogueira | 1902 | Leocadia Brenha Ribeiro | 1899 |
| Josephina Pacheco Ferreira | 1892 | Leocadia da Silveira | 1893 |
| Josephina Philomena Cazes | 1870 | Leonarda Paes de Barros | 1890 |
| Josephina Tibiriça Piratininga | 1866 | Leoncia Ribeiro | 1903 |
| Josephina Toledo Lara | 1884 | Leonidia Unzer | 1892 |
| Josina Freire de Figueiredo | 1887 | Leonina Augusta de Oliveira | 1884 |
| Josina Sebastiana Lima | 1913 | Leonor Benassi | 1903 |
| Jovita Augusta Alves | 1881 | Leonor Branco | 1892 |
| Jovita de Andrade Lima | 1901 | Leonor da Fonseca | 1874 |
| Judith Barroso de Souza | 1913 | Leonor de Almeida Leite | 1860 |
| Judith da Silveira Camargo | 1904 | Leonor de Almeida Leite | 1863 |
| Judith de Castro | 1913 | Leonor de Almeida Paula Leite | 1875 |
| Judith de Paula Lima | 1917 | Leonor de Almeida Prado | 1880 |
| Judith Freitas Braga | 1885 | Leonor de Almeida Prado | 1888 |
| Judith Gurgel | 1907 | Leonor de Almeida Prado | 1901 |
| Judith Junqueira | 1911 | Leonor de Arruda | 1892 |
| Judith Padula | 1911 | Leonor de Paula Monteiro | 1898 |
| Julia Bernardi | 1906 | Leonor de Souza Campos | 1895 |
| Julia Blumberg | 1913 | Leonor do Amaral Lapa | 1875 |
| Julia Bueno | 1895 | Leonor Ferraz de Andrade | 1879 |
| Julia de Castro Canto e Mello | 1875 | Leonor Franco de Almeida | 1896 |
| Julia de Moraes Bueno | 1866 | Leonor Gertrudes Melchert | 1865 |
| Julia de Oliveira Teixeira | 1899 | Leonor Gomes Cruz | 1913 |
| Julia do Amaral | 1861 | Leonor Gomes Pinto | 1888 |
| Julia Egydio de Souza Aranha | 1895 | Leonor Marcondes | 1907 |
| Julia Joly | 1879 | Leonor Nogueira L. Penteado | 1883 |
| Julia Julieta de Araujo Cintra | 1876 | Leonor Queiroz Telles | 1900 |
| Julia Leite da Cunha | 1896 | Leonor Rodrigues | 1891 |
| Julia Leite de Carvalho | 1892 | Leontina de Arruda Roso | 1897 |
| Julia Nicolina de Paula Fonseca | 1883 | Leontina Sylvestre | 1914 |
| Julia Salles | 1874 | Leopoldina da Conceição | 1868 |
| Julieta da Costa Carvalho | 1887 | Leopoldina da Conceição Alves | 1871 |
| Julieta Damasio | 1913 | Leovigilda Martins da Cunha | 1898 |
| Julieta de Campos | 1906 | Leticia Augusta da Fonseca | 1860 |
| Julieta de Moraes Dutra | 1894 | Leticia de Assis Pacheco | 1895 |
| Julieta Ferreira | 1907 | Licinia Vasconcellos Almeida Prado | 1898 |
| Julieta Guzzi | 1881 | Lilia Bierrembach Castro Prado | 1910 |
| Julieta Leite de Barros | 1902 | Lilia de Araujo Geribello | 1913 |
| Julieta Palhares | 1875 | Lina Bueno | 1892 |
| Julieta Vieira Dias | 1914 | Lina Candida Ribeiro | 1892 |
| Julita Prado | 1887 | Lina Paulina de Lima | 1884 |
| Justina Julia de Freitas Dias | 1887 | Livia da Palma Rocha | 1913 |
| Justina Maria Alves | 1859 | Livia Ferreira de Camargo | 1897 |
| Juvenilla de Souza Leite | 1913 | Lourença Pinto Ferraz | 1871 |
| Laudelina Ilidia de Camargo | 1888 | Lucia Alvaro Camargo | 1896 |
| Laura Bierrembach | 1890 | Lucia Branco | 1892 |
| Laura Candida Corrêa Pacheco | 1879 | Lucia Bueno | 1892 |
| Laura Corte Real | 1897 | Lucia Bueno Pereira | 1919 |
| Laura de Souza Aranha | 1863 | Lucia Conceição | 1908 |

| | | | |
|----------------------------------|------|--------------------------------------|------|
| Lucia de Campos Vieira | 1896 | Malvina Maria de Carvalho | 1882 |
| Lucia de Paula Nogueira | 1905 | Manoela da Costa Carvalho | 1890 |
| Lucia Ferreira Leite | 1912 | Manoela Dias Gonzaga | 1900 |
| Lucia Martins da Cunha | 1896 | Manoela Lacerda | 1874 |
| Lucia Moraes | 1911 | Manoela Rosa da Costa Alves | 1868 |
| Lucia Salles de Carvalho | 1907 | Marcia de Moraes | 1892 |
| Lucilia Bueno da Silveira | 1915 | Marcia Ferreira de Campos | 1887 |
| Lucilla Berrini | 1895 | Margarida Cabral de Vasconcellos | 1909 |
| Lucilla Bueno | 1882 | Margarida Corrêa | 1912 |
| Lucilla Bueno Pereira | 1919 | Margarida das Neves | 1906 |
| Lucilla Cezar | 1892 | Margarida M. Fonseca | 1904 |
| Lucilla Cintra Ferreira | 1896 | Margarida Renaudin de Ranville | 1907 |
| Lucilla Freitas Braga | 1883 | Margarida Ribeiro do Valle | 1885 |
| Lucilla Godoy | 1910 | Maria Adelaide Alvarenga | 1875 |
| Lucilla Junqueira | 1910 | Maria Adelaide F. Dias | 1917 |
| Lucilla Leitão | 1900 | Maria Adelaide Porto | 1919 |
| Lucilla Pinto de Moraes | 1883 | Maria Adelia Lima | 1887 |
| Lucilla Pompeo de Camargo | 1892 | Maria Albertina do Amaral | 1918 |
| Lucilla Quartim Orthofen | 1907 | Maria Alexandrina de Barros | 1871 |
| Lucinda Cozetti | 1896 | Maria Almeida Coelho | 1894 |
| Lucinda Novaes Soares | 1905 | Maria Alves da Silva | 1876 |
| Lucinda Villas Boas | 1904 | Maria Alves Diniz | 1914 |
| Lucrecia Rodrigues Dias | 1887 | Maria Alves Ferreira | 1877 |
| Luiza Ataliba Nogueira | 1878 | Maria Amalia Assis | 1867 |
| Luiza Bastos da Silva | 1900 | Maria Amalia de Almeida Sampaio | 1870 |
| Luiza Bueno | 1882 | Maria Amalia de França Rangel | 1877 |
| Luiza Bueno da Silveira | 1912 | Maria Amalia Guilherme | 1914 |
| Luiza da Costa Carvalho | 1870 | Maria Amalia Lopes Pinto | 1878 |
| Luiza de Almeida Sampaio | 1889 | Maria Amalia Pinto | 1861 |
| Luiza de Oliveira Andrade | 1877 | Maria Amelia Barandier | 1860 |
| Luiza de Paula Leite | 1900 | Maria Amelia Bueno | 1900 |
| Luiza de Souza Mesquita | 1874 | Maria Amelia Cabral | 1896 |
| Luiza do Amaral Campos | 1895 | Maria Amelia Campos Netto | 1907 |
| Luiza dos Santos Cruz | 1895 | Maria Amelia Correa | 1884 |
| Luiza Ernestina Almeida Sampaio | 1877 | Maria Amelia Cunha | 1911 |
| Luiza Ernestina Gonzaga | 1874 | Maria Amelia da Costa Carvalho | 1870 |
| Luiza Estephania de Vasconcellos | 1881 | Maria Amelia de Almeida Prado | 1899 |
| Luiza Euphrosina Souza Aranha | 1862 | Maria Amelia de Barros Franco | 1890 |
| Luiza Ferraz de Campos | 1883 | Maria Amelia de Menezes | 1919 |
| Luiza Ferreira de Camargo | 1885 | Maria Amelia do Amaral | 1888 |
| Luiza Henriqueta Langgard | 1861 | Maria Amelia Leme de Freitas | 1908 |
| Luiza Ismenia de Freitas | 1881 | Maria Amelia Machado | 1887 |
| Luiza Luchesi | 1896 | Maria Amelia Marchisio | 1891 |
| Luiza Martins de Camargo | 1896 | Maria Amelia Soares de Souza | 1881 |
| Luiza Nicolina do Amaral | 1879 | Maria Anesia de Almeida Sampaio | 1889 |
| Luiza Sampaio | 1883 | Maria Angela Bueno de Arruda | 1916 |
| Luiza Serpa | 1912 | Maria Angela Moraes Bueno | 1863 |
| Luiza Siqueira | 1907 | Maria Angela Nogueira | 1873 |
| Luiza Ursula de Mello | 1892 | Maria Angelica Marcondes de Castilho | 1876 |
| Luiza Vasconcellos | 1880 | Maria Angelica Martins Cruz | 1872 |
| Luzia Lima Villela | 1918 | Maria Angelica Soares de Toledo | 1889 |
| Luzia Lobato | 1916 | Maria Antonia Lacerda | 1880 |
| Lydia Augusta de Andrade | 1895 | Maria Antonieta dos Santos Queiroz | 1879 |
| Lydia da Costa Alves | 1877 | Maria Antonieta Goulart | 1904 |
| Lydia da Silva Prado | 1870 | Maria Antonieta Junqueira Fernandes | 1914 |
| Lydia da Silveira | 1881 | Maria Antonieta Pinto de Moraes | 1892 |
| Lydia da Silveira | 1885 | Maria Antonieta Toledo Prado | 1913 |
| Lydia da Silveira Franco | 1890 | Maria Antonietta Queiroz Telles | 1894 |
| Lydia de Camargo Pinto | 1911 | Maria Aparecida de Paula Lima | 1918 |
| Lydia de Carvalho Bais | 1916 | Maria Aparecida Pontes | 1905 |
| Lydia de Souza Rezende | 1881 | Maria Aparecida Sampaio | 1908 |
| Lydia Maria Iarussi | 1912 | Maria Augusta Assis Pacheco | 1864 |
| Lydia Pereira de Moraes | 1899 | Maria Augusta Bonilha Toledo | 1898 |
| Lydia Proença | 1872 | Maria Augusta Carvalho | 1888 |
| Lydia Thereza de Mesquita Barros | 1891 | Maria Augusta da Silva Leitão | 1868 |
| Lydia Vianna de Oliveira | 1888 | Maria Augusta da Silva Musa | 1883 |
| Magdalena da Silva Prado | 1917 | Maria Augusta da Silveira | 1887 |

| | | | |
|---------------------------------------|------|--|------|
| Maria Augusta de Almeida | 1886 | Maria Cintra de Andrade | 1912 |
| Maria Augusta de Paula | 1898 | Maria Clotilde Lacerda | 1887 |
| Maria Augusta de Souza Fleury | 1873 | Maria Cunha | 1905 |
| Maria Augusta Diniz Junqueira | 1883 | Maria Custodia Leite | 1888 |
| Maria Augusta do Amaral | 1890 | Maria da Anunciação Pinto | 1898 |
| Maria Augusta F. de Almeida | 1916 | Maria da Candelaria de Almeida Campos | 1914 |
| Maria Augusta Ferraz | 1872 | Maria da Conceição Almeida Cintra | 1882 |
| Maria Augusta Neves da Motta | 1872 | Maria da Conceição Almeida Prado | 1889 |
| Maria Aurea de Andrade I.S.J. | 1868 | Maria da Conceição Brochado | 1887 |
| Maria Auta Viegas | 1862 | Maria da Conceição Bueno de Barros | 1894 |
| Maria Auxiliadora Lopes de Moraes | 1913 | Maria da Conceição Campos | 1884 |
| Maria Barbara de O. Andrade I.S.J. | 1863 | Maria da Conceição Cintra Ferreira | 1895 |
| Maria Barbara Dias Leite | 1893 | Maria da Conceição Costa | 1885 |
| Maria Barbosa Engler | 1871 | Maria da Conceição Damasio | 1912 |
| Maria Barros Bettini | 1891 | Maria da Conceição de Almeida | 1916 |
| Maria Bartholomei | 1910 | Maria da Conceição de Almeida Barros | 1866 |
| Maria Basson | 1892 | Maria da Conceição de Almeida Prado | 1887 |
| Maria Bemvinda de Freitas | 1895 | Maria da Conceição do Amaral | 1887 |
| Maria Benedicta Correa | 1881 | Maria da Conceição F. Bretas | 1915 |
| Maria Benedicta de Andrade | 1887 | Maria da Conceição Ferraz Costa | 1898 |
| Maria Benedicta de Camargo Andrade | 1871 | Maria da Conceição Figueiredo | 1909 |
| Maria Benedicta Ribeiro do Valle | 1907 | Maria da Conceição Guerra | 1913 |
| Maria Benedicta Villas Boas | 1907 | Maria de Conceição Guilherme | 1914 |
| Maria Bernardette Alves Ferreira | 1885 | Maria da Conceição Leite Penteado | 1900 |
| Maria Bernardette Fonseca | 1904 | Maria da Conceição Leite Rodrigues | 1911 |
| Maria Bertha Martins de Camargo | 1906 | Maria da Conceição Pinto Novaes | 1887 |
| Maria Blandina Alvaro Camargo | 1896 | Maria da Conceição Rodrigues | 1885 |
| Maria Borges Corrêa | 1905 | Maria da Conceição Sampaio do Amaral | 1912 |
| Maria Brazilina Sampaio | 1893 | Maria da Costa Alves | 1899 |
| Maria Burgueta de Mello | 1890 | Maria da G. Rangel de Barros | 1907 |
| Maria Candelaria Sampaio | 1910 | Maria da Gloria Cabral de Vasconcellos | 1909 |
| Maria Candida Camargo | 1859 | Maria da Gloria do Amaral Gurgel | 1914 |
| Maria Candida da Silva Dias | 1892 | Maria da Gloria Lacerda | 1860 |
| Maria Candida de Barros Azevedo | 1859 | Maria da Gloria M. Ferraz | 1917 |
| Maria Candida de Camargo | 1882 | Maria da Gloria Meira | 1892 |
| Maria Candida de Camargo | 1888 | Maria da Gloria Moraes | 1865 |
| Maria Candida de Souza | 1876 | Maria da Gloria Nebias | 1887 |
| Maria Candida Dias | 1914 | Maria da Gloria Neubern | 1913 |
| Maria Candida do Amaral | 1860 | Maria da Gloria Oliveira | 1914 |
| Maria Candida Ferreira do Amaral | 1911 | Maria da Gloria Penteado | 1904 |
| Maria Candida Galvão de Almeida | 1867 | Maria da Gloria Roiz do Prado | 1893 |
| Maria Candida Lellis | 1890 | Maria da Luz Monteiro de Barros | 1892 |
| Maria Candida Macedo | 1911 | Maria da Penha Monteiro de Barros | 1880 |
| Maria Candida Pacheco Jordão | 1884 | Maria da Penha Pontes | 1906 |
| Maria Candida Pinheiro | 1900 | Maria da Silveira Campos | 1884 |
| Maria Candida Pinto | 1869 | Maria da Silveira Franco | 1877 |
| Maria Candida Pompeo de Camargo | 1918 | Maria da Silveira Franco | 1887 |
| Maria Candida Ribeiro | 1912 | Maria da Silveira Franco | 1894 |
| Maria Candida Toledo | 1865 | Maria da Silveira Mello | 1870 |
| Maria Cardia | 1908 | Maria da Silveira Mello | 1888 |
| Maria Carlota Arruda Botelho | 1885 | Maria Dalmacia Lacerda | 1860 |
| Maria Carlota de Andrade | 1865 | Maria d'Anunciação F. Camargo | 1862 |
| Maria Carlota Oliva de Mello | 1870 | Maria das Dôres B. Teixeira | 1904 |
| Maria Carmellina Correa de Campos | 1868 | Maria das Dôres Camargo | 1890 |
| Maria Carolina de Barros Galvão | 1869 | Maria das Dôres Camargo Teixeira | 1898 |
| Maria Carolina dos Santos | 1891 | Maria das Dôres Carvalhaes Oliveira | 1890 |
| Maria Carolina dos Santos Figueiredo | 1881 | Maria das Dôres de Assis Duarte | 1879 |
| Maria Carolina L. Ferreira | 1908 | Maria das Dôres de Carvalho | 1888 |
| Maria Carolina Pereira de Almeida | 1911 | Maria das Dôres de Mello | 1885 |
| Maria Carolina Schwenck | 1872 | Maria das Dôres Gonçalves Correa | 1891 |
| Maria Cassiana de Avila | 1914 | Maria das Dores Lopes Rodrigues | 1863 |
| Maria Catharina Gueury | 1866 | Maria das Dôres Mello | 1890 |
| Maria Catharina Guzzi | 1880 | Maria das Dores Queiroz Penteado | 1903 |
| Maria Christalia de Albuquerque Mello | 1880 | Maria das Dôres Rodrigues do Prado | 1885 |
| Maria Christina Alvim | 1882 | Maria das Dôres Sampaio | 1873 |
| Maria Christina de Sillos | 1879 | Maria das Dôres Toledo | 1895 |
| Maria Christina dos Santos | 1886 | Maria das Dôres Vasconcellos Pinto | 1890 |

| | | | |
|--------------------------------------|------|--------------------------------------|------|
| Maria das Dôres Xavier | 1869 | Maria Elisa Coelho | 1892 |
| Maria de Almeida Campos | 1896 | Maria Elisa Coelho | 1897 |
| Maria de Almeida Leite | 1860 | Maria Elisa Corrêa de Moraes | 1872 |
| Maria de Almeida Pacheco | 1895 | Maria Elisa da Silveira | 1878 |
| Maria de Almeida Prado | 1899 | Maria Elisa de Camargo | 1905 |
| Maria de Almeida Prado | 1910 | Maria Elisa de Carvalho | 1898 |
| Maria de Barros Penteado | 1889 | Maria Elisa Ferraz Mesquita | 1895 |
| Maria de Camargo | 1860 | Maria Elisa Ferreira de Camargo | 1900 |
| Maria de Campos Pacheco | 1869 | Maria Elisa Julião | 1906 |
| Maria de Lourdes Camargo Martins | 1903 | Maria Elisa Oliveira Machado | 1885 |
| Maria de Lourdes Camargo Pinto | 1914 | Maria Elisa Ramos | 1881 |
| Maria de Lourdes Cintra | 1908 | Maria Elisa Vasconcellos | 1883 |
| Maria de Lourdes d'Almeida Sampaio | 1907 | Maria Emilia Conceição | 1862 |
| Maria de Lourdes de Almeida Campos | 1916 | Maria Emilia da Costa | 1875 |
| Maria de Lourdes de Paula Leite | 1910 | Maria Emilia Dabney Abranches | 1883 |
| Maria de Lourdes de Toledo Aranha | 1917 | Maria Emilia Fonseca | 1904 |
| Maria de Lourdes Joly | 1903 | Maria Emilia Guimarães | 1892 |
| Maria de Lourdes Junqueira Meirelles | 1919 | Maria Emilia Joly | 1879 |
| Maria de Lourdes Leite de Barros | 1913 | Maria Emilia Pereira Mendes | 1889 |
| Maria de Lourdes N. Homem | 1911 | Maria Emilia Pinto | 1883 |
| Maria de Lourdes Oliveira Machado | 1919 | Maria Emilia Rubim de Oliveira | 1875 |
| Maria de Lourdes Penteado Aranha | 1910 | Maria Eponima Pacheco | 1897 |
| Maria de Lourdes Pinto Novaes | 1915 | Maria Esther Cintra Ferreira | 1897 |
| Maria de Lourdes Ribeiro | 1913 | Maria Esther Ferreira | 1914 |
| Maria de Lourdes Wately | 1910 | Maria Etelvina Bicudo | 1892 |
| Maria de Milleville | 1902 | Maria Eudoxia da Cunha | 1886 |
| Maria de Moraes Galvão | 1907 | Maria Eugenia C. Loureiro | 1890 |
| Maria de Oliveira | 1892 | Maria Eugenia de Paula Machado | 1911 |
| Maria de Oliveira Camargo | 1863 | Maria Eugenia Diniz Junqueira | 1883 |
| Maria de Oliveira Machado | 1906 | Maria Eugenia Joly | 1879 |
| Maria de Oliveira Machado | 1914 | Maria Eugenia Pinto | 1888 |
| Maria de Paula Gomes | 1887 | Maria Eulalia Ferraz de Camargo | 1885 |
| Maria de Paula Leite | 1906 | Maria Euphrosina da Fonseca | 1876 |
| Maria de Paula Leite de Barros | 1907 | Maria Euphrosina de Oliveira Queiroz | 1864 |
| Maria de Paula Souza | 1873 | Maria Euzebia Oliveira Penteado | 1893 |
| Maria de Queiroz Telles Moraes | 1907 | Maria Evangelina Prado | 1882 |
| Maria de Souza Amaral | 1859 | Maria Evarista Villela | 1887 |
| Maria de Souza Aranha | 1892 | Maria Fausta Pereira Mendes | 1868 |
| Maria do Amaral Lapa | 1863 | Maria Felicissima de Arruda | 1863 |
| Maria do Carmo Almeida Nogueira | 1885 | Maria Felicissima Soares de Arruda | 1882 |
| Maria do Carmo C. de Oliveira | 1879 | Maria Felicissima Soares Proença | 1889 |
| Maria do Carmo d'Almeida Cintra | 1901 | Maria Fernandina de Barros | 1893 |
| Maria do Carmo Ferraz de Camargo | 1885 | Maria Ferraz de Arruda | 1884 |
| Maria do Carmo Fonseca | 1903 | Maria Ferreira Alves | 1912 |
| Maria do Carmo Fonseca Bicudo | 1897 | Maria Ferreira da Silva | 1897 |
| Maria do Carmo Fontoura Coimbra | 1916 | Maria Ferreira da Silveira | 1885 |
| Maria do Carmo Freitas Sampaio | 1914 | Maria Ferreira Guimarães | 1901 |
| Maria do Carmo Lacreata | 1918 | Maria Flora da Silveira Franco | 1878 |
| Maria do Carmo Meirelles | 1905 | Maria Flora de Arruda Leite | 1914 |
| Maria do Carmo Mesquita Sampaio | 1889 | Maria Flora Ferraz de Camargo | 1890 |
| Maria do Carmo Moraes Gomide | 1889 | Maria Fonseca de Almeida Prado | 1907 |
| Maria do Carmo Oliveira | 1884 | Maria Francisca Alves Ferreira | 1888 |
| Maria do Carmo Pinto Novaes | 1915 | Maria Francisca Bueno da Silveira | 1864 |
| Maria do Carmo Pinto Toledo | 1919 | Maria Francisca da Cunha Bueno | 1867 |
| Maria do Carmo Queiroz Guimarães | 1908 | Maria Francisca de Moura Palma | 1877 |
| Maria do Carmo Ribeiro | 1894 | Maria Francisca de Souza Aranha | 1862 |
| Maria do Carmo Sampaio Fernandes | 1914 | Maria Francisca Penteado | 1862 |
| Maria do Carmo Simeira | 1919 | Maria Francisca Sampaio Lima | 1890 |
| Maria Dolores Meira | 1911 | Maria Franklin de Almeida | 1907 |
| Maria Domitilla Tavares de Aguiar | 1875 | Maria Gabriella Rabello | 1919 |
| Maria Duarte de Barros | 1863 | Maria Galvão de Camargo | 1913 |
| Maria Edyvane Mattos Penteado | 1913 | Maria Gaudencia da Silveira Moraes | 1869 |
| Maria Eleuteria do E. Santo Campos | 1863 | Maria Gomes Pinto | 1888 |
| Maria Elias Correa | 1870 | Maria Gonçalves de Mello | 1906 |
| Maria Elias Correa de Negreiros | 1879 | Maria Guilhermina Costa Carvalho | 1870 |
| Maria Elias Corrêa Pacheco | 1871 | Maria Guilhermina de Barros | 1868 |
| Maria Elisa Camargo | 1911 | Maria Hemoglolina Machado | 1904 |

| | | | |
|------------------------------------|------|------------------------------------|------|
| Maria Herminia Leme Ferreira | 1903 | Maria Julia Lavrador | 1883 |
| Maria Hortencia Nogueira | 1917 | Maria Julia Pinto de Almeida | 1871 |
| Maria Hygina Penteado | 1900 | Maria Justina Fernandes | 1861 |
| Maria Hyppolita Pereira Mendes | 1866 | Maria Justina Macedo | 1910 |
| Maria Igenes da Silveira Mello | 1878 | Maria Leite de Oliveira Machado | 1899 |
| Maria Igenez do Amaral | 1887 | Maria Leite Penteado | 1862 |
| Maria Immaculada Mondim | 1896 | Maria Leocadia Escobar | 1895 |
| Maria Iracema Junqueira | 1906 | Maria Leonor de Oliveira | 1912 |
| Maria Isabel Carvalho | 1884 | Maria Leontina da Silva | 1913 |
| Maria Isabel Cruz | 1905 | Maria Leopoldina de Aguirre | 1865 |
| Maria Isabel d'Almeida Prado | 1861 | Maria Leopoldina de Barros Cruz | 1865 |
| Maria Isabel de Quadros | 1871 | Maria Leopoldina de Castro | 1885 |
| Maria Isabel de Quadros | 1908 | Maria Leopoldina de Sillos | 1881 |
| Maria Isabel Dias de Toledo | 1873 | Maria Leopoldina Leite de Moraes | 1905 |
| Maria Isabel Ferraz | 1892 | Maria Leopoldina Marcondes | 1875 |
| Maria Isabel Ferraz de Camargo | 1871 | Maria Leopoldina Sampaio | 1872 |
| Maria Isabel Leite Couto | 1871 | Maria Leticia de Paula Leite | 1895 |
| Maria Isabel Queiroga | 1907 | Maria Leticia Ferraz de Camargo | 1877 |
| Maria Jersey Lisboa | 1909 | Maria Loureiro | 1896 |
| Maria Jesuina Campos Salles | 1862 | Maria Lucilla de Almeida Mattos | 1888 |
| Maria Joanna de Almeida Prado | 1865 | Maria Luiza Alvim | 1911 |
| Maria Joanna Gomes Barbosa | 1894 | Maria Luiza Amirat | 1890 |
| Maria Joanna Penteado | 1906 | Maria Luiza Banho de Andrade | 1918 |
| Maria Joaquina de Barros Leite | 1877 | Maria Luiza Camargo da Silva | 1864 |
| Maria Joaquina de Moraes Cintra | 1864 | Maria Luiza Corrêa | 1897 |
| Maria Joly | 1867 | Maria Luiza Corrêa de Camargo | 1872 |
| Maria José Alves de Moura | 1876 | Maria Luiza Costa Pires | 1892 |
| Maria José Bueno | 1905 | Maria Luiza Cunha | 1909 |
| Maria José C. de Camargo | 1918 | Maria Luiza de Camargo Moraes | 1905 |
| Maria José Cardia | 1912 | Maria Luiza de Meira | 1877 |
| Maria José Carvalhaes | 1890 | Maria Luiza de Queiroz Telles | 1915 |
| Maria José Coimbra | 1898 | Maria Luiza do Amaral | 1888 |
| Maria José Correa Pacheco | 1887 | Maria Luiza do Amaral Gurgel | 1882 |
| Maria José Correa Rosa | 1879 | Maria Luiza Ferreira | 1898 |
| Maria José da Silva Menezes | 1919 | Maria Luiza Garraux | 1865 |
| Maria José de Almeida Campos | 1914 | Maria Luiza Leite Sampaio | 1882 |
| Maria José de Almeida Prado | 1916 | Maria Luiza Lopes Alvarenga | 1910 |
| Maria José de Carvalho | 1898 | Maria Luiza Martins | 1882 |
| Maria José de Mattos | 1870 | Maria Luiza Moreira de Araujo | 1903 |
| Maria José de Mattos | 1876 | Maria Luiza Pinto Neves | 1872 |
| Maria José de Oliveira | 1862 | Maria Luiza Vasconcellos | 1880 |
| Maria José de Oliveira | 1896 | Maria Luzia Souza Aranha | 1863 |
| Maria José de Oliveira | 1917 | Maria Lygia Franco Barrios | 1916 |
| Maria José de Souza | 1905 | Maria Magdalena Damy | 1900 |
| Maria José Ferraz Fonseca | 1899 | Maria Magdalena de Lima | 1888 |
| Maria José Figueiredo | 1879 | Maria Magdalena Ferraz de Andrade | 1865 |
| Maria José Lobo | 1888 | Maria Marcolina Monteiro de Barros | 1869 |
| Maria José Machado | 1914 | Maria Margarida Auhý | 1910 |
| Maria José Mascarenhas | 1892 | Maria Margarida Cury | 1916 |
| Maria José Miranda de Vasconcellos | 1899 | Maria Margarida de Souza Neves | 1917 |
| Maria José Monteiro | 1912 | Maria Margarida dos Santos Pereira | 1903 |
| Maria José Monteiro de Barros | 1898 | Maria Mercedes Junqueira | 1914 |
| Maria José Nogueira de Carvalho | 1878 | Maria Monteiro | 1908 |
| Maria José Palma de Souza | 1919 | Maria Nazareth Bastos | 1912 |
| Maria José Pereira de Moraes | 1899 | Maria Nazareth Cabral Vasconcellos | 1895 |
| Maria José Pinto Neves | 1872 | Maria Nuncia Ferraz | 1880 |
| Maria José Rodrigues | 1896 | Maria Nuncia Ferraz de Barros | 1889 |
| Maria José Teixeira | 1866 | Maria Odette de Campos | 1911 |
| Maria José Wagner | 1905 | Maria Odette J. Guimarães | 1915 |
| Maria Josepha Meirelles Junqueira | 1892 | Maria Olympia Cerquinho | 1885 |
| Maria Josephina Berlinck | 1915 | Maria Olympia Cintra Ferreira | 1906 |
| Maria Josephina da Rocha | 1882 | Maria Olyntha Ferreira | 1919 |
| Maria Josephina Magalhães | 1910 | Maria Perpetua Duarte | 1871 |
| Maria Judith Pinto de Almeida | 1882 | Maria Perpetua Duarte Arruda | 1894 |
| Maria Julia Correa Galvão | 1890 | Maria Pia de Castro Rosa | 1886 |
| Maria Julia de Barros | 1874 | Maria Pia de Figueiredo | 1881 |
| Maria Julia Joly | 1894 | Maria Pinto Nunes | 1860 |

| | | | |
|------------------------------------|------|-----------------------------------|------|
| Maria Possidonia de Carvalho | 1868 | Marieta Corrêa da Conceição | 1917 |
| Maria Prima da Conceição Barcellos | 1886 | Marieta de Azevedo Marques | 1905 |
| Maria Primeira de Moraes | 1907 | Marieta Galvão | 1907 |
| Maria Raphaela de Paula Souza | 1865 | Marieta Penteado | 1894 |
| Maria Regina Guerra | 1913 | Marieta Pinto Blandy | 1900 |
| Maria Rezende Groupierre | 1899 | Marieta Pires da Silva | 1907 |
| Maria Rita Bueno de Carvalho | 1871 | Marina B. Monteiro dos Santos | 1916 |
| Maria Rita Correa Rosa | 1884 | Marina C. de Souza Aranha | 1916 |
| Maria Rita da Silva Machado | 1884 | Marina de Mattos Pacheco | 1911 |
| Maria Rita de Mello Taques | 1860 | Marina de Queiroz Telles Moraes | 1910 |
| Maria Rita do Amaral Camargo | 1860 | Marina de Vasconcellos Prado | 1918 |
| Maria Rita Ferraz de Camargo | 1885 | Marina Prost de Souza | 1892 |
| Maria Rita Freitas | 1872 | Marina Sampaio do Amaral | 1912 |
| Maria Rita M. Mello | 1863 | Marina Tapié | 1905 |
| Maria Rita Roso | 1888 | Martha Quartim | 1912 |
| Maria Rodrigues Guimarães | 1913 | Mary Lapa | 1893 |
| Maria Rosa Galvão | 1911 | Mary Soares Reinhardt | 1901 |
| Maria Rosa Lopes Rodrigues | 1861 | Mathilde Augusta Leite | 1884 |
| Maria Rosa Ribeiro | 1916 | Mathilde Bierrembach | 1884 |
| Maria Ruth de Toledo | 1910 | Mathilde Honorata Arruda Mendes | 1884 |
| Maria Salomé Teixeira | 1901 | Mathilde Mesquita Sampaio | 1895 |
| Maria Sampaio Barros | 1907 | Mathilde Pompeo | 1868 |
| Maria Seraphina Van Alstein | 1887 | Maurilia Tavares de Oliveira | 1917 |
| Maria Soares Lacerda | 1879 | Maxima de Paula Lima | 1902 |
| Maria Soledade Pinto de Almeida | 1862 | Maximia Moreira Lima | 1868 |
| Maria Terceira Diniz Junqueira | 1881 | Mecia de Souza Freire | 1873 |
| Maria Theobisia Diniz Junqueira | 1881 | Michelina de Andrade Duarte | 1864 |
| Maria Theodora Melchert | 1866 | Militania Leal Guimarães | 1881 |
| Maria Theodora Nogueira | 1867 | Minervina Galvão de França Rangel | 1877 |
| Maria Thereza Bueno | 1906 | Miquelina Escobar Teixeira | 1859 |
| Maria Thereza C. Salles | 1910 | Mirandolina A. C. Loureiro | 1888 |
| Maria Thereza Cruz | 1912 | Moretina Dias | 1903 |
| Maria Thereza de Oliveira Machado | 1906 | Nadia da Costa Alves | 1900 |
| Maria Tibiriça de Queiroz Telles | 1866 | Nair Cintra do Prado | 1912 |
| Maria Umbelina Barboza Cunha | 1881 | Nair de Camargo | 1906 |
| Maria Umbelina de Souza Aranha | 1884 | Nair de Mello Oliveira | 1918 |
| Maria Valentini | 1906 | Nair de Paula Lima | 1917 |
| Maria Vianni | 1903 | Nair Junqueira de Andrade | 1918 |
| Maria Victoria Cotching | 1895 | Narcisa Soares de Arruda | 1878 |
| Maria Victoria Raggio | 1883 | Natalia Nogueira Mattos | 1903 |
| Maria Vieira da Palma | 1892 | Natalina Fenili | 1878 |
| Maria Vitalina de Oliveira | 1872 | Nathalia Franco do Amaral | 1892 |
| Maria Xavier de Almeida Campos | 1877 | Nazira de Mello Oliveira | 1918 |
| Maria Xavier Rabelo | 1905 | Nelia de Paula Leite | 1908 |
| Maria Zenaide Paes de Barros | 1895 | Nicolina Soares | 1901 |
| Mariana Ida Liserre | 1907 | Nisia da Silva Pacheco | 1886 |
| Marianna Abranches | 1888 | Nisia Ferreira Pacheco | 1900 |
| Marianna Alves Ferreira | 1877 | Noemia Bierrembach | 1882 |
| Marianna Alves Figueiredo | 1889 | Noemia de Araujo Roso | 1900 |
| Marianna Bemvinda de Carvalho | 1882 | Noemia de Azevedo Marques | 1907 |
| Marianna Candida Pereira | 1879 | Noemia de Moraes | 1894 |
| Marianna da Fontoura Costa | 1914 | Noemia de Queiroz Telles | 1897 |
| Marianna de Souza Freury | 1873 | Noemia do Amaral Martins | 1899 |
| Marianna Dias Guillon | 1919 | Noemia Fonseca | 1891 |
| Marianna Elydia Diniz Junqueira | 1882 | Noemia Ribeiro | 1903 |
| Marianna Fagundes | 1860 | Noemia Spinola da Silva | 1903 |
| Marianna Gonçalves | 1914 | Noemia Teixeira | 1897 |
| Marianna Guilhermina Kiehl | 1859 | Noemia Theodora Monteiro | 1907 |
| Marianna Justina Leite Ribeiro | 1893 | Ocrisia de Abreu Soares | 1878 |
| Marianna Lima | 1910 | Octavia Vieira Bueno | 1895 |
| Marianna Malvina de Castro | 1888 | Odila Cintra Ferreira | 1909 |
| Marianna Marcondes de Mattos | 1875 | Odila de Paula Leite | 1907 |
| Marianna Marcondes Godoy | 1879 | Odila Ferreira de Camargo | 1887 |
| Marianna Robert | 1892 | Odila Fonseca | 1906 |
| Marianna S. Nogueira | 1915 | Odilina Coimbra | 1901 |
| Marianna Theodolina Vasconcellos | 1876 | Olesia Lacerda | 1889 |
| Marieta Antonieta Camara | 1904 | Olesia Toledo | 1913 |

| | | | |
|-------------------------------------|------|---------------------------------|------|
| Olga de Queiroz Telles | 1908 | Placidina Palhares | 1875 |
| Olga de Queiroz Telles Moraes | 1903 | Policena de Paula Castanho | 1882 |
| Olga de Souza Queiroz | 1900 | Proserpina Cardoso | 1890 |
| Olga Ferreira | 1899 | Pudenciana Carvalhaes Oliveira | 1890 |
| Olga Mendes | 1915 | Quintina Amelia Pacheco Jordão | 1870 |
| Olga Paes de Barros | 1907 | Rachel Judith Valente | 1890 |
| Olga Pereira Mendes | 1912 | Raphaela Augusta Novelli | 1889 |
| Olga Pontes | 1908 | Regina Loureiro | 1896 |
| Olga Sampaio Barros | 1908 | Regina Pinto | 1892 |
| Olga Valentini | 1906 | Reginalda de Oliveira Andrade | 1862 |
| Olinda Antunes dos Santos | 1900 | Reine Germaine Cazes | 1867 |
| Olinda de Freitas | 1872 | Risoleta Civatti | 1917 |
| Olinda Villela de Castro | 1888 | Risoleta de Oliveira Machado | 1883 |
| Olivia Corrêa de Meira | 1871 | Risoleta Soares | 1862 |
| Olivia da Silva Guimarães | 1906 | Rita Amelia Conceição | 1874 |
| Olivia de Andrade Soares | 1890 | Rita Amelia de Mesquita Sampaio | 1879 |
| Olivia de Camargo | 1874 | Rita Amelia de Sillos Lima | 1878 |
| Olivia de Campos Toledo | 1894 | Rita Augusta da Silveira Mello | 1898 |
| Olivia Pacheco Jordão | 1865 | Rita Camargo Gramminha | 1887 |
| Olivia Pilar Prestes | 1891 | Rita Dacia Meirelles | 1872 |
| Olivia Pompeo de Amaral | 1860 | Rita de Cassia Lacerda | 1871 |
| Olivia Ricci | 1914 | Rita de Moraes Barros | 1903 |
| Olivia Soares | 1887 | Rita de Queiroz Telles Moraes | 1881 |
| Olympia Augusta da Fonseca | 1859 | Rita Ernestina Diniz Junqueira | 1892 |
| Olympia Augusta Diniz Monteiro | 1881 | Rita Gonçalves Queiroz Santos | 1865 |
| Olympia Candida Junqueira Meirelles | 1883 | Rita Luiza Nogueira | 1884 |
| Olympia de Camargo Leite | 1870 | Rita Paulina de Lima | 1912 |
| Olympia de Freitas | 1895 | Rita Ribeiro da Rocha | 1908 |
| Olympia de Souza Barreto | 1875 | Robertina Pires | 1892 |
| Olympia do Amaral | 1890 | Robertina Prost de Souza | 1886 |
| Olympia do Amaral Campos | 1892 | Romilia Soares | 1862 |
| Olympia do Amaral Lapa | 1871 | Rosa Candida de Oliveira | 1913 |
| Olympia Pilar Mattos | 1902 | Rosa da Silva Prado | 1894 |
| Olympia Sampaio de Barros | 1879 | Rosa do Prado | 1895 |
| Olympia Theodora Severo Baptista | 1888 | Rosa Jenny Escobar | 1902 |
| Olympia Vieira Paraíso | 1860 | Rosalia Speers | 1874 |
| Ondina Barbosa Quirino | 1911 | Rosalina Abreu Cesar Mattos | 1879 |
| Ondina Guimarães de Barros | 1905 | Rosalina Amelia Parada | 1882 |
| Ordalia Constança Oliveira | 1891 | Rosalina da Silva Moraes | 1860 |
| Orgulina Augusta da Silveira | 1892 | Rosalina de Camargo Franco | 1898 |
| Orlinda Freire de Figueiredo | 1883 | Rosalina de Moraes Setubal | 1863 |
| Othilia Barbosa | 1899 | Rosalina de Souza Aranha | 1881 |
| Othilia de Camargo Penteado | 1887 | Rosalina Ferraz | 1884 |
| Othilia de Souza Moraes | 1897 | Ruth Aparecida de Queiroz | 1915 |
| Othilia Godwin | 1892 | Ruth Ferraz Sampaio | 1907 |
| Othilia Gomes Pinto | 1891 | Ruth Mattos Penteado | 1913 |
| Othilia Leite de Barros | 1887 | Ruth Penteado | 1900 |
| Othilia Lindenberg | 1899 | Ruth Pires do Amaral | 1904 |
| Ottília Ferreira Penteado | 1884 | Ruth Pupo | 1907 |
| Ottília Pompeo do Amaral | 1860 | Sarah Speers | 1902 |
| Ovidia de Carvalho | 1900 | Sebastiana Custodia Bueno | 1883 |
| Palmyra de A. Fontão | 1905 | Sebastiana da Cunha Bueno | 1866 |
| Palmyra de Campos | 1907 | Sebastiana de Barros Silva | 1889 |
| Paula Ferreira | 1896 | Sebastiana Ellis Ripper | 1914 |
| Paulina de Lima | 1918 | Sebastiana Ferraz | 1899 |
| Paulina de Souza Queiroz | 1872 | Sebastiana Godoy | 1910 |
| Paulina Paris | 1868 | Sebastiana Godoy | 1912 |
| Paulina Raggio | 1889 | Sebastiana Junqueira Penteado | 1909 |
| Petronilha Martins da Cunha | 1896 | Sebastiana Luiza M. Meixner | 1917 |
| Philomena A. Leopoldo e Silva | 1909 | Sebastiana M. da Silva Gordinho | 1889 |
| Philonema Baldassari | 1904 | Sebastiana Quartim | 1880 |
| Pia Angelini | 1903 | Sebastiana Rodrigues | 1902 |
| Placidia de Almeida Sampaio | 1890 | Sebastiana Teixeira das Neves | 1888 |
| Placidia Pacheco e Silva | 1877 | Semiramis Fontoura Coimbra | 1902 |
| Placidia Soares Lacerda | 1894 | Semiramis Rodrigues | 1898 |
| Placidia Xavier de Campos | 1909 | Simpliciana Nogueira | 1867 |
| Placidina da Fonseca | 1882 | Siomara Penteado | 1890 |

| | | | |
|------------------------------------|------|----------------------------------|------|
| Sisinia de Paula Souza | 1865 | Urania Ablas da Silva | 1909 |
| Sophia A. Naclerio Homem | 1915 | Urbana Monteiro | 1911 |
| Sophia Augusta de Oliveira | 1903 | Urcecina Alzira de Carvalho | 1891 |
| Sophia Corrêa | 1901 | Ursula de Camargo Andrade | 1892 |
| Sophia da Silva Prado | 1917 | Ursulina Alice Rodrigues | 1890 |
| Sophia de Almeida Prado | 1899 | Ursulina Alves Godoy | 1906 |
| Sophia de Almeida Prado | 1911 | Ursulina Barbosa Engler | 1865 |
| Sophia de Barros Aguiar | 1874 | Ursulina Bueno Penteadó | 1894 |
| Sophia Eugenia Arruda Botelho | 1885 | Valdomira d'Abreu Soares | 1880 |
| Sophia Peixoto Gomide | 1891 | Valentina Barbosa | 1899 |
| Stella Barroso de Souza | 1913 | Valentina Bastos da Silva | 1897 |
| Suzana Rousseau | 1907 | Valentina Civatti | 1882 |
| Suzana Simeira | 1919 | Valentina de Almeida Prado | 1899 |
| Suzanna Corrêa | 1897 | Valentina Elvira dos Santos | 1888 |
| Suzanna Pinto de Almeida | 1882 | Valentina Pinto de Moraes | 1893 |
| Sylvia Bueno | 1895 | Valentina Pinto Neves | 1866 |
| Sylvia C. de Souza Aranha | 1918 | Valentina Pompeo do Amaral | 1885 |
| Sylvia Cintra de Mello | 1903 | Valmira da Conceição Oliveira | 1906 |
| Sylvia de Almeida Sampaio | 1891 | Veridiana Conceição | 1863 |
| Sylvia de Araujo Jordão | 1902 | Vicencia Brenha Ribeiro | 1904 |
| Sylvia de Paula Leite | 1896 | Vicencia da Silva Prado | 1865 |
| Sylvia de Queiroz Telles Moraes | 1903 | Vicencia Pacheco de Moraes | 1870 |
| Sylvia de Souza Camargo | 1895 | Vicentina Bierrembach | 1882 |
| Sylvia Ferreira de Camargo | 1889 | Vicentina da Silva | 1890 |
| Sylvia Ferreira de Camargo | 1897 | Vicentina de Almeida Campos | 1906 |
| Sylvia Junqueira Netto | 1909 | Vicentina Padula | 1911 |
| Sylvia Leite Penteadó | 1900 | Victoria da Motta Alves | 1892 |
| Sylvia S. Camargo | 1911 | Victoria de Quadros Pinto | 1880 |
| Sylvia Silveira de Almeida | 1902 | Victoria Pinto | 1860 |
| Sylvia Vilhena de Andrade | 1895 | Violeta Cardia Ferreira | 1913 |
| Tarquina Nunes de Abreu | 1879 | Violeta Sarti | 1912 |
| Tercilia de Camargo Andrade | 1899 | Virgilia Martins da Silva | 1881 |
| Tercilia Teixeira Novaes | 1878 | Virgilina Correa de Andrade | 1886 |
| Theofila Theodora S. Baptista | 1888 | Virginia Amelia de Assis Pacheco | 1863 |
| Theolinda de Carvalho Sampaio | 1885 | Virginia Eustachia de Mello | 1880 |
| Thereza Amelia de Toledo | 1910 | Virginia Faraldi | 1913 |
| Thereza Christina da Silva Silvado | 1878 | Virginia Guimarães | 1913 |
| Thereza Christina de Almeida | 1871 | Virginia Maria Hilst | 1908 |
| Thereza Corrêa de Camargo | 1862 | Virginia Martini | 1901 |
| Thereza Corrêa Leite | 1897 | Virginia Villa Lobos | 1901 |
| Thereza Correa Pacheco | 1878 | Vitalina Augusta do Amaral | 1879 |
| Thereza da Fonseca Bicudo | 1895 | Vitalina de Oliveira Santos | 1874 |
| Thereza de Arruda Ferraz | 1861 | Vitalina Ferreira de Camargo | 1889 |
| Thereza de Jesus e Silva | 1878 | Vitalina Fonseca | 1872 |
| Thereza de Jesus Oliveira Lopes | 1869 | Vitalina Pereira Mendes | 1877 |
| Thereza de Mattos | 1869 | Vitalina Pompeo | 1863 |
| Thereza de Oliveira | 1869 | Waldonira Guimarães | 1911 |
| Thereza de Oliveira Camargo | 1866 | Wanda de Camargo Penteadó | 1890 |
| Thereza de Oliveira Motta | 1907 | Winifrida Camargo Daunte | 1865 |
| Thereza Dias Ferraz | 1871 | Yolanda Ferreira Alves | 1912 |
| Thereza Fedula | 1904 | Yolanda Leite de Barros | 1916 |
| Thereza Ferreira do Amaral | 1911 | Yolanda Pucci | 1910 |
| Thereza Leite de Carvalho | 1871 | Yraides Silva | 1915 |
| Thereza Meira | 1877 | Yveta Florisa de Mello | 1899 |
| Thereza Pompeo de Camargo | 1886 | Yveta Simeira | 1919 |
| Thereza Ribeiro de Araujo | 1909 | Zaida Moraes Alves | 1901 |
| Thereza Rosalina de Moraes Abreu | 1873 | Zaira de Souza Marino | 1912 |
| Thereza Ulhõa Cintra | 1899 | Zebina Galvão de Mattos | 1900 |
| Thereza Xavier de Almeida Campos | 1879 | Zelia de Araujo Geribello | 1917 |
| Uarde Abichabki | 1915 | Zelia de Camargo | 1905 |
| Ualdina de Almeida Sampaio | 1888 | Zelia de Queiroz Telles | 1915 |
| Ualdina de Andrade Junqueira | 1904 | Zelia Pinto | 1892 |
| Umbelina Cabral de Vasconcellos | 1909 | Zelia Soares da Cunha | 1906 |
| Umbelina de Almeida Campos | 1877 | Zelinda Romero Anhaia | 1906 |
| Umbelina de Almeida Prado | 1892 | Zelma Rodrigues | 1896 |
| Umbelina Luiza de Queiroz | 1874 | Zenaide Cunha | 1907 |
| Umbelina Pereira Mendes | 1890 | Zenaide da Camargo Barros | 1893 |

| | | | |
|---------------------------|------|----------------------------------|------|
| Zenaide de Assis Pacheco | 1894 | Zoraide Baldassari | 1904 |
| Zenaide de Barros Vaz | 1893 | Zuleide Dias Pinheiro | 1910 |
| Zenaide de Queiroz Telles | 1879 | Zuleika Ablas da Silva | 1909 |
| Zenaide Lapa | 1893 | Zuleika Bierrembach Castro Prado | 1910 |
| Zephirina Tucunduva | 1891 | Zuleika Fontoura | 1918 |
| Zephirina Vaz Seabra | 1872 | Zulmira Adelaide de Souza Aranha | 1883 |
| Zila de Azevedo Arruda | 1891 | Zulmira de Albuquerque Maranhão | 1884 |
| Zilda Barroso | 1913 | Zulmira Fleury | 1900 |
| Zilda Camargo | 1906 | Zulmira Machado Junqueira | 1903 |
| Zilda de Amaral Sampaio | 1894 | Zulmira Penteado | 1894 |
| Zoé Fontoura | 1911 | | |